

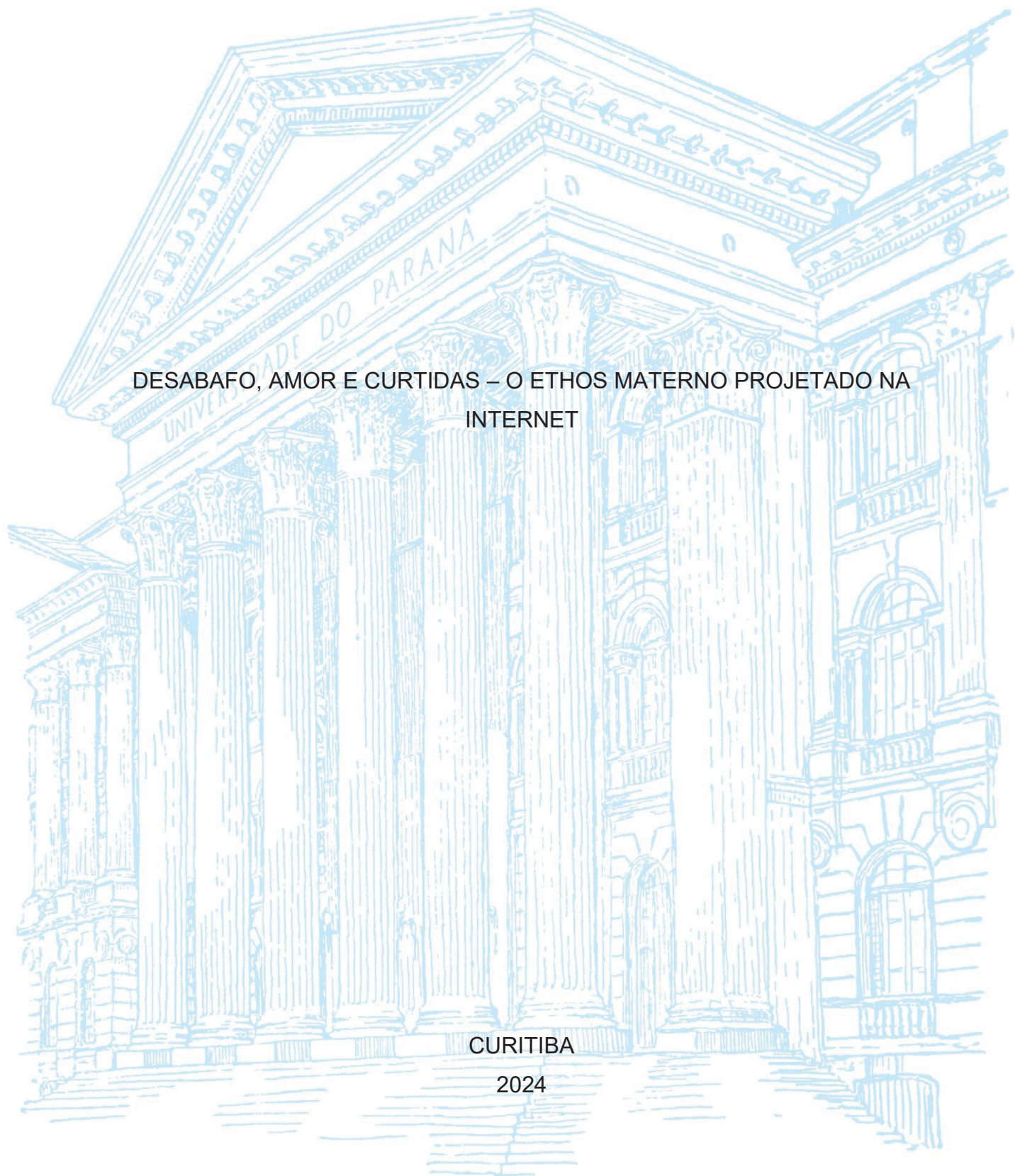
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BÁRBARA LUISA MARTINS WIELER

DESABAFO, AMOR E CURTIDAS – O ETHOS MATERNO PROJETADO NA
INTERNET

CURITIBA

2024



BÁRBARA LUISA MARTINS WIELER

DESABAFO, AMOR E CURTIDAS – O ETHOS MATERNO PROJETADO NA
INTERNET

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Estudos
Linguísticos, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e
Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Negri

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Wieler, Bárbara Luisa Martins

Desabafo, amor e curtidas : o ethos materno projetado na Internet. /
Bárbara Luisa Martins Wieler. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lígia Negri.

1. Análise do discurso. 2. Maternidade. 3. Mães. 4. Internet – Aspectos
sociais. I. Negri, Lígia, 1953-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **BÁRBARA LUISA MARTINS WIELER** intitulada: ***Desabafo, amor e curtidas: O ethos materno projetado na internet.***, sob orientação da Profa. Dra. LIGIA NEGRI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Maio de 2024.

Assinatura Eletrônica
05/06/2024 12:14:50.0

LIGIA NEGRI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
04/06/2024 10:00:22.0

TERESA CRISTINA WACHOWICZ
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
04/06/2024 20:10:18.0

GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
03/06/2024 13:20:46.0

ROBERTO LEISER BARONAS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS)

Assinatura Eletrônica
03/06/2024 15:51:08.0

MARINA CHIARA LEGROSKI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Este trabalho é dedicado a todas as mães que inventam a própria maternidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, energia que mora em mim, fortaleza, lume e refúgio, Aquele a quem dirijo meu alívio e a quem mando minha piscadinha cúmplice: “é, Cara, deu tudo certo!”.

Aos meus pais, Maria Rita e Geraldo, entusiastas do meu caminho pelo saber e incentivadores dos meus sonhos.

Às mães autoras, por se permitirem a realidade, por revelarem, por meio de palavras, os segredos indizíveis, por me fazerem companhia nos túneis escuros da travessia.

Às mães amigas, pela inspiração e pelos espelhos, por me refletirem e me refratarem, pela multiplicidade colorida de amar e de sentir.

Aos amigos que leram meus desabafos sobre maternidade quando eu costumava escrevê-los e, com seus comentários, abriram várias janelas em minha percepção.

Aos colegas da Consultoria Jurídica do Tribunal de Justiça do Paraná, local em que fiz dois anos de estágio de doutorado e no qual fui muito feliz. Estar com vocês foi transformador.

À professora Teresa Wachowicz, que não desistiu de nós na pandemia, e com carinho e firmeza conduziu as aulas on-line. Minha admiração pela sua maestria e por sua determinação, mas, especialmente, pelo seu jeito único de nos ensinar. Sofri muito nas aulas de Semântica, quis chorar e desistir, mas como cresci!

À professora Lígia Negri, minha orientadora, alguém tão genial quanto acolhedora, que soube me guiar com liberdade e me ensinar com asserção. Não haveria pessoa melhor para ser minha companhia nesses quatro anos de aprendizados e reconstruções.

Ao meu amor dessa e de todas minhas vidas, R.. O pai dos meus filhos. Meu #tudo.

Aos meus filhos, Ana Clara, Cecília, Pedro, Heitor, Bela. Apesar de vocês ou por causa de vocês? Ainda não sei. Chegamos até aqui e você chegaram comigo.

RESUMO

A presente tese pretende defender a existência de um ethos materno contemporâneo, construído na internet, marcado pelo desabafo, mas também pela ressalva quanto ao amor sentido pelos filhos. A pesquisa se filia à Análise do Discurso Francesa, campo do conhecimento que busca entender os efeitos de sentido dos enunciados ao inscrevê-los em uma determinada Formação Discursiva e examiná-los a partir dos três pilares que os sustentam, isto é, o sujeito, a História e a Ideologia. Defenderemos, com esse percurso de análises, a hipótese de haver, no discurso das mães, um acontecimento enunciativo (definição de Freda Indursky), isto é, uma mudança de posição-sujeito em relação à identificação com a Formação Discursiva ora analisada. Como referencial biográfico, autores como Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Marie-Anne Paveau e Dominique Maingueneau auxiliarão no arcabouço teórico com os conceitos que serão utilizados nas análises. A concepção de ethos, noção retomada e desenvolvida por Maingueneau, que constitui a projeção da imagem do sujeito por meio do discurso, orientará a leitura do corpus. A metodologia de pesquisa se baseia na coleta do corpus, a partir de seleção de postagens em blogs e Instagram, categorizando, por meio dos vestígios de linguagem, enunciados afins e reveladores de determinadas características do discurso. Como resultado, depreende-se que há, de fato, um ethos materno que conjuga reclamação e declaração de amor, no entanto, não se pode confirmar o acontecimento enunciativo (ao menos não como discurso homogêneo), visto que a posição-sujeito ainda permanece identificada com o discurso dominante na Formação Discursiva do discurso das mães.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Maternidade; Internet.

ABSTRACT

The present thesis aims to defend the existence of a contemporary maternal ethos, built on the internet, marked by venting, but also by reservations regarding the love felt for children. The research is affiliated with French Discourse Analysis, a field of knowledge that seeks to understand the meaning effects of statements by inscribing them in a certain Discursive Formation and examining them from the three pillars that support them, i.e., the subject, History and Ideology. With this course of analysis, we will defend the hypothesis that there is an stated event (defined by Freda Indursky) in the mothers' discourse, that is, a change of subject-position in relation to identification with the Discursive Formation being analyzed. As a biographical reference, authors such as Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Marie-Anne Paveau and Dominique Maingueneau will help in the theoretical framework with the concepts that will be used in the analyses. The concept of ethos, a notion taken up and developed by Maingueneau, which constitutes the projection of the subject's image through discourse, will guide the reading of the corpus. The research methodology is based on the collection of the corpus, based on a selection of posts on blogs and Instagram, categorizing, through traces of language, related statements that reveal certain characteristics of the discourse. As a result, it can be inferred, in fact, a maternal ethos that combines complaint and declaration of love, however, the stated event cannot be confirmed (at least not as a homogeneous discourse), since the subject-position still remains identified with the dominant discourse in the Discursive Formation of mothers' discourse.

Keywords: Discourse Analysis; Maternity; Internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O DISCURSO	24
1.1 DISCURSO, FORMAÇÃO DISCURSIVA e INTERDISCURSO	26
1.2 ETHOS	42
1.2.1 A construção do ethos nas postagens	46
1.2.2 O ethos e a criatividade	52
2 A MATERNIDADE	56
2.1 MATERNIDADE E CRISTIANISMO	59
2.2 A MATERNIDADE SEGUNDO O FEMINISMO	62
2.3 MATERNIDADE E ATIVISMO DIGITAL	66
2.4 A CULTURA E A MATERNIDADE	69
2.5 O AMOR MATERNO	71
3 BLOGS, REDES SOCIAIS E AS CENAS DA ENUNCIÇÃO	77
3.1 AS CENAS DA ENUNCIÇÃO	82
4 METODOLOGIA	86
5 ANÁLISE DO CORPUS	90
5.1 CATEGORIA <i>LINGUAGEM DOCE</i>	94
5.2 CATEGORIA <i>DISCURSO RELIGIOSO</i>	98
5.3 CATEGORIA <i>“MATERNIDADE NÃO É FÁCIL”</i>	104
5.4 CATEGORIA <i>HUMOR</i>	110
5.5 CATEGORIA <i>ETHOS SOFISTICADO</i>	118
5.6 CATEGORIA <i>DESABAFO</i>	128
5.7 CATEGORIA <i>MATERIALIDADE LINGÜÍSTICA</i>	132
5.7.1 Da maternidade ao maternar – a escolha do léxico	133
5.7.1.1 O verbo “maternar”	133
5.7.1.2 Criar X Maternar	136
5.7.2 Construção sintática e argumentativa - “Amo meus filhos, mas odeio ser mãe”	139
5.7.2.1 Inferências – acarretamentos, pressupostos e subentendidos	143

5.7.2.2 Amo meu filho, mas odeio ser mãe ou odeio ser mãe, mas amo meu filho.....	146
5.7.3 Mãezinha, noção e estereótipo – a interpelação do sujeito ‘mãe’.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159
ANEXOS	165

INTRODUÇÃO

Fruto das minhas inquietações, observações e epifanias, esta tese tem natureza científica, mas também é um relato da minha jornada pessoal – minha biografia e minha pesquisa se entrelaçam, permeáveis, uma abrilhantando e assombrando a outra, em um movimento inesgotável de aprendizado.

Quando fui mãe pela primeira vez, em 2010, as palavras, que sempre me foram vitais, o oxigênio da minha existência, transformaram-se em meu lume. Eu precisava inventar a minha maternidade e desenhar meu sentimento para torná-lo palpável, e eu só saberia fazê-lo por meio do meu discurso. Eu escrevia textos para registrar a efervescência psíquica, física e emocional que me arrebatava com a gestação e o nascimento da Ana Clara, e me alimentava de outros escritos, tentando me reconhecer e me acalantar nas palavras alheias. À época, ainda as redes sociais engatinhavam, e o lócus privilegiado para esse tipo de partilha eram os blogs virtuais, espécie de diários em que as pessoas criavam posts de múltiplas naturezas para divulgar ideias, sensações, vivências. Desde antes da gravidez, os blogs maternos eram meus prediletos. Eu gostava de acompanhar a descoberta, os sintomas, os desejos da gestação e, depois, como aquele bebê se desenvolvia.

Em 2010, a internet já estava estabelecida no Brasil. Cerca de 74 milhões de brasileiros, à época¹, tinham acesso à rede mundial de computadores e o consumo diário do conteúdo virtual era um hábito. O alcance dos blogs era considerável, com um tráfego que podia orbitar na casa dos milhares de leitores por dia nos sites mais famosos da rede. Na senda dos blogs maternos, alguns nomes ganharam fama e prestígio, tecendo em torno de si algo que foi apelidado de “pracinha”: a exemplo das praças reais, em que as mães se cruzam com os carrinhos de bebês e trocam dicas e conselhos, a tecnologia forjou o próprio espaço de compartilhamento. Se, por um lado, o público alcançado era inegavelmente maior, o ônus também era hiperbolizado. Ainda não havia o que chamaríamos, nos anos finais daquela

¹ De acordo com o Portal G1, em 2010, 35,1 milhões de lares brasileiros tinham acesso à internet. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/brasil-tem-432-milhoes-de-usuarios-ativos-de-internet-segundo-ibope.html>

década, de cancelamento, mas já havia comentários maldosos e raivosos. A despeito destes, sobressaíam-se os comentários positivos, de tons elogiosos e encorajadores. Nutria-se, assim, um canal de comunicação que permitia às mães relatarem as deliciosas descobertas daquela condição especial. É inegável que a maternidade sempre foi uma pauta social, e especialmente no Brasil, um país irrigado pelos valores cristãos e patriarcais, a sacralização da figura da mãe, destacando-a da população (mas também a silenciando!), era (é!) uma norma. Os blogs e, em seguida, as redes sociais, renovaram esse discurso: tínhamos agora a possibilidade de a própria mãe falar sobre seu ofício (ou sua *maternagem*, nome que foi popularizado para atender ao significado pretendido contemporaneamente) e, sobretudo, de problematizá-la. As postagens não apenas celebravam a função. Pipocavam, ali e aqui, conteúdos em tom de desabafo e de lamento, mostrando um lado mais omitido da maternidade.

Como leitora ávida desse conteúdo, os enunciados extravasam o meu interesse como mãe fruidora desse conhecimento e passaram a tocar em meu arcabouço de linguista. Desde que aprendi a ler e escrever, aos 3 anos, as palavras me são mais do que um meio de comunicação: são um talismã, um oráculo. Assim como me revelo por meio delas, elas também descortinam o mundo para mim. É no colorido das palavras, das escolhas lexicais, na eloquência dos silêncios, na fuga para lugares-comuns cristalizados, na criatividade textual que nomeia sentimentos que desenhamos nossa vida e nos forjamos sujeitos. As palavras não me passavam despercebidas, tampouco o discurso produzido por meio delas – já tateando a ideia de discurso como “efeito de sentido”, como defendida por Michel Pêcheux (1997). Eu já era uma analista do discurso sem sabê-lo, atenta aos meandros que o constituem: as autoras-sujeito, a interlocução, o momento vivido, o contexto, a ideologia ali manifestada. Mais do que o conteúdo ali consumido, eu me atraía pelas camadas que o embrulhavam e as intenções – escancaradas ou ocultas – que o delineavam. As palavras me fascinavam, me desafiavam e me provocavam. Eu estava diante do duplo incontornável da interação e da linguagem na interação (e evoco agora uma citação que alinhavou meu percurso nos últimos quatro anos, voltando-me a ela em vários momentos de estudo):

não podemos, pela sua [a interação e a linguagem] relevância para a compreensão das questões humanas, escapar de estudá-las (não podemos contorná-las no sentido de desviar delas); e não dispomos de qualquer teoria capaz de contorná-las (no sentido de traçar uma linha teórica que as contenha). (FARACO, 2005, p. 214)

Eu já percebia um rico e abundante material sobre uma maternidade que se erigia, uma maternidade fresca, contemporânea, mais reflexiva, mas ainda presa ao cordão umbilical dos valores tradicionais, alimentada pela placenta de um ideário ocidental cristão que sustentava muitas falas e muitas culpas. Como eu, muitas mães encontraram nas palavras um procedimento para inventar a própria maternidade. Não por acaso, até hoje, percebo ser esse um movimento natural entre meus pares: com a gravidez e com o nascimento da criança, a necessidade de se registrar essas efemérides sobrepuja mesmo as personalidades mais recatadas. Com as possibilidades da internet, escrever sobre o momento especial vivido virou uma maneira de formalizá-lo e de oficializar sentimentos, transformando o registro textual em uma consagração, uma celebração daquela nova relação e daquele misterioso e intenso sentimento. Já adentrando as alamedas frondosas da Análise do Discurso, há, ainda, a ilusão adâmica de ser a primeira pessoa a falar sobre aquilo, ou falar daquele modo (BAKHTIN, 1997). O deslumbramento de ser o responsável por uma vida inspira a criar um vocabulário próprio – desenvolve-se a linguagem do amor, e é essa linguagem que concretiza o sentimento. Ademais, é primordial sinalizar para uma outra tendência florescida no seio virtual – a reprodutibilidade de um comportamento. Quando os pares começam a se portar de um determinado modo, incorporar um dado discurso, como em um efeito manada, os outros sujeitos desse mesmo meio passam a replicar essa forma de agir e de falar. As postagens, nesse viés, não são apenas registros particulares de um sentimento avassalador que se tenta materializar por meio de palavras, mas também registros que se ensejam numa cadeia de enunciados esperada para um determinado círculo social. Nesse ponto, é inevitável apontar para um recorte dos sujeitos produtores desse enunciado: são mães, brasileiras, pertencentes à classe

média, brancas². Esses dados serão retomados oportunamente e é essencial escrutinar a análise à luz desse perfil e dessa situação de produção. Do mesmo modo, vale ressaltar que este estudo vai se concentrar nesses sujeitos autores. Enunciados sobre paternidade ou mesmo enunciados produzidos pelos pais, certamente, condensam um rico manancial de análise ou reflexões, mas entendendo que isso me direcionaria para outro ponto e me demandaria outras leituras e suportes teóricos, optei por me concentrar na produção das mães nesse momento. Mesmo as problematizações sobre a participação dos pais na criação dos filhos ou sobre o machismo estrutural que fomenta o interdiscurso dos enunciados de nosso corpus poderiam ser mais extensas, no entanto, como metodologia, elas serão limitadas aos objetivos aqui traçadas.

Envolvida com esse conteúdo, eu também acompanhava a criação de um ethos (mesmo sem ainda saber sobre esse conceito, que seria basilar para o presente estudo) materno revolucionário. Dominique Maingueneau (estudioso referência na condução dos propósitos deste estudo), retomando a sabedoria grega, que na retórica aristotélica já havia conceituado os *ethé*, define ethos como “as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem” (MAINGUENEAU, 1997, p. 45), e esse foi um objeto especial de minhas ponderações: de que modo o discurso criado e organizado por aquelas mães falava sobre elas mesmas? Como eu visualizava aquele sujeito a partir do que e de como ele relatava sobre a maternidade? E, sobretudo, qual era a mágica discursiva que levava todas as autoras a repetir uma fórmula, ainda que cada uma com suas palavras? Essa fórmula me ficou clara não imediatamente, mas após intensa exposição às postagens. Os posts queixosos existiam e não eram raros, mas, sem exceção, em algum momento, esses

² Frisa-se, aqui, ser esse o escopo do nosso corpus. Sabemos que, especialmente contemporaneamente, a diversidade de perfis voltados à maternidade colore a discussão com outras possibilidades (como a maternidade preta, a maternidade solo, a maternidade de mães homossexuais), contudo, para esse estudo, os posts coletados atendem a esse perfil. Também vale salientar que o discurso a que nos referimos aqui está ligado às mães de bebês ou de crianças muito pequenas

conteúdos faziam referência ao amor da mãe à criança, ou mesmo, numa autoindulgência, atenuavam aquele momento de turbulência em nome de um sentimento mais pujante e mais importante, abafando, em algum grau, a lamentação anteriormente feita. Por muito tempo, essa percepção sobre os enunciados dominou minha leitura: a virtualidade havia aberto espaço para um discurso materno revolucionário, em que mesmo confissões menos esperadas de uma mãe eram possíveis (afinal, até então, socialmente, a maternidade era vista como uma dádiva sobre a qual inexistiam reclamações), no entanto, estas inevitavelmente vinham acompanhadas de uma reafirmação do amor pelo filho e das delícias de tê-lo, como se houvesse um temor de que uma ressalva pudesse minimizar ou mesmo anular o sentimento materno.

Em 2015, defendi meu mestrado³ na UFPR, mesma Universidade em que me graduei, na área de Literatura. À ocasião, eu estava grávida de 39 semanas da minha segunda filha, a Cecília, e conciliava a maternidade com a gestação e a pesquisa. Embora fosse na área literária o tema do meu estudo – os romances chick-lit, da chamada literatura cor-de-rosa –, ainda revisito a sabedoria ali cultivada, pois me legou bases fundamentais para se pensar sobre mulheres (aliás, *mulheres*, sempre no plural, afinal, não há apenas um perfil de mulher, como aprendi na minha pesquisa), sobre a produção feminina e sobre a recepção de tais ideias. Percebo os estilhaços das mudanças pelas quais o mundo, em especial, o Brasil, passaria em minha dissertação: ainda em 2013, quando iniciei meu trajeto de pós-graduação, o preconceito contra esse tipo de recorte de estudo era assustador. Meus colegas de disciplina caçoaram da minha escolha de objeto, afinal, não havia relevância em uma literatura produzida por mulheres, perversa e ironicamente chamada de “mulherzinha”, como se fosse uma literatura de menor valor, e, por conseguinte, meu estudo igualmente. Hoje, quem sabe, esse tipo de fala fosse considerado inconveniente, especialmente no ambiente acadêmico, mas, à época, foi

³ Becky, Bridget e Claire, cinderelas modernas: uma identidade feminina construída pela chick-lit. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/40917>

naturalizado. Inevitavelmente, a minha própria observação sobre a literatura feminina foi contaminada por algum visco patriarcal – hoje, à luz do que a sociedade construiu, certamente minhas análises teriam outros tons e outros ângulos, mas entendo que minha compreensão era afetada pelo contexto: é o que chamamos de *condições de produção*, inalienáveis na análise de qualquer discurso. Aliás, apesar de eu não ter diretamente disposto das ferramentas da Análise do Discurso, a área já circundava meu olhar para não apenas interpretar os textos, mas perscrutá-los em relação aos intertextos, memórias e contextos que o compunham. De todo modo, adquiri uma bagagem teórica que me acompanha – e que me foi primordial no desenvolvimento desta tese –, como noções sobre identidade e feminismo, marcadamente a partir das teorias de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, além de ter lapidado entendimentos sobre a participação social das mulheres, bem como sobre o ideário que ainda hoje nos circunda, embebido de valores capitalistas, cristãos e patriarcais.

Após um breve período para arejar-me dos bancos acadêmicos, tive mais um filho, dessa vez, um menino, Pedro, nascido em 2017. A essa altura, minha maternidade já havia sido inventada, como costume denominar esse momento em que minhas escolhas como mãe estavam solidificadas a ponto de não mais me causarem apenas reflexões, mas também risos. Conquistei uma leveza no maternar, a qual entendi como fruto da experiência e da prática, de modo que não mais precisava problematizá-lo com a intensidade e frequência que o fazia quando minha primogênita era um bebê. O conteúdo sobre puericultura continuou entre os meus preferidos, mais por hábito de leitura do que por necessidade, e nesse ínterim uma mudança expressiva no mundo virtual, que já vinha se desenhando, foi sacramentada: se não houve a morte definitiva dos blogs, a participação deles foi substituída pelas redes sociais. Plataformas como Facebook e Instagram fagocitaram a existência daquela espécie de diário virtual e levaram os conteúdos por elas veiculados a um alcance de milhares de leitores. Os algoritmos⁴ são os

⁴ De acordo com Paveau (2017, p. 39), “Os algoritmos são sequências de instruções que permitem a solução de problemas (...) no tratamento de informação, procurando-a, processando-a,

protagonistas dessa nova era: se antes havia uma escolha pelo blog a seguir, a partir do advento desse novo modelo de comunicação, os conteúdos são apresentados quase compulsoriamente nas *timelines* dos usuários. Os algoritmos apreendem as preferências, e também as criam, abastecendo a pessoa com postagens que tanto podem ser primariamente do interesse dela como despertá-lo. Nessa estrutura, a partir de uma curtida, o algoritmo entende que há uma afinidade por dado tema e o leitor passa a ser bombardeado por posts semelhantes, criando o que se chama de bolha virtual. As bolhas virtuais são agrupamentos de pessoas com compatibilidades ideológicas ou visão de mundo similar. Ao contrário das Formações Discursivas (que serão debatidas no Capítulo 1), há uma rigidez nas fronteiras das bolhas, que, impermeáveis, parecem restringir as trocas e o mútuo compartilhamento entre as diferentes ideologias.

Percebo, notoriamente, que a internet, com seu banco de dados infinito e perenemente revitalizado, abarca todos os feixes discursivos sobre qualquer pauta: praticamente todas as visões e lados de um assunto encontram nichos para serem manifestados e debatidos nessa teia em que os discursos se entrelaçam e se dissipam, movimentos favorecidos pelas plataformas em que se agrupam. A percepção dessa realocação de meio como suporte para o discurso materno é primordial, pois, como será mais bem delineado no Capítulo 3, a cena enunciativa foi redecorada, o que legou impactos ao ethos da enunciadora, isto é, da autora da mensagem. Ademais, já se pode acenar para uma diferença na condição de produção demarcada por esse contraste de cenografia: se o blog tinha um caráter mais intimista, o Instagram é público; se o blog permite textos maiores, mais “amadurecidos”, o Instagram é uma plataforma da sincronia e da agilidade: textos curtos (de até 2200 caracteres), por vezes escritos no calor do momento, concomitantemente à passagem vivida. Essas características, como será aprofundado neste estudo, garantem peculiaridades aos enunciados e também à imagem do sujeito autor dos enunciados.

classificando-a, hierarquizando-a”. Ou seja, é uma espécie de curadoria realizada a partir da personalização do usuário, filtrando os conteúdos que mais se adéquam ao perfil, com base em dados pessoais e histórico de navegação.

A obsolescência dos blogs com a consequente assunção das postagens demarcou também o florescimento da figura das influenciadoras. Se os blogs foram um caminho para que as mães de carne e osso – não mais as santas e fadas idealizadas em um estereótipo romantizado, mas mulheres com uma miríade de facetas e possibilidades, seres humanos preenchidos por múltiplos sentimentos – pudessem compartilhar suas aventuras e dissabores, as redes sociais criaram uma nova versão para a mãe: aquela que inspira outras. Nascidas no seio capitalista de um meio que, inegável, ainda que silenciosamente, aspira ao lucro, o papel dessas mães influenciadoras é vender – desde um estilo de vida a uma marca de produtos para bebês. Uma sutil imagem de perfeição contorna essas postagens, ainda que o conteúdo que as preencha queira a aproximação com as seguidoras (nome cunhado a quem segue aquele perfil), com material extraído do dia a dia e da realidade daquela mãe. Assim, mesmo uma dor ou um desastre é perfumado com os conhecidos aromas que enfeitiçam o olfato do público: *o amor vence, o amor perdoa, o amor pelo filho paga qualquer dissabor*. Há um duplo movimento: distancia-se da seguidora para mostrar-se professora, apta a versar sobre aquele dado assunto da maternidade, criando também um desejo por um estilo de vida (mais rico, mais organizado, mais belo), ao mesmo tempo que se coloca como uma igual, uma mãe como aquela que a lê, uma pessoa com as mesmas dificuldades e frustrações.

No entanto, em que pese essa função de mãe-influenciadora pareça ser fabulosa – afinal, ganham-se curtidas, seguidoras, amor e muito dinheiro –, há um ônus amargo a ser arcado por elas: a crítica pública, em último caso, o cancelamento. Expostas, elas são alvo recorrente de críticas e de comentários maldosos, que atingem desde o maternar até o próprio filho. Cientes dessa saraivada de energia e de censura que podem suscitar com um simples post, há também uma tentativa de se resguardar dessa má impressão: novamente, a percepção de como esse ethos circundava entre a autopromoção e autopreservação era açulada em mim. A interação com o público é inescapável nas redes sociais: não haveria influenciadora se não houvesse *likes*, comentários, compartilhamentos. A imagem se amolda a esse contexto, em um exercício

discursivo de não desagradar a leitora, de mostrar-se real a ela, e de também criar um desejo (sobre a própria vida ou sobre um bem tangível que se exhibe na postagem).

Em 2019, grávida do meu quarto filho, o Heitor, escrevi o pré-projeto do doutorado, convicta de que o ethos materno na era da internet era um objeto de estudo que me seduzia e me provocava. A minha pretensão inicial era defender que o ethos das mães na internet passava pelo desabafo, mas para suavizá-lo perante o público, havia inequivocamente uma ressalva: apesar dos sofrimentos, o amor pelo filho era maior ou fazia valer a pena.

Houve, contudo, além da erupção das redes sociais e desses personagens que atuam nela, a assunção de um movimento social extra-telas, mas sobremaneira fertilizado por elas: o feminismo e a agenda de movimentos afirmativos de minoria. Novamente, houve uma efervescência social em relação a valores, paradigmas e discursos. O *status quo* foi questionado, concomitantemente ao desbravamento de espaços, empreendidos por essa união entre feminismo, ativismo e internet, para que outras vozes fossem ouvidas, e outros enunciados fossem viáveis. Fronteiras do interdito foram derrubadas, criando-se uma outra Formação Discursiva. Um discurso desnudo, orgânico, tingido com as cores da realidade preta, periférica, solitária, problematiza o que se entende por maternidade. Fecunda-se um vocabulário para atender às novas ideias e concepções, e expressões como “maternidade solo” e “rede de apoio” são introduzidas ao léxico social. Emerge, vulcânico, o ativismo digital materno, que com seu discurso incandescente, alastra-se pelas mídias e abrasa o pensamento popular. Críticas ao patriarcado e acolhimento aos sentimentos dúbios e paradoxais das mães são as tônicas dessa nova atividade empreendida pelas progenitoras: não mais apenas centradas no próprio fazer materno e nas angústias e ambições pessoais, mas cientes de que é essencial uma mudança estrutural para que determinadas aflições sejam sublimadas. Sem a ruptura com os paradigmas enraizados socialmente, não haverá consolo às mães, e os desabafos sobre dúvidas, cansaço e sensação de perda de identidade seguirão inócuos. Ao longo dos meus estudos, chamo esse discurso de

“discurso das mães contemporâneas”, contrapondo-o ao discurso tradicional, o qual reconhecíamos até então como o usual sobre a ou da maternidade.

O entendimento desse *momentum* histórico é inalienável para o prosseguimento deste estudo, sendo o pilar História sustentáculo da Análise do Discurso. De acordo com Orlandi (2003), o papel do analista foge à interpretação casual dos enunciados e reside na compreensão de que modo aquele objeto produz sentido. “A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2003, p. 26). Apreender que os enunciados são fruto de uma época e que é dentro de um dado contexto e até de uma dada *intelligentsia* que se precisa iluminá-los é condição precípua para se analisar os discursos que passam, então, a vigorar. Não há extinção ou apagamento de palavras ou ideias, e elas ebulem, concomitantes, arando um novo caminho para se pensar a maternidade - “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”, afinal.

Voltando ao meu caminho acadêmico, ingressei, oficialmente, meus estudos no doutorado em 2020. Após uma primeira aula presencial, o mundo foi sacudido por uma efeméride arrasadora para todos nós que a vivemos e a sofremos: a pandemia da Covid-19 impactou todos os âmbitos de nossas vidas. Enquanto a Universidade se organizava para prosseguir às atividades de modo remoto, a rotina doméstica se desorganizava, vítima do isolamento compulsório a que todas as famílias foram impelidas. Esse período tenebroso da História aflorou e intensificou situações já conhecidas pelas mulheres: as dificuldades de conciliar maternidade e carreira, as demandas práticas requeridas na criação de um filho, a carga mental exigida para conciliar todas as obrigações familiares. Novamente, as redes sociais foram um canal primordial para a saúde mental das mães. Privadas de contato físico e, em muitos casos, da rede de apoio que as auxiliava (como escola, babá ou avós), elas se viram sobrecarregadas, ansiosas e sugadas pela nova ordem que emergia com o coronavírus. Além das tarefas laborais, que passaram a ser intermitentes, realizadas sob a tensão das mudanças econômicas que estremeciam os lares em incertezas, as mulheres ainda precisavam acompanhar a educação dos filhos, que

agora assistiam às aulas na sala de casa, entretê-los, acalmá-los – afinal, as crianças também sofriam diante o cenário devastado da pandemia –, e dar conta dos afazeres domésticos. O terrível período foi pauta de mensagens e postagens sobre os desafios – inéditos ou hiperbolizados – que as mães experimentavam. Situações anteriormente camufladas ou silenciadas vieram à tona e temperaram o discurso materno com cores mais vívidas sobre o maternar. O cansaço e as atribuições, em muitos grupos, deixaram de ser romantizados e ganharam o tônus argumentativo necessário para serem questionados e, oxalá, combatidos. “É preciso de uma aldeia para criar uma criança”: o ditado africano foi repetido em diversas ocasiões, provando que delegar apenas à mãe as obrigações era uma forma de acorrentá-la a grilhões insustentáveis. As reflexões ensejaram uma nova perspectiva de se ver a maternidade e, especialmente, de se escutar as mães. Esse período, certamente, é objeto de vários estudos acadêmicos que versam sobre as mudanças operadas, a partir da pandemia, na maternidade. Para esta pesquisa, contudo, por fugir aos recortes, é-nos suficiente pontuar que todas essas alterações (que incidiram na História, na Ideologia e nos próprios sujeitos) se despejaram no discurso.

Enquanto isso, na minha própria casa, eu cuidava das quatro crianças, trabalhava no modelo *home office* e estudava, de modo remoto, as disciplinas da pós-graduação. Os conteúdos de internet sobre maternidade cresciam em escalada: perfis para rir da maternidade, para refletir sobre ela, para celebrá-la e canonizá-la compartilhavam as mesmas redes sociais. Especialistas em educação postavam seus vídeos no mesmo momento que mães fazia *publis* (gíria adotada para sinalizar uma postagem paga por um patrocinador) de marcas de puericultura. Inúmeros nichos sobre maternidade eram preenchidos, sinalizando novos tempos – não mais o maniqueísmo *ame-a ou deixe-a*, e sim uma abundância de possibilidades, como *ame-a e pense sobre ela*, *ame-a, mas não tenha um segundo filho*, *ame-a e ensine-a*, *ame-a e lucre com ela*. O mundo mudava, por mais clichê e tautológica que seja essa informação. Internet, estudos sociológicos, feminismo, pandemia: o discurso materno absorvia os eflúvios desses acontecimentos, e o leito que o irrigava ganhava nova densidade, cujo PH alterado permitia a emersão de

outros enunciados. “Não aguento mais”, frase tantas vezes silenciada em décadas pretéritas, agora assumia o título de matérias e de artigos sobre maternidade.

Em 2021, grávida da Bela, concluí os créditos do doutorado. A sabedoria coletada em cada leitura e em cada discussão ainda se sedimentava. Como placas tectônicas, epifanias sobre discurso, sujeito, semântica e ethos provocavam terremotos em minhas acepções, ora para desmoroná-las, ora para fragmentá-las em um caleidoscópio de novas possibilidades. Foi assim que percebi que o ethos idealizado em 2019 já não era o mesmo que eu lia em 2022. Dentro do recorte sociocultural que eu havia assumido como meu objeto de estudo, a forma-sujeito-mãe ganhava outros contornos, delineava-se como um sujeito de outras camadas, com outra face... com outro discurso!

Estariamos caminhando rumo ao “acontecimento enunciativo”, conceito de Freda Indursky que descreve uma mudança de posição-sujeito dentro de uma Formação Discursiva? Guardemos essa pergunta. Ela acompanhará nossa investigação, visto que a reflexão suscitada por ela contribui para o entendimento do ethos pretendido por essas mães contemporâneas.

Naturalmente, sendo o meu objeto de estudo orgânico, vivo, matéria-prima sincrônica e produtiva, as mudanças eram inerentes, inescapáveis. Assim, decidi não só estudar as postagens de blogs, do início da segunda década de 2000, como compará-las às postagens de redes sociais, do início da terceira década de 2000. A intenção, pois, é estabelecer as diferenças de ethos nesses dois momentos.

Chegamos a 2023. Superada a pandemia, mãe de 5 filhos, é momento de escrever a tese e de compilar o conhecimento extraído de 4 anos de estudo, de 13 de maternagem e de séculos de maternidade. O discurso continua me fascinando em suas cores, sabores e texturas. Com as palavras, criamos mundos, verdades, identidades. Mas as palavras não são puras, não são nossas, elas vêm de antes, de outros, inebriadas de histórias, aromatizadas de cultura, costuradas pelas linhas que nos alinhavam como sujeitos fragmentados. Este estudo, por certo, é fruto do meu amor pelas palavras. É por amá-las que empreendi essa busca por entendê-las. É por meio da linguagem que nossos sentimentos se consubstanciam. Como

sentiríamos se alguém não o tivesse dito antes?, eis minha pergunta *leitmotiv* da narrativa da minha vida.

Nesse objetivo de compreender o ethos que subjaz aos enunciados escritos pelas mães e às diferenças de discurso oxigenadas pelas mudanças (sociais e cenográficas), este trabalho se debruça por campos do conhecimento que auxiliam a enxergar os véus da maternidade. A Análise do Discurso é um campo múltiplo, que precisa de um diálogo com outras ciências, e é essa conversa que buscamos empreender para um resultado mais profundo.

No primeiro capítulo, o ponto precípua desta pesquisa, os conceitos inerentes à Análise do Discurso serão evocados, funcionando como um arcabouço teórico para balizar a compreensão dos enunciados do nosso corpus. Assim, autores como Foucault, Pêcheux, Courtine e Orlandi, cuja sabedoria é seminal para o campo da AD, serão apresentados. Em uma segunda seção, serão apresentados entendimentos sobre o ethos, noção norteadora das análises, com o aprofundamento da teoria de Maingueneau.

No segundo capítulo, a maternidade ganhará espaço para uma reflexão mais ampla. A partir de diferentes perspectivas – cristianismo, feminismo, produção cultural –, desenharemos a figura das mães colorida por todos esses matizes, ora contrastantes, ora complementares, que criam o estereótipo da maternidade tradicional. Ao fim, ainda será aberta uma breve reflexão sobre amor, sentimento incrustado ao discurso materno e que abre janelas de questionamento justamente pelo enviesamento recebido pelo senso comum das formas de manifestá-lo.

No terceiro capítulo, a internet e a discursividade em ambiente virtual completarão os pilares que fundamentam o estudo. Blogs e redes sociais serão primeiramente conceituados. Em um segundo momento, bebendo das definições de Maingueneau, pensaremos sobre as três cenas da enunciação (cena englobante, cena genérica, cenografia), saberes que serão usufruídos posteriormente, quando da análise do ethos.

No quarto capítulo, será apresentada a metodologia da pesquisa. Para a Análise do Discurso, é o corpus que determina as ferramentas, e entenderemos os procedimentos que ensejarão a análise.

No quinto capítulo, as análises, enfim, serão realizadas a partir de divisões por categorias de enunciados que se assemelham. Além das características particulares de cada post, esses discursos serão pensados como fragmentos de uma Formação Discursiva mais ampla e complexa, do modo como as posições assumidas por esses sujeitos têm relevância para se entender o ethos que se deseja projetar.

Por fim, a conclusão trará as impressões da analista, em uma tentativa de apreender e identificar o ethos materno nas postagens da internet no período recortado.

1 O DISCURSO

Tal como Foucault, gostaria de apenas me incluir na ciranda do discurso, ciente de que uma voz anterior à minha, em outro tempo e em outro lugar, já o organizou, e me alocar à ordem já estabelecida, às palavras bem acomodadas, protegida do perigo. Propor-se a analisar o discurso materno é despir as camadas que o revestem, atingindo as folhas dos outros discursos que tecem e significam as palavras que o compõem. “[O discurso é] aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p. 10). Apoderar-se do discurso materno, nossa tentativa nessa jornada, é, portanto, entender quem e o que o regula, com quais interditos ele é forjado. O discurso é o que manifesta e camufla o desejo, é, também, o próprio objeto de desejo (FOUCAULT, 2013) – é por meio do que se diz que se manipula quem se é, que se traduzem os sentimentos, que se cria a realidade. É por meio do discurso materno que se fazem as mães. Sendo o discurso a insígnia do poder, o rito que sacraliza e autoriza, ao enunciar a própria maternidade, a mulher também se apropria dela:

(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e terrível materialidade. (FOUCAULT, 2013, p. 8)

A matéria-prima deste trabalho é o discurso. São os enunciados produzidos pelas mães e o tesouro que eles revelam o interesse precípuo desta pesquisa. Mikhail Bakhtin é o estudioso guardião do conceito mais valioso que temos de enunciados:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280)

Por certo, a explicação basilar do filósofo russo pincela como esculpirmos nosso objeto. Os enunciados têm sua estabilidade, porque deles emana um mesmo discurso. A Análise do Discurso é a disciplina que desbrava como (e não necessariamente o quê) os enunciados significam. Nas palavras de Gregolin,

Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente (GREGOLIN, 1995, p. 20).

Ou seja, o entendimento dos significados é fruto de uma emulsão na qual se diluem o sujeito, a ideologia, e a História (PÊCHEUX, 1997), organizados por meio da língua. Assim, nesse preâmbulo da pesquisa, é inescapável retomar alguns conceitos e direcionamentos da teoria da Análise do Discurso, notadamente da linhagem francesa, para se apresentar as ferramentas empregadas em nosso estudo.

De uma maneira simplista e resumida, este trabalho estuda os posts produzidos por mães sobre a maternidade e publicados em blogs e redes sociais. Investigando esse objeto ao lume da Análise do Discurso, no entanto, as concepções ganham profundidade. As mulheres tornam-se sujeitos, os posts são enunciados dos quais emana um discurso – não uma fala dessa ou daquela autora, e sim um dizer em que se encapsulam a subjetividade, a ideologia e as determinações históricas que o tornam possível –, e as plataformas virtuais são a cena genérica que tanto o permitem como o condicionam. Aperfeiçoando ainda mais a leitura, nossa lupa se direciona à maternidade. Não se podem continuar as investigações se não se ponderar sobre as concepções acerca do fazer materno. Se ser mulher no século XXI já é diferente do que fora no século XX, as visões e os conhecimentos sobre mães e filhos igualmente se atualizaram, impactando tanto a percepção social como individual do que é maternidade. No entanto, ainda que estilhaçado, o paradigma do que é ser mãe guarda faces que refletem ideias

pretéritas, como um laço que ainda liga essa figura a um amor incondicional e independente da época ou de quem o experiencia.

Imbricam-se, nesse meandro de nossa jornada, vários campos do conhecimento, essenciais para se apreender a maternidade em sua complexidade: trata-se de um fenômeno biológico, sociológico e psicológico, no qual são vertidos os eflúvios do feminismo, da religião, da política, da pedagogia e até da economia. Longe de se pretender saturar como cada área a entende, mister é assimilá-la como um objeto permeável e modelável, alimentado por inúmeros discursos, de modo a digeri-los – de acordo com o sujeito, com o contexto, com a ideologia – e elaborar sua própria versão discursiva. Todo esse percurso precisa ser cimentado para se chegar ao ponto final, isto é, a análise do ethos presente nesse conteúdo. A seguir, então, as seções vão apresentar os conceitos basilares da Análise do Discurso para que as primeiras pedras desse trajeto sejam lapidadas, quais sejam: discurso, interdiscurso, Formação Discursiva.

1.1 DISCURSO, FORMAÇÃO DISCURSIVA e INTERDISCURSOS

A despeito – ou justamente por isso – da potência e do prestígio do seu domínio, o discurso tem seu conceito como alvo de celeumas que se alastram pelo tempo. Defini-lo é uma tarefa à qual os estudiosos têm empreendido esforços para concluir, ainda que não haja consensos.

Michel Pêcheux, fundador dos primeiros acordes da Análise do Discurso, faz uma consistente ponderação sobre a Linguística como ciência, cujas margens arrebatam os domínios dos sistemas linguísticos e recobrem reflexões filosóficas. Diz Pêcheux (1995, p. 91, grifo do autor):

o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*.

Ele considera que é nas bases das leis internas da língua que se desenvolvem os discursos, não sendo este sinônimo da fala, um usufruto individual de concretizar a língua, rompendo com o paradigma *langue/parole* saussuriano e acrescentando à epistemologia da Linguística esse ingrediente que transborda os limites estruturalistas.

Dominique Maingueneau (2008, p. 15) concebe o discurso como “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Em seu *Dicionário de Análise do Discurso*, o linguista faz uma produtiva oposição entre discurso e frase (que o compõe, mas não é sinônimo dele), entre discurso e língua (o discurso é um uso particular da língua); entre discurso e texto (o discurso coloca o texto em um contexto); entre discurso e enunciado (o discurso considera a condição de produção) (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2018). O autor pensa que tantas controvérsias acerca do termo representam uma concepção sobre a própria linguagem, as quais desembocam em algumas “ideias-força” sobre a definição: o discurso supõe uma organização transfrástica, o discurso é orientado, o discurso é uma forma de ação, o discurso é interativo, o discurso é contextualizado, o discurso é assumido, o discurso é regido por normas, o discurso é assumido em um interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2018).

Para o linguista Sirio Possenti, a propriedade essencial do discurso é o estilo, ou seja, a comunhão entre estilo e forma. O discurso, assim, é o que produz sentido (POSSENTI, 2001), é um acontecimento.

Assumiremos, neste trabalho, a acepção do discurso como uma instância que cristaliza os saberes – uníssonos ou dissonantes – sobre uma dada matéria. O discurso é um construto coletivo. O discurso médico, por exemplo, tem uma vocalidade, um arcabouço histórico, um respaldo científico, utiliza jargões e termos técnicos. O discurso acadêmico também é tramado por consensos e desenrola-se em uma determinada linguagem, mobilizando conceitos comuns, tanto aceitos como identificáveis entre os pares. De igual modo, o discurso das mães sobre maternidade tem seus traços estruturantes. O manancial de enunciados que o constitui possui um léxico, uma vocalidade, uma temática que o singulariza e o

caracteriza. “Amor”, por exemplo, talvez seja o substantivo mais recorrente neste discurso, por outro lado, “luta”, modernamente, foi absorvido por ele: a associação entre “maternidade” e “luta”, hoje, não parece mais incoerente, e é, em algumas Formações Discursivas, natural. O discurso sobre maternidade, ademais, é heterogêneo: não se pode tomá-lo sem examinar os outros discursos que o cingem e que lhes são fundadores, privilegiadamente, o discurso religioso, o discurso biológico e o discurso jurídico.

Para entrar na ciranda do discurso materno, é preciso, então, mergulhar nesse oceano caudaloso e borbulhante, irrigado por inúmeros leitos, alimentado pelas palavras que já existem, que sempre existiram, e que se perpetuam, ressignificadas, revitalizadas. Esse oceano é o interdiscurso, definido por Pêcheux (1995, p. 162) como “todo complexo dominante das formações discursivas”, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. Ou seja, se pensarmos em conjuntos seccionados por FDs, o interdiscurso seria o complexo que abrigaria todos esses discursos, tudo o que foi produzido sobre aquele enunciado. Enquanto a FD procura emular uma objetividade, o interdiscurso é o local da contradição (PÊCHEUX, 1995), em que diferentes instâncias, com posições-sujeitos antagônicas, de produções históricas múltiplas coabitam.

O interdiscurso, entremeado ao complexo de formações ideológicas, seria o responsável pela interpelação dos indivíduos em sujeito a partir da Ideologia, que “fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas” (PÊCHEUX, 1995, p. 163). No esclarecimento de Pêcheux, o indivíduo assujeita-se à Formação Discursiva que o constitui (subordina-se a ela):

a identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 163).

É um movimento duplo, de retro-alimentação: enquanto o sujeito é fruto de uma posição ideológica assumida e da qual reproduz o discurso, esse mesmo discurso é incorporado e disseminado pelo sujeito.

Há uma “voz sem nome”⁵ que permite que as minhas palavras tenham sentido – que permite, aliás, que eu possa pronunciá-las. Arroga-se, portanto, a existência de uma complexa afluência de saberes em que os sentidos são produzidos e repousam, em que tudo já foi dito e na qual podemos encaixar nossos enunciados. Como bem Courtine explica, o interdiscurso é composto por “séries de formulações, marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...)” (COURTINE, 1999, p.18). É nesse espaço que reside o enunciável, ou seja, o que se pode enunciar. Este entendimento é primeiro: o discurso é um efeito de sentido (PÊCHEUX, 1995) que precisa de um sujeito para existir. E o sujeito assim se faz por meio da ideologia. “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2003, p. 17). Esses três pilares, ou seja, sujeito, discurso e ideologia, relacionam-se para que os sentidos possam ser significados. Sob a concepção da análise do discurso, o indivíduo se transforma em sujeito ao ocupar um espaço em determinada Formação Discursiva – fora dela, não existe sujeito.

Aportamos, então, a esse outro conceito fundamental da Análise do Discurso. Formulado primeiramente por Michel Foucault (1960), o termo Formação Discursiva (FD) foi objeto de extensa indagação do filósofo, que esboçou algumas hipóteses sobre o funcionamento do agrupamento de enunciados. Por fim, entendeu Formação Discursiva (FD) como um sistema de dispersão o qual flui a partir de regularidade. Na descrição do filósofo,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e

⁵ Courtine, 1984.

funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade". (FOUCAULT, [1969] 2008, p. 43).

Essa definição sintetiza a percepção foucaultiana acerca da falta de uniformidade e continuidade entre esses enunciados. Após um longo estudo sobre as características desse agrupamento, Foucault estabeleceu que a FD não deve abarcar apenas as semelhanças, e sim as rupturas, as divergências, os antagonismos e as deformações, sendo um espaço de aproximação e de afastamento. Como o autor traduz a própria inquietação,

Mais do que buscar a permanência dos temas, das imagens e das opiniões através do tempo, mais do que retrair a dialética de seus conflitos para individualizar conjuntos enunciativos, não poderíamos demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer opção, de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas? (FOUCAULT, 2008, p. 32)

Michel Pêcheux não só absorverá a noção de FD de Foucault como a aprofundará em sua obra seminal “Semântica e Discurso”, de 1975. Para ele, formação discursiva é “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, [1969] 1995, p. 160). A partir dessa definição, o autor sugere que as unidades linguísticas serão significadas sob a luz da formação discursiva à qual pertencem, isto é, elas se deslocam e se revestem dependendo do sujeito que as profere, do contexto, da ideologia. Como o autor explica, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1991, p. 161). Pêcheux incrementa a elucidação ao afirmar que as palavras não teriam, então, um sentido único ou inequívoco, mas sim teriam um sentido construído e determinado pela formação discursiva na qual se inserem e pela relação com outros vocábulos dessa mesma FD. Ou seja, o indivíduo “assujeita-se” a uma formação discursiva, identificando-se ou contra identificando-se a ela. Nas palavras de Pêcheux (1991, p. 163):

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determinou, são reinscritos no discurso do próprio sujeito.

Já Orlandi tece uma relação íntima entre interdiscurso e memória, definindo o primeiro como

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2003, p. 31)

Numa síntese, Orlandi defende que interdiscurso é “todos os sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes”. (ORLANDI, 2003, p. 31). Toda essa sabedoria pretérita é evocada no momento da enunciação, reverbera nela e faz emergir as significações. Um enunciado filiado a uma FD feminista, por exemplo, só é revestido de significação em virtude de todos os outros saberes e falas sobre mulher que o precederam e que possibilitaram formulá-lo. Essa relação entre o já-dito e o que se diz equivale a um cruzamento entre interdiscurso e intradiscurso, ou entre constituição de sentido e formulação (ORLANDI). É o já-dito que permite que se diga, e há dois eixos que sustentam os sentidos – o da memória (responsável pela constituição, instância que viabiliza o dizer para aquele sujeito naquele dado momento histórico) e o da atualidade (momento em que se formula).

O interdiscurso subsidia a compreensão por meio do já-dito, ele recupera os sentidos para atribuir à enunciação o sentido desejado, e é na materialidade contraditória que residem as diferentes FDs. E tudo o que foi dito é apagado, trazendo uma apropriação daquelas ideias e formulações, antes anônimas, para quem assume a formulação daquelas palavras. Conforme descreve Orlandi (2003, p. 34), “(...) o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer (...)” (ORLANDI, 2003, p. 34). Já as FDs “podem

ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações” (ORLANDI, 2003, p. 23). As FD são maleáveis e mutáveis, sujeitas a releituras e a revitalizações.

Siqueira (2017, online), em síntese, elabora uma metáfora muito frutífera para delinear como interdiscurso e FD interagem:

Permita-me a metáfora: o interdiscurso não é como uma caixa cheia de bolinhas de gude (FDs), é uma caixa onde várias substâncias líquidas distintas (FDs) se misturam e formam uma só cor. Essa cor homogênea é o efeito causado pelo pré-construído, o que não quer dizer que, a partir de instrumentos científicos adequados, não possamos descobrir a identidade de cada cor separada, isto é, as FDs.

Esse desenho permite que se visualize como as múltiplas FD, miscíveis, imiscuem-se para formar o pré-construído, as citações, as recitações, as quais organizam e sustentam a enunciação (COURTINE, 1999). Quando se fala em um discurso, não se pensa em uma pessoa, uma figura em carne e osso, mas em um sujeito, uma posição ideológica tomada em relação àquele objeto. Assim, o “discurso materno” não tem uma autora ou uma proprietária, não é emanado por esta ou por aquela mãe, e sim são os enunciados possíveis de serem produzidos a partir daquela forma-sujeito inserida em determinada Formação Discursiva. Sem uma assinatura, o discurso cristaliza a reunião de entendimentos compartilhados por um dado grupo e em um dado tempo-espço, em que verdades e contradições convivem, em que subjetividades se diluem, fragmentadas, mas sem deixar de temperá-lo. O discurso remete a um conhecimento coletivamente construído, uma máquina, para usar um termo de Possenti, que orchestra divergentes vozes, mas que resulta em um determinado timbre.

Pode-se ainda pensar o discurso como uma corrente, cujos elos já estão dispostos, entrelaçados, mas cujo desenho permite que novos elos sejam acrescentados – se o molde desse novo elo permitir. Essa corrente é o interdiscurso, estruturado a partir do encadeamento do pré-construído e da articulação. Conforme conceitua Pêcheux (1995, p. 164),

O pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob forma da

universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito.

O discurso não é totalmente condicionado, tampouco é livre. Há a língua para materializá-lo e como meio de concretizá-lo, mas ele escapa às regras, ao funcionamento lógico. O sujeito do discurso não é dono das próprias palavras, ele só pode dizê-las pois algum outro já as disse. Não se inventam sentidos, ainda que se possa subvertê-los. Eis o trabalho de paráfrase e de polissemia, com as quais os sujeitos vão produzir os enunciados – enquanto o primeiro diz respeito à manutenção e à memória, o segundo é o processo da ruptura. O discurso é um eterno exercício de produtividade e de criatividade – reproduz-se o “mesmo” discurso e o rebenta. “A criatividade implica a ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua” (ORLANDI, 2003, p. 37). A Internet, inegavelmente, potencializa ambos os processos: replicam-se enunciados, e também se criam novas formas de dizê-lo (a exemplo dos memes, de Richard Dawkins⁶), confirmando a magnitude da dispersão de discursos em rede.

“Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido” (ORLANDI, 2003 p. 33). O interdiscurso especifica as condições pelas quais um dado acontecimento é passível de se inscrever na continuidade de uma memória, completa a autora (ORLANDI, 2003). É por haver essa memória discursiva que os clichês existem e as verdades se cristalizam, por meio da qual recuperamos o que já foi construído socialmente e o que já foi dito.

O discurso é estruturado por meio de esquecimentos. O esquecimento 1 é o ideológico (ORLANDI, 2003), por meio do qual se tem a ilusão de ser a origem do que dizemos, o sonho adâmico de ser o primeiro a enunciar. Ainda que haja singularidade, não há novidade. As ilusões, como adverte Orlandi, são fulcrais para

⁶ Richard Dawkins é um biólogo americano que, em 1976, cunhou o termo “meme”, publicado em seu livro “O gene egoísta”, para indicar um comportamento de replicação. O “meme”, então, seria uma imitação de hábitos, culturas e valores, os quais seriam transmitidos ao longo das gerações.

que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos – “é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras” (ORLANDI, 2003, p. 36). Pêcheux associa esse esquecimento à formação discursiva:

o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1* remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que - como vimos - esse exterior determina a formação discursiva em questão. (Pêcheux, 1995, 173).

Em termos práticos, isso significa dizer que todo o amor materno já foi cantado, decantado e encantado, já se versou e se prosou sobre ele, já se enunciou de infinitas formas essa relação, mas sempre que falar sobre ele, a mãe se pensará a primeira, ou que seu amor é único, em sua ilusão subjetiva. A própria ideia do “amor incondicional” associado às mães é uma premissa que retoma a memória discursiva, é um já-dito que pré-constrói o pensamento de quem vai (re)enunciá-lo, e assim se perpetua nos enunciados. Do mesmo modo funcionam inúmeros outros chavões e lugares-comuns, congelados em enunciados automáticos, que preenchem o discurso dos sujeitos – e isso não significa, absolutamente, que não se sinta o que se fala, mas que só se sabe dizê-lo porque alguém disse antes. Falar sobre ser mãe é repetir o que já foi dito e consagrado, ocupar os mesmos lugares, reproduzir o que vem sendo cimentado desde o nascimento das noções de maternidade, pois só se pode enunciar o que se sente e o que se vive por alguém antes já o ter enunciado.

Por outro lado, temos o esquecimento 2, o ‘quase’ consciente, o qual esclarece por que falamos do jeito que falamos. Ora, “Amo meu filho, mas odeio ser mãe” (enunciado que será retomado nas análises) é diferente de “Odeio ser mãe, mas amo meu filho”. Quando enunciamos de uma forma, apagamos as outras maneiras de organizar o mesmo conteúdo (o que implica, por certo, uma mudança de significado, tonalizando nosso pensamento com cores que evidenciam ou outro termo). Pêcheux conceitua o esquecimento 2 como

esquecimento pelo qual todo sujeito-falante "seleciona" no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase - um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada (PÊCHEUX, 1994, p. 173).

Uma mãe, por exemplo, poderia tanto falar “Estou cansada porque estou sem ajuda” como “A falta de rede de apoio me cansa”. Grosso modo, o sentido de ambos os enunciados é similar: a mãe descreve o cansaço que sente porque não tem com que dividir as tarefas. No entanto, há nuances nas duas frases relevantes para a Análise do Discurso. “Rede de apoio” é uma expressão que sinaliza uma inclinação mais contemporânea de perceber a maternidade, de alguém que encara o maternar como um ato político e coaduna com acepções mais atuais, que filiam a maternidade ao feminismo. Todas essas informações podem ser extraídas desse uso. Enquanto isso, “ajuda” é uma palavra apagada, esquecida, pois pode remeter a uma outra identidade como mãe (e, para não se perder o fio deste trabalho, a um outro enunciado). Pêcheux detalha esse processo: uma representação verbal (consciente) é acionada a partir do inconsciente. Dentro de sua formação discursiva, o sujeito tem essa liberdade de enunciação. “É esse vínculo entre as duas representações verbais em causa que é restabelecido na discursividade, na medida em que ambas podem ser unidas à mesma formação discursiva (podendo, então, uma remeter à outra por reformulação parafrástica ou por metonímia)” (Pêcheux, 1995, p. 175), detalha o filósofo. Um outro exemplo dessa liberdade-cerceada a que o sujeito se submete dentro da FD é o enunciado “Minha vida são meus filhos”. Essa declaração é cristalizada em nossa cultura e em nossa sociedade. Haveria outras paráfrases para significar essa metáfora, das mais delicadas “Minha vida passou a ter valor depois que me tornei mãe”, até algumas mais drásticas, como “Minha vida é destituída de qualquer valor sem a maternidade”. Todas essas frases são enunciáveis, mas cada uma, particularmente, aponta para uma possibilidade de sentido e para uma imagem pretendida pela enunciadora.

Neste ponto, é inevitável pensar que o discurso é o movimento da linguagem, mas não um movimento solo. No mesmo ritmo ou descompassadas, as palavras entram em um campo mútuo, compartilhado, em um ping-pong que jogamos com

um parceiro (ou adversário). O que quero dizer é que estamos em um eterno e indelével diálogo (real ou não) com nossos pares (reais ou não). Há sempre um interlocutor, porque nosso enunciado é uma resposta ao que já foi dito (BAKHTIN, 1997). Nessa perspectiva, a Análise do Discurso vai pensar em formações imaginárias, isto é, espaços discursivos ocupados por A e B como sujeitos. Estando nessas posições, há uma atribuição de papel para si e para o outro. Segundo Pêcheux (1990, p. 82), “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos. Há uma série (4, no esquema pecheutiano) de questionamentos que norteiam as formulações: Quem sou para lhe falar assim?, Quem é você para eu lhe falar assim? Quem sou eu para você me falar assim? e Quem é você para me falar assim? Essas indagações fazem parte das condições de produção dos enunciados e entram no cômputo das formulações dos enunciados.

A internet é o palco do anonimato, mas nem por isso não há a projeção de quem é o leitor (interlocutor) das postagens. Por vezes identificados, nem por isso se particularizam: são uma massa que representa outras mães, discurso afinados e dissonantes. A estrutura proposta por Pêcheux é um jogo de espelhos que se reflete e se refrata nos efeitos de sentido extraídos dos enunciados – o sujeito A, calculando o que o sujeito B poderá pensar sobre ele, irá abordar determinados temas, empregando certas palavras (e não outras). Mesmo sendo desabafos (como as postagens das mães ora analisadas), por vezes confeccionados no modelo de diário, sabe-se haver um interlocutor/leitor, e a atividade responsiva (a uma questão formulada ou não) não se esquivava de considerá-los quando da enunciação.

Como se pode ter notado, as palavras não nos pertencem. O discurso é sempre, também, o discurso do Outro, as palavras vêm carregadas de sentido, “‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência sustentada’” (BAKHTIN). O discurso é fruto de um interdiscurso, do que já foi dito, do que é possível dizer – em um movimento inconsciente ou insipiente, o sujeito serve-se do caldo efervescente de tudo o que já foi dito sobre aquilo. Há sempre uma fala “antes, alhures e independentemente” (PÊCHEUX). Assim como a fala não

é neutra, ela não é transparente e, tampouco, original, e pensar em um enunciado é pensar na polifonia que o constitui. “A palavra serve para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2003, p. 21), o discurso é o efeito de sentido entre os interlocutores, e daí se explicam tantos enganos, tantas polêmicas. Trazendo a internet à baila, evidencia-se essa opacidade: um mesmo post pode ter mais de uma interpretação, e enquanto uma provoca *likes*, a outra desencadeia *hates*.

À ideia de sujeito atravessado pelo inconsciente une-se a concepção de sujeito clivado – a “ferida” narcísica”, enunciada por Freud, é a descoberta pelo sujeito de que ele não é o centro, no entanto, é a função do eu carregar essa ilusão necessária. No imaginário do sujeito dividido, este se concilia como uno e autônomo (AUTHIER-REVUZ, 1990). No discurso, contudo, os rastros do Outro, evidenciados ou apagados, mostram como não somos nem o centro, nem a origem.

A heterogeneidade⁷, portanto, é própria, atávica ao discurso, e pode ser de natureza constitutiva ou mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990). Em comum, as formas remontam ao Outro, ao discurso alheio, seja para parafraseá-lo, seja para incorporá-lo ao próprio discurso, seja para utilizá-lo como autoridade, seja para renegá-lo e, a partir dele, construir. “Ser mãe é padecer no paraíso”, reza o ditado que regeu por décadas a concepção que se tinha sobre a maternidade e que continua paradigmática do ofício: mãe é aquela que sofre, mas também quem se deleita no paraíso, em um local sagrado. São inúmeros os trabalhos acadêmicos que usam essa frase como título ou que, a partir dela, deslindam um estudo que perscruta, justamente, o contrário do que ela simboliza, apontando para a falta de “paraíso” que promete o provérbio. Esse é um caso em que o discurso do Outro é evocado para ser denegado de forma mostrada, ou seja, aponta-se diretamente o enunciado para subvertê-lo. Nas postagens, também, frequentemente são usadas as aspas (artifício apontado por Authier-Revuz como uma estratégia de incorporação do

⁷ Sobre o tópico heterogeneidade, escrevi um artigo, desenvolvido durante esta minha pesquisa, em que me demoro mais nesse conceito, à luz bakhtiniana da heteroglossia dialógica. A partir desse entendimento de que o discurso é impregnado do discurso do Outro, analisei alguns enunciados escritos por mães a respeito da #maternidadereal. MARTINS WIELER, B. L. Interação, heteroglossia e discurso na #maternidadereal. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. Port. 180–202 / Eng. 179, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/58710>. Acesso em: 10 jul. 2023.

discurso alheio ao próprio) para sinalizar uma fala que incomodou a mãe e a partir da qual ela se posicionará. Até pela natureza das postagens (seja em blogs ou Instagram), a remissão a outros discursos é imperativa, afinal, há uma rede que conecta todos, há assuntos que são retomados, memes que são refabricados, enunciados que são dissolvidos nas “bolhas” e incorporados pelos discursos como chiste, como crítica ou como endosso. Um caso exemplar é a expressão “menas main”, redigida com o desvio da norma culta para, justamente, brincar com a condição de ser “menos mãe”, e que nasceu por volta de 2010 para refutar a ideia de que exista uma “menos mãe” por ter feito cesárea e não parto normal. Hoje, chamar-se de “menas main” retoma uma quebra de regras e ideários que se concebe do que seria o perfeito ou correto de uma “boa mãe”.

A assunção de qualquer discurso, por mais arrojado e libertário que seja, é indelevelmente marcada pela perpetuação do discurso pretérito, o qual se quer vilipendiar. Uma atitude de iconoclastia também é um movimento de preservação. Os discursos não morrem, não são substituídos, eles são revitalizados, ressignificados, recebendo as demãos de verniz da época e da ideologia que os adotam.

A maternidade é um objeto discursivo que produziu e produz uma abundância de enunciados que sedimentam o imaginário popular e remontam às raízes históricas sobre mulheres, mãe e sociedade. A atividade responsiva de paráfrase e de criação é nítida: os novos enunciados moldam-se a partir dos enunciados do Outro, em um diálogo profícuo e infinito, em que as posições se rivalizam e se complementam. Linguagem é interação, e como já nos ensinou Bakhtin, a atividade responsiva é fundamentadora da enunciação. Isso quer dizer que há sempre, mais ou menos nítida, uma resposta embutida em nosso discurso. Enquanto a FD define o que é dizível, o Outro reside na zona do interdito (MAINGUENEAU, 2008). Maingueneau pondera que

(...) um discurso define uma ilhota de enunciados possíveis considerados capazes de saturar a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

Neste trabalho, o Outro estará no horizonte, contrapondo-se e integrando-se ao discurso. É preciso, aliás, definir quem é esse Outro, e como ele se dilui, ao mesmo tempo que é absorvido, no discurso ora analisado. Profícuo se evocar, nesse momento, a definição de Foucault de regularidade das FDs, a qual cinge em seus domínios a possibilidade de transformação. As fronteiras de uma FD não são fixas, e mesmo dentro dela há as contradições: na FD materna há quem defenda cama compartilhada e há quem professe a higiene do sono. Freda Indursky (2005) resume a teoria de Pêcheux sobre o assujeitamento a partir da tomada de posição dentro de uma FD: há uma forma-sujeito ideal, a qual aquiescerá plenamente à organização dos saberes daquela Formação Discursiva. Quando há plena identificação entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito, em que um se sobrepõe perfeitamente ao outro, temos um “bom sujeito”. Para Pêcheux, na explanação de Indursky, essa tomada de posição que “parece reduplicar a identificação (...) produz não um sujeito dotado de unidade, mas um *efeito-sujeito* (id. ibid. p. 167) que se crê na origem do dizer e que, portanto, produz seu discurso sob a *ilusão da unicidade imaginária do sujeito*” (INDURSKY, 2008, p. 12). Esse “bom sujeito”, no cotejo do discurso materno que ora trabalhamos, seria quem reproduz e aceita o paradigma sobre ser mãe e sobre maternidade que há séculos domina o lugar-comum e o qual é aceito socialmente em nossa comunidade brasileira, patriarcal e cristã.

Ainda neste campo imaginário, se há na tomada de posição uma contraposição entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito, surge o “mau sujeito”, o qual se contrapõe à forma-sujeito organizadora dos saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica (INDURSKY, 2008). O mau-sujeito é “aquele que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente reduplicá-los, como ocorre na primeira modalidade” (INDURSKY, 2008, p. 13), contraindificando-se com a forma-sujeito da FD. Questionamentos, distanciamento, dúvidas em relação aos saberes dominantes são operados nessa modalidade. Indursky (2005, p.6) assim desenvolve o raciocínio:

cabe frisar, de imediato, que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, ou seja, o sujeito do discurso questiona saberes

pertencentes à Formação Discursiva em que ele se inscreve e o faz a partir do interior desta mesma formação discursiva. Isto é: a contraidentificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza.

Evidencia-se, com isso, a heterogeneidade da FD, na qual podem coexistir antíteses, paradoxos, endossos, complementos, diferenças e dúvidas – característica defendida por Courtine, o qual, a partir das r(e)voluções pelas quais a epistemologia da Análise do Discurso passou, postulou a FD como espaço de fronteiras elásticas e flutuantes, permeado por outros saberes e outros discursos (BRAGA, 2012). Penso, à luz deste trabalho, que os sujeitos do discurso que repetem o discurso esperado, o da “maternidade tradicional”, são os “bons sujeitos”, enquanto os outros, os quais justamente vão refutar costumes e criticar modelos, são filiados à “maternidade contemporânea”⁸. Não creio haver a terceira modalidade⁹, a desidentificação (INDURSKY, 2005), pois não há o divórcio da FD em que se estava, apenas se pluralizam as posições-sujeito possíveis.

Freda Indursky admite as transformações pelas quais a FD pode passar. Como a autora resume, a Formação Discursiva pode ser definida como as relações que “diferentes expressões, palavras e enunciados mantêm entre si no interior de uma matriz de sentido” (INDURSKY, 2011, p. 68). Ela completa a reflexão, ainda tendo como foco os sentidos, explicando que os saberes podem migrar entre as FDs, deslizando entre uma e outra e, por conseguinte, ressignificando-se. “O fechamento das FDs não é rígido e suas fronteiras são porosas” (INDURSKY, 2011, p.72), descreve ela, o que leva à conclusão de que as FDs não são isoladas e possuem suas linhas entrelaçadas entre si, das quais uma das formações é

⁸ Ciente das limitações da nomenclatura e do reducionismo sugerido por ela, pretendo apenas assinalar que o discurso que ora emerge rivaliza-se contra a voz hegemônica então dominante sobre ser mãe.

⁹ Essa terceira voz, a qual se contrapõe ao discurso tradicional de forma tão radical a ponto de romper com a FD à qual inicialmente se filiavam, seria preenchida por um posicionamento oposto às ressalvas, concentrando-se nas críticas à maternidade e a considerando apenas como um fardo. Esse discurso vindo de mães é tão censurado e interdito socialmente que há poucos espaços para encontrá-lo, especialmente nos meios públicos (como redes sociais), e possivelmente seja pronunciado em locais privados e íntimos, como nos divãs de psicanálise, em que o sujeito se despe de um ethos de “boa moça” e assume um discurso menos depurado.

dominante. Essas observações vão ao encontro do recorte no qual nos debruçamos. Como veremos no próximo capítulo, os novos discursos inundam os cristalizados saberes, fragmentam tanto a forma-sujeito quanto a posição-sujeito (INDURSKY, 2005). Quiçá estejamos diante do que a autora chama de “acontecimento enunciativo”, quando uma nova posição-sujeito aflora no interior de uma FD, “posição essa que traz para o interior da identidade a alteridade e isto provoca divergência, tensão, estranhamento, agitação nas fileiras dos sentidos, introduzindo no interior da FD ‘ambiguidade ideológica e efeitos de divisão’.” (INDURSKY, 2005, p.9). A alteridade, a diferença e o novo tonalizam a FD e respingam no discurso.

O acontecimento enunciativo reorganiza/reestrutura a discursividade interna da FD, instituindo um “novo modo de lidar com a ideologia, sem que haja o rompimento com o domínio de saber” (INDURSKY, 2008, p. 25). A FD é mantida, mas agora abrigando o estranhamento gerado pelos novos modos enunciativos.

no *acontecimento enunciativo*, estamos diante de uma *contra-identificação* com a posição-sujeito dominante, a qual está na origem do afrontamento com os saberes que emanam desta posição-sujeito dominante no interior de uma formação discursiva. No primeiro caso, ocorre *antagonismo* e *ruptura*. No segundo caso, *afrontamento* com *fragmentação* da forma-sujeito. No primeiro caso, tais saberes são *excludentes*. No segundo caso, estes saberes convivem, embora de forma *conflitante e tensa*. No primeiro caso, estamos face a diferenças que decorrem do trabalho da/na forma-sujeito como um todo. No segundo caso, estamos face a divergências decorrentes do trabalho da/na posição-sujeito dominante e instauração do estranhamento no interior da FD. (2008, p. 30)

Em síntese, o que se quis estabelecer nesta seção como primeiro entendimento é que os enunciados que serão analisados não são acontecimentos únicos e inéditos, tampouco são transparentes em seus sentidos. Esses enunciados pertencem a um interdiscurso e são possibilitados pela formação discursiva à qual as autoras se sujeitam, revestindo-se, assim, de significado. No bojo do discurso materno subjazem outros saberes, crenças e valores, não há pureza em sua urdidura, porque outros fios – dogmas cristãos, paradigmas sociais, leis biológicas - estão incrustados nele e lhes dão cor e textura. No interdiscurso da maternidade, há dizeres do passado e do presente, de doutores e de doulas, das ciências e da

sabedoria popular, e as formações discursivas às quais o sujeito pode se filiar também são múltiplas: podemos conceber uma formação discursiva de quem se identifica como mãe, uma formação discursiva em que a posição de médico seja assumida, ou outra, à que a sociedade se vincule.

Há uma voz nesse discurso das mães contemporâneas, cujo timbre é composto por notas de desabafo, de docilidade, de resistência, em que a delicadeza do amor é – ainda – realçada, mas que ganha alcance na virulência da verdade e das modernas reivindicações. “A fé em um discurso supõe a percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo”, nos diz Maingueneau (2008, p. 91). Esse discurso tem uma voz, um tom, uma corporalidade, que o identifica como tal e que incorpora os destinatários.

É esse discurso – à mesma medida neófito e consagrado – que se organiza e se dispersa, fazendo-se ouvir para revitalizar a acepção do que é ser mãe e de quem é a mulher que assume esse papel. As palavras são o agente desse reconhecimento e espelham como a tradição e a modernidade se conjugam em uma forma particular de vivê-la. Essas autoras não inventaram a maternidade, tampouco o discurso sobre ela. No entanto, é por meio da palavra que conseguem enxergá-la e revelá-la – a si mesmas e à sociedade –, projetando o ethos que pretendem assumir perante o Outro.

1.2 ETHOS

Maingueneau remonta à tradição retórica para conceituar o ethos e expõe que o relacionará à AD – uma vez que a noção era mais ligada à ideia de argumentação –, o que permitirá refletir sobre “a adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2018, p. 69). O autor aponta dois motivos que açularam seu interesse pelo ethos: a articulação deste com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso, ou seja, ele defende a existência de uma manifestação subjetiva que transborda o papel e se comunica por meio de uma “voz” e de um “corpo enunciante”, criado e corroborado no ato da enunciação.

Já adentrando a definição de *ethos*, o autor adverte que, essencialmente, *ethos* está ligado à enunciação, e não a um conhecimento prévio que se possa ter sobre o enunciador. Ou seja, “não é um saber extradiscursivo sobre o enunciador” (MAINGUENEAU, 2018b, p. 70). Assim, é apenas o suporte linguístico, a materialidade discursiva que traz à tona quem aquele enunciador é. Ele reforça, retomando Roland Barthes, ser essa uma característica do discurso, e não do orador. É por meio do enunciado produzido que o orador mostrará à plateia como ela deve considerá-lo. Oswald Ducrot, também referido por Maingueneau, explica não se tratar de autoelogios ou de uma autocomplacência assumida pelo orador, e sim da fluência, da entonação, da seleção lexical e argumentativa que ele empreenderá e que farão o auditório aquiescer ou não a essa enunciação.

No entanto, apesar de o *ethos* ser mostrado e não dito, Maingueneau ressalva a natural existência de uma construção prévia do *ethos* do enunciador. Nesse sentido, faz uma distinção significativa: há o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo, sendo o primeiro o foco de atenção de Maingueneau nesse artigo. Há situações discursivas em que, inevitavelmente, o coenunciador terá acesso a representações pretéritas do *ethos*, e o analista francês frisa, inclusive, que mesmo havendo uma total ignorância sobre o caráter do enunciador, a filiação a gêneros do discurso e a ideologias elaborarão uma expectativa quanto ao *ethos*.

A transgressão do linguista – e o que lhe dará a autoria sobre o entendimento que se tem do *ethos* sob a luz da AD – é deslocá-lo de apenas uma situação oral para também um discurso escrito. Segundo ele, mesmo nesses enunciados, existe uma vocalidade e um tom que revelam quem o formulou. O autor denomina como “fiador” essa instância subjetiva que aflora dos enunciados a partir de pistas textuais, e essa figura não tem apenas uma “voz”, como também lhe são atribuídas características físicas e psíquicas, o que lhe imbuí de um caráter (traços psicológicos) e de uma corporalidade. Essa corporalidade é associada ao corpo – como ele se apresenta ao público – e o *ethos* demanda um controle sobre ele. Tanto o caráter quanto a corporalidade do fiador são abastecidos pelos estereótipos emergidos da enunciação, ao mesmo tempo que são os alimentos que nutrirão essas representações estigmatizadas socialmente. Falaremos mais sobre

estereótipo nas análises, mas é providencial, por ora, anunciar que o estereótipo é o arquétipo esvaziado e desmistificado, sem destituí-lo do símbolo inconsciente que o formava (BARROS, 2009). Estereótipo é uma descrição típica que remete a uma imagem cristalizada e pré-concebida, e essa representação coletiva pode desembocar no clichê (MAINGUENEAU, 2018). Em que pese o teor negativo que se possa ter do estereótipo, ele é o substrato da fala, ele sedimenta o dialogismo e contribui com a análise do discurso, que “tenta examinar os elementos preexistentes que envolvem a fala, fora dos quais é impossível que ela seja construída e compreendida” (MAINGUENEAU, 2018, p. 216). O autor ainda completa: “o locutor não pode se comunicar com os seus alocutórios, e agir sobre eles, sem se apoiar em estereótipos, representações coletivas familiares e crenças partilhadas” (MAINGUENEAU, 2018, p. 216).

A partir dessa elucidação, Maingueneau entrará na seara da incorporação, outro conceito cabal de seu arcabouço teórico. A incorporação se trata da forma com que “o coenunciador se relaciona com o ethos de um discurso” (idem, p. 72): ao mesmo tempo em que a enunciação concebe uma corporalidade ao fiador, ao coenunciador também é incorporado um conjunto de modelos a partir da forma com que ele se porta diante do mundo, e essa dupla incorporação elabora o corpo – uma comunidade imaginária partidária de um mesmo discurso.

O tom, nesse sentido, é fruto de um posicionamento discursivo: há uma maneira de dizer que revelará uma maneira de ser e, ao mesmo tempo, persuadirá o coenunciador ao identificá-lo com a movimentação daquele corpo. A virtude do ethos, esclarece Maingueneau, reporta à figura do fiador, e é pelo enunciado que o fiador legitima sua maneira de dizer. Tem-se, portanto, segundo essa concepção do autor, o discurso como um acontecimento sócio-histórico, cuja organização de conteúdo é amalgamada à legitimação da cena discursiva.

Sendo o enunciador uma instância mutável e permeável às situações enunciativas nas quais ele está inscrito, o ethos também é um produto da cena de enunciação em que se insere, e não mero meio de persuasão. A cena de enunciação é validada pelo discurso, ao mesmo tempo em que é ela que lhe permitirá ser enunciado. A esta altura das ponderações, Maingueneau retomará

definições que fazem parte do arcabouço da AD e iluminam diretrizes para as análises.

A cena englobante se refere ao tipo de discurso, enquanto a cena genérica corresponde a um gênero discursivo; já a cenografia é arquitetada pelo próprio texto: é a forma como que se organiza o discurso, e também, como a caracteriza o autor, é o desenvolvimento da enunciação, isto é, é concomitantemente quadro e processo. Os gêneros são responsáveis por estabelecer cenografias mais ou menos restritas. Há gêneros estanques – mais burocráticos – que possuirão uma cenografia rígida, enquanto outros – com mais chances de subversão e criatividade – a admitem mais plástica. Gêneros com maior subjetividade ou que exigem mais originalidade na confecção para aumentar o grau de persuasão ao coenunciador terão cenografias mais ricas e variadas. Esse elemento é enleado por um duplo movimento: o discurso emerge da cenografia e a forja; ao mesmo tempo em que a legitima e é legitimado por ela. Conteúdo, cenografia e ethos estabelecem, pois, um sistema uma retroalimentação.

Ruth Amossy, com quem Maingueneau dialoga em seu percurso teórico sobre ethos, define: “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2018, p. 9). É inevitável, portanto, que a produção de cada enunciado esteja impregnada de uma recepção sobre quem aquele sujeito é. “Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa” (AMOSSY, 2018, p. 9). Decisões discursivas, como escolha vocabular ou ordem sintática, são constitutivas de uma atividade epilinguística que orienta o enunciador a formular sua ideia de acordo não apenas com o conteúdo, mas com o que ele quer que signifique e com o ethos que ele deseja passar de si.

Amossy (2018) extrai como consenso das teorias da argumentação contemporâneas “a necessidade que tem o orador de se adaptar a seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele e, correlativamente, de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa” (AMOSSY, 2018, p. 19).

A noção de ethos também repousa na Retórica e encontra campo fértil hoje tanto na Análise do Discurso como na Pragmática (AMOSSY, 2018). É a palavra

em uso, no colorido dos enunciados concretos, na língua viva e cotidiana que se modela o ethos e que se imprimem os traços de caráter e de personalidade que se desejam passar. Como Amossy explica, “o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (AMOSSY, 2018, p. 11).

Como se depreende, tanto Amossy quanto Maingueneau (2018) enfatizam como o ethos está ligado à enunciação. Colocando a luz sobre o objeto deste estudo – isto é, o discurso das mães –, percebe-se que, para além de um estereótipo sobre como é (ou deve ser) uma mãe, é no enunciado que esse sujeito consegue confirmar ou refutar essas características. A representação de uma mãe ideal existe (é o ethos pré-discursivo), por certo, e é na formulação dos enunciados desse sujeito real que uma instância subjetiva é corporificada (MAINGUENEAU, 2018b). Enquanto uma elaboração imaginária tradicional da maternidade propõe a mãe como um ser divino e diáfano, de postura sempre impecável, alguém cujo amor é incondicional e inviolável, o ethos materno tentará ora contornar essa representação pré-discursiva, ora aderir a ela e endossá-la.

1.2.1 A construção do ethos nas postagens

Se, ao delinear as três provas engendradas pelo discurso: ethos, pathos e logos (EGGS, 2018), Aristóteles concebia essas operações a partir de discursos e debates orais, hoje, para usufruirmos dessa rica sabedoria legada pela retórica, o texto como material concreto tornou-se o lócus privilegiado para perceber e perscrutar como essas instâncias emergem (ainda que seja possível investigá-la nas trocas verbais orais).

Neste estudo, é por meio do texto escrito que se materializa o ethos – é a palavra que revela ao mundo quem é aquela mãe, já que não se pode assistir à prática cotidiana daquele materno, e é por meio da palavra que se materializam os sentimentos e se divulga um jeito de ser mãe. Há, a partir dos textos, outra construção: a criação de uma rede, visto que as mães se agrupam, ao estabelecer, por meio da identificação com o que foi escrito, um tipo de ethos que as une. É a

palavra escrita, na época digital, que cria os laços, as afinidades: a aldeia foi substituída por páginas de internet e perfis de Instagram. Advém desse contexto a necessidade de se iluminar como a escrita é partícipe da construção do ethos materno.

Na definição de Cislaru, “A escrita é uma atividade comunicativa com especificidades próprias, associadas aos suportes envolvidos e à temporalidade particular do processo”¹⁰ (CISLARU, 2015, p. 3, tradução nossa), sinalizando que a escrita do texto (e sua conseqüente interpretação) é mais complexa e requer mais imaginação do que a produção-recepção de textos orais. Se, de fato, em um debate, por exemplo, há uma corporificação do ethos, no texto escrito é necessária uma maior sofisticação no emprego dos recursos para se modelá-lo – do mesmo modo, uma atividade mais densa, envolvendo memória, neurocognição e fisiologia está associada a esse processo de escrita-recepção. A escrita, explica Cislaru (2015, p. 4, tradução nossa), é um processo que envolve várias etapas:

a situação (contexto profissional, pessoal, educativo) que acolhe e gera o ato de escrever e todas as questões pragmáticas que lhe estão associadas, o comportamento do escritor e os seus gestos específicos (movimentos dos olhos, atividade da caneta ou da tecla, etc.), a utilização das fontes (livros, fontes Web, trocas e discussões orais, etc.), o tempo utilizado e a sua relação com as etapas e os níveis anteriores (duração, pausas, fluência, etc.), o espaço explorado (páginas, movimentos de vaivém, etc.), o material produzido e os níveis de aprendizagem.), o tempo utilizado e a sua relação com as etapas e os níveis precedentes (duração, pausas, fluência, etc.), o espaço explorado (páginas, movimentos de vaivém, etc.), o material produzido e as suas qualidades (descrição linguística, operações envolvidas, etc.)¹¹

Ao escrever uma postagem, a mãe articula todos esses aspectos: é um texto digitado (e não redigido à mão), que pode ser motivado por uma paixão de momento

¹⁰ Texto original: “Writing is a communicative activity with its own specificities, associated to the media involved and to the particular temporality of the process”:

¹¹ Texto original: the situation (professional, personal, educational context) that hosts and generates the act of writing and all the related pragmatic issues, the writer’s behavior and specific gestures (eye movements, pen or keystroke activity, etc.), the use of sources (books, Web sources, oral exchanges and discussions, etc.), the timespan involved and its relationship to previous stages and levels (length, pauses, fluency, etc.), the space which is exploited (pages, back-and-forth movements, etc.), the material produced and its qualities (linguistic description, operations involved, etc.)

ou fruto de uma reflexão mais demorada, pode ter sido inspirado por um texto previamente lido ou ser uma resposta a alguma provocação vivenciada, pode ser publicado automaticamente ou editado em um momento posterior. As condições de produção são múltiplas e variáveis, e o resultado é indissociável delas: um comentário rápido em uma postagem já existente é diferente da criação de uma postagem mais longa e elaborada. Escrever, para as mães, é uma atividade com algumas finalidades: registrar o momento vivido (em uma espécie de memorial); desabafar; compartilhar; responder indiretamente a alguém que a feriu. A mulher, ao pensar em publicar aquela mensagem, já idealiza e antecipa como será a compreensão, e a partir daí, a regra – a atividade epilinguística está invariavelmente presente aqui, editando o conteúdo ao mesmo tempo em que o produz, tendo em mente também o ethos, isto é, como sua imagem será compreendida a partir do que foi escrito. Cislaru também observa como essa exposição pública do texto é um fator que integra o caldeirão de ingredientes e traços que norteiam a composição textual:

A exteriorização e a co-ação implicam o Outro enquanto leitor potencial do texto. A escrita transforma o discurso num bem público, um texto para o Outro, sendo a sua legibilidade uma condição da sua existência e percepção social. Por exemplo, Cislaru e Lefeuve (este livro) mostram como a natureza privada vs. pública da escrita determina as escolhas linguísticas em diferentes gêneros discursivos¹². (CISLARU, 2015, p. 9)

Em um diário privado, que se mantivesse no ambiente particular da autora, talvez as escolhas vocabulares para a mesma mensagem fossem diferentes, mais agressivas ou até mais sinceras, pois não haveria a preocupação com a recepção do público (formado, majoritariamente, por outras mães) diante daquelas palavras.

Ainda pensando no texto como um objeto que pode ser lido por outra pessoa, Cislaru completa a reflexão do que ocorre quando o discurso se transforma em um texto, tornando-o um bem público. Em suas palavras, “A escrita transforma o

¹² Texto original: Externalization and co-action imply the Other, as a potential reader of the text. Writing transforms discourse into a public good, a text-for-the-Other, its legibility being a condition of its existence and social perception. For instance, Cislaru and Lefeuve (this volume) show how the private vs. public nature of writing determines linguistic choices in different discourse genres.

discurso num bem público, num texto para o Outro, sendo a sua legibilidade uma condição da sua existência e da sua percepção social.”¹³ (Cislaru, 2015, p.9)

Nesse ensejo, é primordial, em virtude do campo em que nosso objeto de estudo está localizado, diferenciar texto de discurso. Embora algumas vezes esses termos sejam empregados como sinônimos e eles guardem uma íntima relação, eles não se referem à mesma instância. Vários textos podem tecer um mesmo discurso, enquanto um texto pode deter vários discursos. O texto é produzido para sustentar um discurso, é ele quem conduz a mensagem que se quer comunicar. Para Maingueneau, dentro da AD, há 3 tipos de textos: texto-estrutura (rede de relação de frases, costurada por meio de operações que garantem os significados e as conexões entre as ideias); texto-produto (traço de uma atividade discursiva, pode ser um produto robusto, como um livro, ou uma frase, como um slogan) e texto-arquivo (não é uma atividade, mas algo posto e permanente). (MAINGUENEAU, 2015)

Assim, a mãe, ao publicar um texto sobre a maternidade, também está se inscrevendo (e reproduzindo) em um discurso sobre esse tema. “A dupla formada por discurso e texto remete a uma polaridade constitutiva de todo estudo da comunicação verbal: a fala se apresenta ao mesmo tempo como uma atividade e como uma configuração de signos a analisar” (MAINGUENEAU, 2015, p.41). O estudioso ainda pondera que à medida que as condições tecnológicas se transformam e se redefinem, as condições de textualidade se alteram, bem como as relações entre texto e discurso. Ou seja, aqui já se planta uma semente de entendimento de texto não como um produto concluído e estanque, mas como, de fato, um processo mutável, suscetível a mudanças.

É pertinente, nessa seara, meditar sobre as particularidades do texto publicado virtualmente. Dunker, em suas reflexões sobre a vida digital e a experiência humana permeada por essa nova forma de partilha e de autoexpressão, fala da junção das micro minorias possibilitada pelas vias digitais. As mães, sem

¹³ Tradução da autora: Writing transforms discourse into a public good, a text-for-the-Other, its legibility being a condition of its existence and social perception.

dúvida, se encaixam nesse grupo identitário: antes silenciadas e até obliteradas socialmente (ou apenas engessadas em um lugar sagrado, sem possibilidade de questionamentos ou de desabafos sobre seus sofrimentos), elas encontram na linguagem da internet um refúgio e um ponto de encontro para produzir e compartilhar suas impressões sobre os assuntos concernentes à maternidade. De acordo com Dunker (2020, p. 102),

Neste espaço ter uma opinião é candidatar-se a uma experiência de reconhecimento, ter uma opinião confirmada, legitimada ou apoiada é acumular capital cultural e capital social. Ter sua expressão moral, estética ou política desconfirmada é, inversamente, deparar-se com o temor de um retorno a invisibilidade(...).

A busca pela manutenção de um ethos favorável à prática materna é vislumbrada nessa passagem: tem-se o meio e a abertura para exprimir a opinião e criar até uma aldeia que compactua com aquela visão e valores, no entanto, é muito frágil a linha que delinea a aquiescência àquele discurso da reprovação ao que foi postado – contar sobre os dissabores maternos, como o peso da carga mental ou a irritação com afazeres diários, traz identificação, no entanto, se não relativizá-los ou até reforçar que o amor sobrevive a essas circunstâncias, pode gerar um entendimento de que mãe-autora daquele post está reclamando dos filhos ou que não desejaria tê-los, e isso tanto a afasta do grupo como cria um ethos negativo, como se fosse uma “má mãe”. Essa ressalva em relação à recepção-interpretação do texto também é contemplada por Oslon, que em sua viagem ao longo das acepções sobre o letramento, vê como uma hipótese, já descartada, a postulação de significados fixos, como se independesse de quem fosse lê-los. Nas palavras do autor: “o pressuposto de que um texto fixo produz um significado fixo foi abandonado e substituído pela visão pós-moderna de que o significado de um texto é o que os leitores fazem dele para os seus próprios objetivos e no seu próprio contexto social.”¹⁴ (OSLON, 2009, p.5). Essa concepção também se entrelaça à

¹⁴ Texto original: the assumption that a fixed text produces a fixed meaning has been abandoned and replaced by the postmodern view that the meaning of a text is what readers make of it for their own purposes and in their own social context

ideia de ethos: o sujeito-autor pode manejar seus recursos linguísticos a fim de provocar sobre si uma determinada imagem, mas a forma como o leitor-público irá recebê-lo pode ser outra, com uma leitura divergente do que foi inicialmente idealizado. Aí que vem o medo ou sofrimento: ao se escrever, sempre há o risco do conflito, da má interpretação, de percepções que extravasam o que foi veiculado no texto e caem na corrente do discurso. É sempre um jogo arriscado – como Perrini (*apud* Cislaru, 2003) já adverte, há uma diferença entre o que se deseja quando escreve e o que realmente se escreve.

Sobre a aceitação do texto (e do conteúdo vinculado a ele), Dunker ainda toca em um ponto sensível – a eleição de significantes (não apenas palavras, mas uma relação topológica que articula sentido e significação) que representam aquele grupo e que são largamente expressados até para assumir um posicionamento – na Análise do Discurso, é a noção que perpassa a Formação Discursiva, em que certos enunciados são aceitos e marcam a posição-sujeito de quem se inscreve nela. Já na explanação de Dunker, "certos significantes acabam remetendo a um discurso e é nesse discurso que se pode dirimir mais compreensivelmente a gramática do reconhecimento que se quer advogar". (DUNKER, 2020, p.102)

Destacando as redes sociais como mídia que suporta o texto, as manipulações estruturais são realçadas. Ainda que Instagram e Facebook não permitam grifos, negritos ou itálico, recursos usuais em blogs, por exemplo, há outras possibilidades de construção de mensagem que vão além das palavras, como o uso de repetição de sílabas, alongamento de vogais, emprego de emojis. Os emojis são ícones dotados de um significado prévio (a empresa responsável sempre os vincula a uma tradução), mas não é unívoco – ele pode adquirir novos tons e roupagens de acordo com o contexto, e mesmo com o país, em que for aplicado. Esse processo está associado, como se percebe, à criatividade. O texto, então, ainda que encerrado pelas paredes impostas por um limite de caracteres (2200, no caso do Instagram), é moldável no sentido se extrapolar as palavras e casar a linguagem verbal com a não-verbal. A linguagem virtual, portanto, permite revelar para além do que está escrito. Um sentimento não precisa ser verbalizado: ele pode ser decodificado em um ícone. Não é mais necessário elaborar uma

legenda complexa quando uma figurinha (ou uma combinação delas) dá conta da mensagem.

De todo modo, inegavelmente, a palavra continua sendo desfrutada como meio principal da propagação das sensações, ideias e sentimentos. É por meio delas que as confissões vêm à tona, e ainda que o discurso seja contornado para se forjar um ethos que mantenha as virtudes clássicas esperadas de uma mãe, dele também não se pode escapar ou, por outra, com ele se pode brincar, manipulando a forma (o texto) na produção de um conteúdo que pode ser similar a tantas outras postagens, mas que terá o toque daquela mãe-sujeito que projetará um ethos particular.

1.2.2 O discurso e a criatividade

Ainda que não haja uma ligação, à primeira vista, entre os conceitos de ethos e criatividade, este é um recurso inescapável na concepção daquele. Assim como os esquecimentos determinam o que pode e como pode ser dito, a criatividade é uma faculdade que, para além de adornar a construção de uma ideia (como se pensa costumeiramente que essa instância atua), possibilita a organização de sentimentos de uma forma diferenciada e particular. “A criatividade é fruto de um comportamento original e assistemático, realimentado a cada momento em cada circunstância da ação humana”, nos ensina Franchi (1991, p. 7), e pode-se modelar brilhantemente a língua para expressá-la: é na língua viva, encontrada nas atividades interativas, no emprego lúdico e na prática livre que essa forma particular de ver e de registrar o mundo e si mesmo pode ser lapidada. Nesse sentido, Franchi pondera que “Criatividade é, pois, mais que um elo entre o conhecimento e a arte. Liga-os à própria vida e à ação do homem sobre o mundo. Mais que elo entre diversas atividades e projetos, é condição deles” (FRANCHI, 1997, p.11). A criatividade pode ser associada à inspiração e à originalidade, mas não se resume a elas, e antes tem a ver com o recorte próprio que cada sujeito faz do mundo, é a forma individual de assimilar, organizar e contar a realidade. “É a própria experiência pessoal da realidade que o falante informa num desenho próprio em que ele mesmo

controla as transparências e a opacidade, o que ilumina e o que sombreia, as máscaras com que a deseja revestir” (FRANCHI, 1997, p. 13)¹⁵. Por fim, é também criatividade a maneira como os falantes desfrutam dos recursos da língua, como codificam suas mensagens por meio dos recursos disponíveis, como são capazes de metaforizar e de deslizar os sentidos (FRANCHI, 1997).

O autor ainda pontua que dentre os inúmeros recursos expressivos de que dispõe, o falante seleciona um ou outro segundo critérios de relevância que ele mesmo estabelece na medida em que interpreta, adequadamente ou não, as condições da produção de seu discurso: como devo parecer quando falo? Para quem eu falo? Com que propósitos e intenções? O que eu posso pressupor e implicar? Essas considerações o alinham ao jogo de imagens de Pêcheux, ainda que cada um deles tenha apresentado suas propostas em modelos epistemológicos independentes.

Pensando na Análise do Discurso, a criatividade é um ingrediente de fabulosa máquina de composição dos enunciados, fator que será computado na compreensão dos efeitos de sentido, afinal, com esse manejo de língua e de elementos, diferentes imagens de si podem ser arquitetadas – ainda que de forma inconsciente, como o é na projeção do ethos, a criatividade contribui na modalização do discurso que materializará essa concepção do locutor. Na cenografia da enunciação, na forma como se arranjam as ideias de modo a tanto pincelar a realidade como lembrar à plateia (leitoras, seguidoras, outras mães) que nem por isso o amor deixou de existir – para isso, as enunciadoras usufruem de recursos linguísticos variados, como escolha lexical, figuras de linguagem, organização sintática, desabrocha a criatividade, a qual, como a concebe Franchi, é indissociável da enunciação, é constitutiva do uso da linguagem. O enunciado é, portanto, a cristalização de diversas forças: o ethos que emana do discurso, a mensagem efetivamente que deve ser comunicada, a visão de mundo do sujeito, o repertório,

¹⁵ Como analista de discurso, esse pressuposto de controle, de luz e de sombra, é questionável, haja vista a atuação do inconsciente (e dos esquecimentos, como abordamos no Capítulo 1), no entanto, é certo que há a subjetividade na composição dos enunciados, os quais são formulados a partir do repertório linguístico do sujeito.

as ferramentas linguísticas das quais ele dispõe, e todo esse arranjo é organizado a partir de uma criação que encontra na língua um canal para materializar todas essas determinantes. Há, sem dúvida, uma atividade epilinguística natural que desemboca na modelagem e na modalização anteriormente citadas – sendo a língua plástica e orgânica, uma mesma afirmação pode ser transmitida por um sem-número de recursos, e o ethos é uma diretriz importante na escolha deles. Dentro dos discursos ligados à maternidade, por exemplo, uma mesma ideia, como “Estou cansada”, pode ser registrada por metonímia, por metáfora, por eufemismo, por hipérbole, por humor, por paráfrase (categorias que serão encontradas posteriormente em nosso corpus sob análise). Cada uma dessas formas incidirá sobre o ethos da enunciativa, seja para adoçá-lo, seja para enaltecê-lo, seja para torná-lo mais sério ou mais descontraído.

Para Franchi, a criatividade, ainda que esteja, sim, ligada à originalidade, não se esgota nela. É possível ser criativo sem inventar ou inovar, a partir das possibilidades e das regras existentes na própria engrenagem da língua.

Esse trabalho múltiplo, pessoal e íntimo, como veremos que cada mulher particulariza seu amor e o comunica de uma maneira singular, é descrito por Franchi:

A criatividade se manifesta pelo modo próprio com que cada um se coloca em relação a seu tema: nos diferentes pontos de vista e perspectivas em que representa os eventos ou processos, organiza os aspectos da realidade que descreve, orienta a argumentação, expressa suas atitudes. É a própria experiência pessoal da realidade que o falante informa num desenho próprio em que ele mesmo controla as transparências e a opacidade, o que ilumina e o que sombreia, as máscaras com que a deseja revestir. (1991, p. 13)

Essa reconstrução será nítida nos enunciados arrolados aqui: ainda que formem um corpus bastante exíguo, eles já evidenciam como uma mesma premissa pode ser enunciada de diferentes formas, e como cada uma dessas cenografias personalizará o ethos da mãe autora daquele enunciado. Tendo em vista a necessidade (ou o desejo) de projetar um ethos aprazível à própria maternidade, os enunciados não são orientados apenas para o que quer falar, mas também para o que se pretende que o outro entenda e imagine sobre o enunciativador – e como não há

transparência e nem univocidade na linguagem, essa é uma discussão que pode se prolongar bastante.

Em síntese, dentro da seara materna – assim como dentro de todas as esferas de atividade humana –, há um constante e ininterrupto trabalho dentro da linguagem para criar o universo que se pretende e gerar os sentidos que atendam àqueles propósitos. É natural, portanto, uma intensa ação criadora dentro da língua para ajustar as estruturas existentes aos novos sentimentos e às novas determinações. Assim como visões são reformuladas, as palavras se ajustam, seja em neologismos, seja na assunção de uma outra função sintática, ilustrando a criatividade. A atividade linguística é, sobretudo, uma atividade constante e ininterrupta:

a linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se reproduz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas linguísticos, as línguas naturais de que nos servimos (FRANCHI, 1991, p. 12)

Engendrar um ethos para si perpassa, necessariamente, em servir-se de estruturas e recursos criativos que mais se aproximem do que se quer entender.

2 A MATERNIDADE

“O que é mãe?”. Ouvi essa pergunta de um aluno a quem dou aulas de redação. A sagaz curiosidade adolescente foi respondida por mim como “O ser que é responsável por outro, quem cria”. A definição, rápida e pouco refletida, ainda que tateie as fronteiras dessa entidade, não a atinge, e deixa à margem múltiplas características desse papel.

Completei: há várias abordagens para a mãe. Ela será uma de acordo com nosso Código Penal e com o Estatuto da Criança e do Adolescente, será outra para a Psicologia, outra para a Psicanálise, outra para a Medicina, outra para o Cristianismo. Há, ainda, outros sentidos denotativos que extrapolam a FD na qual nos inscrevemos neste trabalho, como relembra Iaconelli:

“Maternidade” é um termo curioso pela multiplicidade de sentidos que conjuga e pelos paradoxos que cria. Pode significar a relação de parentesco com os filhos, mas também o hospital onde se costuma parir. “Mãe” é um significante que contempla a mulher que deu à luz, a mulher responsável pelo filho sem tê-lo parido, a mulher que é responsável legalmente mas que não se ocupa do filho. “Materno” pode ser o adjetivo para descrever uma certa qualidade de cuidado despendido pela mãe, mas também pelo pai, por quem se cuida, pelo/a psicanalista! (IACONELLI, 2023, p. 21)

Biologicamente, por exemplo, maternidade “refere-se ao processo de conceber e dar à luz” (HRDY 2001, p. 30), mas valores ocidentais, como caridade e renúncia, são ligados à definição, como aduz Hrdy, “o que infelizmente(...) explica muita coisa acerca de como interesses conflitantes entre pais e mães foram liquidados em nossa história recente” (HRDY, 2001,p. 32). Hrdy lamenta que seja a abnegação a virtude que se mantém como atávica às mães, sendo que estas fazem tanto mais para assegurar-se da vida de sua prole. As áreas de conhecimento da humanidade tonalizam quem é esse ser-mãe, e o caleidoscópio com essa miríade de fragmentos é uma figura colorida, complexa, preenchida por sentimentos e por responsabilidade, movida por um questionável instinto, sacralizada, sentenciada. Há, ainda, o aspecto de que há várias mães: a mãe genitora, a mãe adotiva, a ama de leite, a “mãe” que ocupa um local materno na vida de alguém, no entanto, historicamente, “O termo ‘mãe’ se liga ao mito de que a genitora é o tipo

preferencial de mãe, aquela que teria dotes naturais para a função. (IACONELLI, 2023, p. 21)”, e essa predileção já acena para uma percepção restritiva sobre que é a figura que se espera ocupar esse papel.

Dos seres venerados na Pré-História, afinal, eram os indivíduos responsáveis por gerar a vida e dar à luz (CANANÉA et al., 2018), à controversa figura freudiana, centro das dores dos filhos, as mães são seres místicos, envoltos em mistérios e dicotomias, embaladas em uma redoma de cristal e descartadas como papel de pão, protagonistas da humanidade e figurantes da sociedade.

Para Pêcheux, as palavras não têm um sentido próprio – este é atribuído de acordo com a formação discursiva em que ela se encontra, relacionando-se com as outras palavras da mesma FD, o que implica ser a FD a matriz do sentido (PÊCHEUX, 1995). “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2003, p. 20). A palavra “mãe” é embebida de alguns adjetivos que foram se imiscuindo nessa função. A memória discursiva acionada por ela nos leva à construção pretérita de um imaginário de quem é essa mulher-mãe e que se perpetua em nossa cultura por meio de enunciados que reproduzem os já-ditos e se incorporam, revitalizados, ao interdiscurso. Nesse sentido, há palavras que parecem naturalmente ligadas ao ideário materno, como *cuidado*, *abnegação*, *renúncia*, e, claro, *amor*, enquanto outras palavras parecem não pertencer, ou, por outra, não ter o lastro de memória que as associam à maternidade, como *liberdade*, *justiça* ou *autoconhecimento*, que podem até figurar em enunciados a respeito do maternar, mas receberão sentidos muito particulares dentro das FDs a que se filiam. No entanto, como já desenvolvemos no Capítulo 1, as FDs não têm fronteiras fixas, não são enregeladas e imutáveis. Com o crescimento dos movimentos de afirmação e com as inevitáveis mudanças sociais, os discursos também se transformam e absorvem as novas inteligências sobre os objetos. Assim, *maternidade* é uma pauta vívida, que tem recebido atenção de estudiosos, sociólogos e, claro, das próprias mães, provocando cataclismos sobre seu entendimento, desarvorando os lugares-comuns e semeando outros. Nesse raciocínio, *liberdade* pode, sim, ser uma palavra produtiva à análise do discurso

ligado à maternidade, figurando, contemporaneamente, em enunciados de mães que se ressentem de falta de liberdade ou que protestam pela liberdade de ser quem se é. Há um esforço, por parte de alguns nichos sociais, de derrubar os interditos da maternidade, e os meios aqui estudados – a internet, os blogs, as postagens em redes sociais – são locais apropriados para realizá-lo, fazendo emergir outras formas de se dizer mãe.

É inevitável, ainda, rememorar que nesse entremeio de “acontecimentos enunciativos” que acometem não só a maternidade, mas diversas áreas sociais, em um contexto borbulhante de rupturas e novas combinações, a própria identidade do indivíduo está craquelada. Stuart Hall acena para a divisão identitária do sujeito pós-moderno. Despetalada, a imagem sólida empunhada pelo Iluminismo e, posteriormente, pela Sociologia, passa por uma turbulência e perde a estabilidade. Segundo Hall (2006), o deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado e, também, abre a possibilidade de novas formulações: a criação de novas identidades enseja a produção de novos sujeitos. O ser mãe, nesse contexto, é engolido por esse tornado: a conhecida e tradicional identidade materna, construída pela cultura e pela História, fragmenta-se e remenda-se, confeccionada com novas estampas, mas ainda sustentada pelos velhos retalhos. Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida, e os contornos políticos tornam-se mais aparentes (HALL, 2006). Hall vai apontar o movimento feminista como o catalisador de um questionamento sobre a clássica distinção entre o dentro e o fora, o privado e o público. O slogan do feminismo era “o pessoal é político”, o que abriu, portanto, para o domínio político, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão de tarefas domésticas, o cuidado com as crianças. Ainda de acordo com Hall, o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres seriam parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual. Fatalmente, portanto, na pós-modernidade, as mulheres – e, conseqüentemente, as mães – sofreram rupturas nessa identidade antes fixa e estável (ou, antes, previsível). Vive-se, pois, a era da

identidade aberta, contraditória, inacabada, a qual simboliza o sujeito pós-moderno. Filhas dessa época, as mães sujeitos do discurso deste estudo são, sobretudo, múltiplas.

Ainda nesse torvelinho de mudanças, mister se faz frisar que a memória discursiva absorve todos esses paradigmas. Os acontecimentos coexistem, e os sentidos são acionados de diversos prismas, de inúmeros segmentos sociais. Convocaremos, então, algumas áreas e conhecimentos sobre “maternidade” e “mãe” que alimentam o referido interdiscurso, quais sejam: cristianismo, feminismo, biologia, ativismo digital e produtos culturais. Nas próximas seções, pincelaremos sobre como cada uma dessas instâncias contribui para a visão que se tem de ‘mãe’, ou seja, quais ingredientes elas adicionam a essa mistura de valores, saberes e sentimentos que irão formatar o ethos pré-discursivo da mãe e engendram o ideário sobre maternidade.

“Mãe é mãe”, o provérbio popular nos quer educar sobre um comportamento homogêneo e previsível. No entanto, a mãe cristã não é a mãe feminista, que não é a “mãe real”, que não é a mãe preta e não é a mãe branca, que não é a mãe enlutada ou a mãe de filho perdido. Ou seja, “Mãe não é tudo igual” e, por vezes, sequer muda de endereço, afinal, como sujeitos clivados que somos, ser a mesma mãe para diferentes pessoas – que são os filhos – é uma tarefa vã. A individualidade e a subjetividade se diluem em um discurso pré-fabricado, silenciando as idiossincrasias e particularidades que sustentam cada maternar. Para resgatar como chegamos ao entendimento pasteurizado que se tem sobre mãe, nas próximas seções, refletiremos sobre como alguns setores – por que não dizer, algumas Formações Discursivas – pensam a maternidade.

2.1 MATERNIDADE E CRISTIANISMO

“Ser mãe é padecer no paraíso”. O dito popular, largamente conhecido e utilizado, sintetiza uma sabedoria milenar, ainda hoje repassada, que associa a maternidade à dor (“padecer”) e à delícia (“paraíso”). Esse clichê perpetua uma imagem consolidada na cultura ocidental sobre ser mãe: uma mulher santificada (tal

como a Virgem Maria, da dogmática cristã), abnegada, esquecida de si e de seus desejos em nome do amor incondicional e infinito nutrido pelos filhos. Segundo Cordeiro (2013), foi com os ideais iluministas, encabeçados por Jean-Jacques Rousseau, que esse desenho começou a ser pintado: “A maternidade passou a ser associada ao divino e, assim, vocábulos referentes à religião foram sendo incorporados: sublime, renegada, vocação, sacrifício. Não foi difícil a associação dessa mãe à santa mulher, à imagem da Virgem Maria” (Cordeiro, 2013, p. 5).

É ilusório, portanto, pensar que foi o cristianismo quem fundamentou a submissão feminina, sendo esta uma condição fomentada desde a Antiguidade (MOTA-RIBEIRO, 2020), mais um produto de uma sociedade centrada no poder masculino que visa, sobretudo, o enfraquecimento e a fragilidade da mulher. Colocá-la submissa à maternidade, apenas orbitando em torno de corpos celestes de brilho maior (o marido, a vida doméstica, as crianças) é mais uma (a principal) estratégia desse apagamento. No entanto, é certo que os dogmas cristãos contribuíram sobejamente para se pensar a mulher como um ser inferior, a serviço dos desejos e mandos masculinos. Mota-Ribeiro atesta que os ideais cristãos foram alicerçados pelas representações sociais e culturais, atuando para reforçá-los perante os fiéis, sendo a diminuição feminina já vigente antes do advento de tal religião.

O cristianismo consolida a dicotomia maniqueísta acerca do perfil feminino: ou a diabólica Eva, ou a santa Maria. A sedutora e ardilosa figura ligada à libidinagem e à tentação é associada a famosas mulheres bíblicas, desde Lilith, a insurreta primeira criação de Deus, passando pela própria Eva, quem oferece o fruto proibido a Adão, chegando à prostituta Maria Madalena. A mulher parece guardiã do pecado e da maldade, é ela quem desvirtua o homem e o corrompe. No entanto, há uma salvação: a maternidade. Maria, mãe de Jesus, é o símbolo da virtude e da castidade, ventre abençoado que gestou o filho de Deus, concebido sem o pecado original, resguardando-a em sua pureza. Ademais, Maria concede a salvação à humanidade ao dar à luz seu filho. Enquanto Eva é purgada com maternidade, Maria é salva (GONÇALVES e PETRILLI, 2013). Gonçalves e Petrilli associam o arquétipo

de Maria à aliança entre sofrimento e maternidade. Ao perder Jesus, Maria aceita, resignada, o luto, simbolizando a abnegação e a dor materna.

Mota-Ribeiro, pensando na dicotomia da representação feminina, ilustrada por Eva e Maria, estabelece que, dentro do universo cristão, esta última simboliza o que a mulher deveria ser, isto é, um ser devoto ao lar e aos filhos. “Importante realçar que a redução da mulher à função de mãe a ‘impede’ de se dedicar a uma outra actividade já que nenhuma função adquire, segundo a Igreja, maior importância do que a de cuidar dos filhos”, adverte a estudiosa (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 16). Esse discurso, segundo a autora, não só desvaloriza o trabalho fora do campo doméstico como o condena, relegando a mulher à esfera privado.

Uma outra observação de Mota-Ribeiro acerca do protótipo de Maria é a impossibilidade de alcançá-lo. Maria, ser angélico e excepcional, teve a graça de ser mãe e virgem, condições excludentes para as mulheres reais, as quais, então, devem optar por uma das virtudes. É possível, contudo, manter uma aparência casta, velando o próprio corpo e escondendo ou silenciando a sexualidade, comportamentos arrogados pela Igreja – haja vista, a título de prova, as representações iconográficas das mulheres bíblicas, trajadas em vestes modestas e comportadas, sem brilhos ou exuberância, conjugando a concepção artística de uma época aos dogmas religiosos.

Nessa dogmática, a mulher só é salva e completa sua missão divina se for mãe. Alguns versículos bíblicos confirmam essa concepção, como 1ª Carta a Timóteo: “Contudo salvar-se-á [a mulher], tornando-se mãe, uma vez que permaneça na fé, na caridade e na santidade” (1 Tim. 2: 15), ou “Pode uma mãe esquecer o bebê em seu seio e não ter compaixão do filho que deu à luz?” (Isaías 49:15), e ainda “para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (Tito 2 4:5). De acordo com Neuenfeldt (2007), o desejo heterossexual masculino aparece nas páginas bíblicas, enquanto o da mulher é ocultado. Ainda nos escritos, fertilidade e procriação são dádivas divinas. Do mesmo modo, a infertilidade é vista como um infortúnio, um castigo. Como resume a articulista,

Pode-se afirmar que o conhecimento em torno da concepção, da fertilidade e da corporeidade pertence ao âmbito da sabedoria das mulheres. Esta sabedoria inclui práticas de medicina e magia. Os textos bíblicos revelam nas entrelinhas estes saberes. Sua ênfase está na afirmação e na necessidade da fertilidade como valor máximo no desempenho do papel social prescrito para as mulheres (NEUENFELDT, 2007, p. 9)

Inegavelmente, esses traços acerca da maternidade seguem impregnados no ideário popular e constituem o caldo grosso do interdiscurso sobre o tema – a mãe como figura perfeita, que não erra, destituída de desejo, apagada de si em nome do amor maior pelos filhos é herança direta do cristianismo. De igual modo, a realização da mulher apenas pela maternidade (a mulher sem filho não conhece o amor, ou não cumpriu seu dever) e a completude inequívoca quando se tem um filho (maternidade como sinônimo de felicidade e de consagração do papel a ser cumprido) são pensamentos que, ainda ecoados, trazem as marcas desse percurso que liga religião e História à cultura.

2.2 A MATERNIDADE SEGUNDO O FEMINISMO

O feminismo como movimento desmistificador do senso comum acerca da mulher acena para caminhos que desconstruiriam essa imagem idealizada da mãe. São as mulheres – estudiosas, pesquisadoras e entusiastas – que não aquiescem à submissão feminina que irão contestar o estatuto da maternidade como compulsória às portadoras do gene XX e também a pretensa felicidade advinda dela. Ademais, é também o feminismo o responsável por incluir a diversidade e a representatividade ao debate, por entender que o estereótipo vigente de mãe, aquela figura associada à primeira imagem que se tem desse papel, preenchida pelo senso comum, não só reduz como exclui uma parcela expressiva de outras mulheres que têm filho – e cuja identidade e cujo materno questionam essa pretensa identidade do sujeito ‘mãe’.

Em um amplo e profundo resgate histórico, Bassin, Honey e Kaplan (1994), sob as lentes do feminismo, desenvolveram um estudo sobre as representações da

maternidade e reportaram obras seminais que iluminaram os entendimentos sobre a complexidade desse ser, desconstruindo a figura dócil e subserviente da mãe.

Em primeira instância, as autoras salientam a vitalidade, especialmente nas primeiras décadas do século XX, da visão de uma mãe infantilizada – adjetivo frisado como constituinte da identidade materna. A mãe, sufocada pelas demandas infantis, subjugada pelo bebê, é apagada como ser humano e como mulher, encarnando apenas a versão que atende e é dominada pela criança. Jessie Bernard é citada como a primeira pesquisadora a rebater essa percepção impregnada de estereótipos vitorianos, além de ser a autora do célebre paradoxo – as mães amam os filhos, mas odeiam ser mães.

Bassin, Honey e Kaplan apontam dois momentos, na história moderna do capitalismo, fulcrais para o redesenho da maternidade: o confinamento na esfera privada e o entendimento de que as crianças têm demandas específicas, com o subsequente olhar mais detalhado à infância. A época atual é marcada pela exigência da Super-Mulher: bem-sucedida na carreira e, igualmente, mãe irretocável. As representações de maternidade se renovam – e as estudiosas rememoram um recorte racial e de classe que agora há nessas representações. A ideia de mãe devota à criança nos anos 50 foi substituída pela mãe que concilia as necessidades infantis com as próprias – o que só será possível com uma agenda política voltada à gerência dessas múltiplas condições. Com ironia, percebem que a mulher perdeu direitos dentro de casa ao mesmo tempo que ganhou responsabilidades acerca do bem-estar infantil, já que a sociedade está cada vez mais interessada no desenvolvimento das crianças.

Simone de Beauvoir (1980), nome fundamental da primeira onda do feminismo, em 1949, escreveu sobre o que era ser mulher. A filósofa aponta que não havia benefícios à mulher ao gestar, ela não era recompensada, tampouco recebia algum privilégio por ser a hospedeira do feto. Enquanto o homem terminava sua participação na formação de uma nova vida quando da concepção, à mãe era atribuído todo o resto, da gestação no útero ao preparo do ninho. Beauvoir já denunciava os estigmas legados às mães e as responsabilidades impingidas a elas, contestando a imprescindibilidade da maternidade para a completude da mulher.

A segunda onda do feminismo, durante o pós-guerra, levanta críticas à vida familiar e doméstica, e Bassin, Honey e Kaplan evocam Adrienne Rich como o nome que pensará a falta de liberdade e individualidade que acorrenta as mães. Ao mesmo tempo, surgem as primeiras indagações sobre as diferentes visões que se pode ter sobre maternidade. Intrínseca à subjetividade, a voz que a enuncia é timbrada de acordo com a classe, a cor, e o contexto daquela mulher. Indica-se, com isso, uma clivagem no próprio grupo: as mães não são iguais. Apesar das diferentes abordagens teóricas, Bassin, Honey e Kaplan atestam que as feministas são unânimes no reconhecimento da objetificação da mãe e da mulher. Essa identificação garantiu uma evolução primordial, abandonando a “visão da mãe como um outro que satisfaz necessidades e que existe apenas para servir as exigências relacionais e físicas da criança para uma visão que vê a mãe como distinta do seu papel e da sua prática como provedora de cuidados”.¹⁶(BASSIN et. al, 1994, p. 8, tradução nossa). Aportamos, assim, à ideia de perfeição que sublinha a existência da mãe: como ser cuja vida é voltada ao outro, sua missão é glorificada, no entanto, quando se entende que a mulher é alguém com a própria subjetividade (e toda a bagagem emocional e os desejos que a preenchem), esse ideal é ameaçado. A maternidade é, pois, um sofisticado processo de experiência social, psicológica e política. A cultura contemporânea, de acordo com as autoras, começa a olhar a mãe como um sujeito de direitos. Ficção, autoficção, sociologia são convidados a participar desse mosaico de opiniões e vivências, iluminando em outros ângulos o que antes se considerava inequívoco. Como as estudiosas estabelecem, o problema dos enunciados monotonais é que eles homogeneízam uma experiência plural, e apenas bebendo as diversas fontes é que teremos uma percepção mais verossímil do que é ser mãe. Nesse ensejo, elas apresentam vozes que não podem ser ignoradas nessa ponderação: as mães pretas, as mães vítimas de violência doméstica, as mães de filhos perdidos ou exilados, as mães pobres. O feminismo,

¹⁶ Texto original: “view of the mother as a need-satisfying other who exists only to serve the relational and physical demands of the child to a view that sees the mother as distinct from her role and practice as nurturant provider”,

de acordo com elas, não pode se esquivar de adentrar essas vias marginais para esculpir uma imagem de mãe mais representativa.

No entanto, ainda que estereótipos sejam abatidos com esse percurso teórico, Bassin, Honey e Kaplan admitem haver um material inconsciente sobre maternidade, forjado pelas ambivalências e pela dificuldade de reconhecer a mãe como sujeito. Há uma contradição entre a imagem interna e primitiva e a mulher que, de fato, se é atualmente, a qual ganha um valor deletério, pois contraditório com o que se esperava dela. Retomando os estudos de Janine Chasseguet-Smirgel, as pesquisadoras explicam que a noção de trabalho ainda não foi assimilada por esse inconsciente coletivo, e as fantasias sobre a mãe dócil ainda sobrepõem a realidade. Outra psicanalista citada, Jessica Benjamin, também explana sobre a dificuldade de se atualizar essa representação da maternidade, ainda mergulhada em paradoxos: as necessidades infantis rivalizam com as próprias necessidades das mulheres, e isso cria uma tensão. Acena-se, então, para a premência de um duplo reconhecimento: a mãe deve entender que a criança não é ela, e a criança deve entender que a mãe é um outro sujeito, com as próprias vontades.

Por fim, a representação das mães e da maternidade encontra mais um óbice, de acordo com as autoras: a cultura nostálgica, a qual celebra o perfil pretérito às mulheres que dão à luz e criam os filhos. Muitas mães entram em conflito, pois as novas práticas e exigências sociais contradizem o material inconsciente que têm sobre o que é ser mãe, causando-lhes desconforto.

Com esse resumo, avista-se como o feminismo precisa de um escopo amplo para as questões que perpassam a existência da mulher, de modo que a agenda de luta é constantemente reformulada, concomitantemente à assunção de novas perspectivas. A obrigatoriedade de ter filhos, por exemplo, foi refutada pelas feministas da primeira e da segunda onda, as quais negaram a suposta condição primordial da mulher de ser mãe. Contemporaneamente, esse questionamento permanece, no entanto, sabendo-se que pode ser um desejo da mulher a maternidade (ou mesmo uma decisão compulsória), abre-se espaço para a

discussão sobre as condições de se criar um filho, e o feminismo aglutina outras pautas a seu escopo.

O surgimento e a popularização de meios de comunicação mais democráticos, como as redes sociais (afinal, qualquer pessoa com acesso à Internet pode participar delas e escrever sem restrições prévias), questões mais delicadas e imbricadas sobre o papel de mãe desabrocharam, suscitando reflexões e viabilizando o nascimento do discurso das mães contemporâneas. Amparadas pelo feminismo, os meios digitais permitem e estimulam as mulheres a filosofarem sobre sua condição de mãe. A noção de maternidade como experiência sublime e transformadora, que transcende a existência, contudo, também aparece no discurso das feministas dessa quarta onda, as quais consideram o nascimento de um filho não mais apenas um desejo instintivo ou uma tarefa socialmente compulsória, e sim uma experiência epifânica para (re)construir a própria biografia (e o acontecimento enunciativo emerge aqui) – e justamente essa problematização, entrelaçada aos discursos de exaltação de maternidade, matizarão os posts que formam o corpus desta pesquisa. Se, por um lado, a luta feminista sempre teve o princípio de garantir a liberdade de a mulher ser o que desejar, por outro, há uma problematização mais aguda sobre como ser mãe, o que a sociedade espera e cobra dessa mulher e como superar algumas imposições culturais.

2.3 MATERNIDADE E ATIVISMO DIGITAL

Ativismo digital materno é um fruto do feminismo, movimento que encontra na internet um poderoso instrumento de mobilização social, como sugere Ana Paula Soares. Na explanação da pesquisadora (2018, p. 39):

ativismo digital materno a prática de um movimento social que usa as novas mídias para uma contraposição às ideias tradicionalmente idealizadas pela sociedade em relação à maternidade. Este movimento de mulheres com filhos se apoia em preceitos feministas para se apropriar das mídias digitais e falar da condição da mulher mãe nos dias de hoje.

Nascido no bojo da quarta onda do feminismo, esse movimento pauta-se na desconstrução da imagem da mulher, bem como na criticidade com que se passa a considerar valores, pensamentos e hábitos até então vigentes ligados a mulheres e à maternidade. Bandeiras como lutas contra violência de gênero e abusos, aceitação do próprio corpo, cuidados com a infância são hasteadas, e particularmente no contexto da maternidade, debates sobre o trabalho invisível, a carga mental, a ausência de colaboração e os óbices na carreira ganham projeção.

Algumas das características pontuadas por Soares como inerentes aos movimentos sociais e que permeiam o ativismo digital são: conexão online e offline, local e global, entrelaçando o mundo e se difundindo por ele; surgimento espontâneo, provocado pelas perturbações sociais; ações horizontais e multimodais, exultando a solidariedade; disparadores de autorreflexão, de questionamentos e de novas ideias; suscetíveis a múltiplas motivações e ciosos de mudanças sociais. (SOARES, 2013). Presente não só em blog, mas no Youtube e no Facebook, o movimento encontra nas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) uma ferramenta para disseminar os debates e filiar mulheres, que aderidas ao discurso, tornam-se elas também produtoras do conteúdo que compartilham. Cananéa et al. (2018) indicam ser o conhecimento o protagonista desse contexto: se o que se deseja é uma consciência sobre o maternar, reposicionando a mulher-mãe no seio social, isso só será possível por meio da informação e da verdade.

Soares sinaliza o blog *Mothern* como inaugural desse ativismo digital na esfera brasileira – ainda que não tenha nascido com esse fito, e sim como um espaço de compartilhamento de dúvidas e descobertas sobre a maternidade, assinado por autoras brancas de classe média do início do século XX. No *Mothern*, havia uma aba chamada *Livro de Visitas*, na qual uma incipiente rede de mães começou a tomar forma. Por meio dessa crescente troca de palavras, essas mulheres transformam-se em autoras da própria história, antes contada pelo patriarcado, e agora revisada e editada por quem a frui realmente:

As mulheres mães que se articulam na internet passam, ao longo destes anos, a se reconhecerem como parte de um cenário que está em constante transformação, não só da transformação da rede em si, mas da própria

consciência social em relação às mulheres enquanto um grupo minoritário dentro da estrutura hierárquica de poder (SOARES, 2018, p 14).

E não só o âmbito privado e individual é impactado por esse posicionamento virtual. A discussão extravasa as telas e penetra a sociedade, e assuntos que nasceram nas redes, como violência obstétrica, jornada ininterrupta de trabalho e educação com apego, brotam em outras esferas de atividade – inclusive, na política. O ativismo digital “possui caráter transformador, à medida que gera novas gramáticas e novos repertórios de ação mediante a inserção e o suporte de ferramentas digitais” (CANANÉA et. al, 2018, p. 31). São as publicações que destacam as contradições e as lacunas, tornando as mães seres sociais.

Mesmo a maternidade ligada exclusivamente às mulheres heterossexuais é colocada em xeque, haja vista as mães trans ou mães lésbicas, que reunidas no (e pelo) ativismo digital, dão voz às suas causas, pleiteando por direitos e representatividade. Diversidade passa ser a tônica, em todos os sentidos: são várias as mulheres, múltiplas as formas de matinar, e mesmo as arquiteturas familiares assumem outras possibilidades. A antiga visão pasteurizada que se tinha de mãe entra em erupção – dentro desse meio virtual – e dá lugar a uma figura multifacetada. Retomando (e parafraseando) a máxima que guia a sabedoria do feminismo, “Não se nasce mãe, torna-se mãe”. Blogs, sites e outras iniciativas que crescem nessa esteira advogam pela visibilidade materna e pelo entendimento de que essas figuras são multidimensionais e têm direitos políticos e sociais – os quais, aparentemente já consolidados, são ofuscados no momento em que a mulher se torna mãe.

Defendendo a informação como pilar para a ressignificação da maternidade, Cananéa et al. asseveram a respeito dessa possibilidade na internet:

acredita-se que as mulheres com filhos vêm vivenciando o intercâmbio de experiências graças à utilização da plataforma digital, confirmando, pois, a hipótese central do estudo que posiciona o ativismo digital materno como estratégia de mudança da imagem da mulher-mãe mediante a competência em informação e sua inter-relação com o novo olhar que se vislumbra sobre o ser mãe. (CANANÉA et. al, 2018, p. 36)

Ainda que o corpus selecionado para esta pesquisa não esteja inserido diretamente ao núcleo duro do feminismo e desse conteúdo mais orientado ao fazer político, de fato, como hipotetizam as autoras, os respingos dos debates ensejados pela agenda do ativismo materno digital são absorvidos pelo ideário pós-moderno, e são dissolvidos no interdiscurso da maternidade, estando presentes de forma mais diluída ou mais concentrada no discurso das mães.

2.4 A CULTURA E A MATERNIDADE

A cultura e a arte são fundantes do imaginário coletivo. É inescapável, portanto, chamar à baila os produtos – ficcionais, não-ficcionais, biográficos – que tematizam as mães e escrutinar como essa figura tem sido abordada.

Temos, em uma ponta, a publicidade. Instrumento do sistema capitalista que rege a sociedade e as relações, as campanhas tanto moldam comportamentos e atitudes como se aclimatam às novas práticas vigentes. Assim, se ainda vemos uma intensa divulgação à ocasião do Dia das Mães – 2ª data mais lucrativa para o comércio¹⁷ –, com imagem, som e texto a serviço da celebração do amor materno em sua forma mais mítica, tradicional e cristalizada, também já pipocam a essa mesma época outros tipos de comerciais, filiados ao discurso pós-moderno e atentos aos novos debates sociais¹⁸. O lucro permanece como objetivo central dessas comunicações. No entanto, ou por isso mesmo, os públicos e as mensagens se diversificam: não só a mãe estereotipada é protagonista, e vemos, especialmente em empresas com maior diálogo com a diversidade, essa figura ser acompanhada por outras possibilidades, como a mãe lésbica, a mãe trabalhadora, a mãe solo.

¹⁷ De acordo com <https://exame.com/economia/as-datas-mais-importante-para-o-comercio-no-brasil/>

¹⁸ A título de ilustração, vale citar o comercial de Dia das Mães de 2023 da empresa O Boticário (cujas peças publicitárias, costumeiramente, filiam-se à FD dessa maternidade contemporânea da qual falamos neste trabalho): sob o título de “#SejaRededeApoio”, o filme mostra uma mãe sentindo-se em uma ilha, solitária, pedindo socorro após o nascimento do bebê. Ao fim, ainda se apontam estatísticas sobre o sentimento de sobrecarga manifestado por muitas mães. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QqQfOPy8mnw>

Concomitantemente, a literatura igualmente questiona o padrão ao criar enredos em que as camadas da maternidade são perfuradas, chegando-se a extrato mais denso e espesso dessa condição: sai-se da superfície romantizada e rósea e avança-se pelos caminhos mais escusos e – antes – indizíveis, impublicáveis do que é ser mãe. Alguns livros, publicados na última década, tratam de uma forma mais original sobre maternidade, tanto em âmbito nacional como internacional. No livro “Maternidade”, de Sheila Heti, um romance autobiográfico, a narradora passa a história refletindo se deseja ou não ser mãe, dúvida que lhe provoca alguma dor pelo conflito entre as variantes que compõem esse dilema: determinismos sociais, biológicos, entendimentos feministas, idiossincrasias. Já o argentino “Morra, amor”, de Ariana Harwicz, afamou-se pelo retrato quase selvagem de uma sensação de inadequação na maternidade, colocando à prova clichês sobre esse amor que deveria ser instintivo e incondicional. Na mesma toada, o filme alemão “Um estranho em mim”, de 2008, também vai contar a história de uma puérpera que não consegue se conectar com o recém-nascido e como ela sofre por saber que esse estranhamento não era o esperado dela. Em “Meu nome é Lucy Barton”, de Elizabeth Strout, há uma certa condescendência em relação ao amor idealizado da maternidade, ainda que se tente mostrar o verso dessa “moeda dourada” - o qual pode ser manchado pela história de vida da genitora, que, marcada por violências e silenciamentos, não é capaz da doação idealizada pela filha. Por outro lado, no genial “A pediatra”, de Andrea del Fuego, temos uma narradora-protagonista que rompe os padrões adocicados esperados de uma mulher (especialmente, uma mulher que cuida da saúde de crianças) e se mostra avessa a um “instinto” ou a um “dom” da maternidade, revelando uma personalidade desafeta a crianças. Também na literatura nacional, “Eu nunca mais vou estar sozinha”, de Tati Bernardi, e “Suíte Tóquio”, de Giovanna Madalosso, mergulham na dualidade da maternidade, explorando a luz e a sombra que caracterizam o sentimento de gerar uma criança. “O caderno proibido”, de Alba de Céspedes, é um magistral livro italiano sobre a conturbada relação entre uma mãe e os filhos no pós-Guerra: ao mesmo tempo que Valéria se mostra submissa e tenta dar a eles o que se espera de uma mãe à época, ela, em seu diário, confessa sentimentos terríveis em relação a eles, como inveja.

Esses são apenas alguns títulos que compõem um quadro multicolorido, que tem sido ilustrado contemporaneamente, com várias versões e possibilidades de maternidade. Como o interdiscurso é nutrido por esses produtos, os quais participam das pautas sociais e são capazes de irrigar o debate público e as percepções pessoais com as transgressões que provocam, pode-se afirmar que novas versões sobre ser mãe e sobre maternar passam a integrá-lo, penetrando em diferentes FDs e, conseqüentemente, reformulando-as.

2.5 O AMOR MATERNO

Seja pela literatura, seja pela mídia, perpassando pela publicidade e pelas instituições reguladoras dos hábitos sociais, o papel da mãe foi, por séculos, associado a uma mulher perfeita que age apenas e sempre em prol dos rebentos. Nesse ensejo, o amor materno foi envernizado com cores diáfanas, criando-se a aura de que apenas esse sentimento é verdadeiro e imortal. Frases como “amor de mãe é incondicional”, “maior amor do mundo” ou “apenas uma mãe faria isso” endossam esse paradigma, que mais do que um lugar-comum, transformou-se numa memória coletiva, ativada inevitavelmente quando se pensa no que é ser mãe. Para além de uma reprodutora, uma mãe é aquela que a tudo suporta e a tudo seria capaz de renunciar motivada por esse amor transcendental.

Elisabeth Badinter é reconhecida como estudiosa que decupou como o mito do amor materno (título de sua obra cabedal) se mantém vigente em nossa sociedade. Para ela, “O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina” (BADINTER, 1985, p. 22), ou seja, a autora já desmente o caráter instintivo e compulsório desse sentimento. Ela ainda esclarece que existiram, em um primeiro momento, três discursos soberanos que confluíram, a partir do século XVIII, para docilizar o amor materno, pacificando-o: o discurso econômico (dirigido aos homens), o filosófico (formulado por Rousseau e voltado a ambos os sexos) e um discurso orientado justamente para as mulheres, de modo a tocá-las quanto à função de mãe. Esse

terceiro, ainda em atividade, é composto por vários outros: o médico, o psicanalítico, o pedagógico e até o econômico, de modo a existir uma sabedoria caudalosa quanto aos deveres e às responsabilidades da mãe na criação, na garantia à saúde e à sobrevivência e até na felicidade de seus filhos. Com uma missão tão complexa, a própria felicidade é obliterada em prol da manutenção desse equilíbrio. Assim, o bem-estar da criança é essencial, e mesmo que a mãe não esteja – física ou psicologicamente – bem, deve-se calar essa insatisfação. Nas palavras de Badinter (2015, p. 238):

Graças à psicanálise, a mãe será promovida a "grande responsável" pela felicidade de seu rebento. Missão terrível, que acaba de definir seu papel. Sem dúvida, esses encargos sucessivos que sobre ela foram lançados fizeram-se acompanhar de uma promoção da imagem da mãe. Essa promoção, porém, dissimulava uma dupla armadilha, que será por vezes vivida como uma alienação. Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral.

Percebe-se, a partir da leitura de Badinter, um interdiscurso abundante que afluiu na contemporânea formação discursiva¹⁹ sobre a maternidade. Foram esses discursos, ao longo de quase 4 séculos, que impregnaram o ideário social do que é ser mãe e como a mulher deve sê-la – e eles continuam regendo, agora endossados por outros discursos, como o midiático e o literário, o ideário dessa “mãe perfeita”.

Vera Iaconelli marca a Revolução Francesa, auge da ideologia burguesa, como momento de virada do que se esperava de uma mãe. “Se a nova ordem burguesa exigia que as famílias se fechassem sobre si mesmas, tendo as mulheres como ‘rainhas do lar’, a diferença radical entre os sexos também serviu para ‘provar’ que a mulher era talhada para ter filhos, cuidar da família e dos afazeres domésticos, suas verdadeiras fontes de prazer”. (IACONELLI, 2023, p. 40). Nesse

¹⁹ Producente observar, assim como assinalado por Badinter, que a classe social mais tocada, em um primeiro momento, por um discurso que edulcorava a função materna, ao mesmo tempo que convocava a mulher a sê-la integralmente, era a burguesa. As camponesas, nos séculos XVIII e XIX, não tinham a opção de se dedicar integralmente aos filhos, enquanto as nobres tinham outras opções e compromissos que não a impeliam apenas aos cuidados com a maternidade. Como se verá, é, equivalentemente, a classe média a maior escritora dos blogs sobre maternidade contemporaneamente.

recorte histórico, a boa mãe é aquela que se dedica exclusivamente à prole, e passa a ser valorizada socialmente. “Sacrífico, abnegação e culpa são a base daquilo que veio a ser considerado a maternidade real”, explica Iaconelli (2023, p. 51).

Outra autora que confirma essa acepção diáfana atribuída às mães é Cordeiro. Segundo ela,

A mãe, a partir da gestação, passou a se ver e ser vista como um ser duplo, a mulher e a mãe. Esse total desprendimento foi muito difundido e acabou sendo revestido por uma aura de sacralidade que perpetuou o mito do amor materno, isto é, que a partir do nascimento da criança, a mãe se devota totalmente a ela e se negará para sempre como sujeito. (CORDEIRO, 2013, p.2)

Esse apagamento do sujeito, esperado da mulher que vira mãe, contemporaneamente confronta-se com as novas versões não só possíveis, como estimuladas às meninas a partir das lutas feministas. A mídia, a publicidade e o próprio seio social, endossando nossa hipótese de acontecimento enunciativo, já as veem como sujeito múltiplo e atuante – cidadã, profissional, estudante, filha, amiga, e, se assim desejar, mãe. A mulher, de ser naturalmente assujeitado pela cultura e pelas instituições (apenas o “outro” do homem, como denunciou Simone de Beauvoir), ganhou ares de protagonista – o termo “empoderamento”, tão em voga quando se fala das garotas do século XXI, é um léxico que remete a essa visão de mulher dona de si, despojada de padrões e liberta de antigos preconceitos. Paralelamente, a própria maternidade parece ser mais “empoderada” – as antigas mães submissas totalmente às demandas da prole hoje já escrevem em blogs suas jornadas exaustivas e postam recados no Facebook queixando-se do comportamento dos filhos, como dissecaremos neste trabalho. Mas talvez o total desprendimento da antiga “aura de sacralidade” seja ilusório ou esteja ainda em uma fase latente, pois a alusão ao amor supremo e sublime ainda é imprescindível nessas falas, como para legitimar a condição materna e, sobretudo, não a esquecer: ser mãe é, ainda que esteja sofrendo, fazer tudo pelo filho e provê-lo de todo amor. Como assevera Iaconelli, há um preço alto a ser pago por essa hiper-idealização:

O colapso do modelo ideal de maternidade herdado do século XVIII e recrudescido no início do século XX é perceptível. Seu fracasso se faz

notar no adoecimento das mulheres, na corrosão da conjugalidade com a chegada dos filhos, na precarização dos cuidados com a infância e na perda do direito à descendência em populações mais pobres. (IACONELLI, 2023, p. 29)

Fato é que, a despeito do desgaste do modelo, o amor perdura como o bastião da maternidade, o cordão umbilical inefável que liga a mãe ao bebê e cujo poder não se esvai, mesmo diante das revoluções culturais e comportamentais. Novamente, o enunciado “Odeio ser mãe, mas amo meu filho” é emblemático — o amor paira como protagonista, não obstante as vicissitudes, como um bálsamo para as dores ou como um leniente para as confissões.

O conceito de amor, sendo ele subjetivo, escapa às bordas da linguagem, e é difícil encontrar uma definição acadêmica que possa conceituá-lo. Josef Pieper, em 1992, escreveu um artigo no qual apresenta os empecilhos para tentar por meio de linguagem esquadriñar o que seria o amor. Segundo ele, o amor seria uma espécie de aprovação “estou de acordo, comprometo-me, aprovo e reafirmo, envolvo-me, reconheço e assumo, endosso através do meu aplauso, louvo, exalto e glorifico o fato de determinada coisa ou determinado alguém precisamente a pessoa amada, existir” (Pieper, 1992, p.254). O amor, portanto, é “um tipo de querer, uma forma de vontade (Pieper, 1992, p.25). Conceitualmente, amor seria o ato fundamental da vontade e a vontade é a existência do ser amado e a vida dele. O amor está ligado à vida, para Pieper, que retoma outros filósofos, segundo os quais o amor associa-se à felicidade pela existência do outro. Amor, dessa forma, é a não morte. Pieper continua a sua reflexão sobre o amor e o liga então ao ato de criar, retomando de certo modo as ideias cristãs, no entanto, as refuta: não apenas o amor de Deus é o suficiente é preciso que o amor humano também se estabeleça para o sopro da vida florescer o indivíduo. “Ao que parece, para criança, e na verdade até para o nacíuro (*sic*), ser amado é literalmente a condição para a formação do próprio ser”. (PIEPER, 1992, p.257). Em uma bonita metáfora, Pieper revela: o amor é o alimento que sustenta e adoça a vida como o mel. Tomás de Aquino é chamado à reflexão quando diz “o amor é o dom fundamental e qualquer outra coisa imerecida que possamos receber torna-se uma dádiva apenas por meio do amor”.

Iluminando novamente o amor materno, é notório como esse sentimento é considerado indubitável, isto é, pouco se questiona sua legitimidade, como se seu estatuto inato e intrínseco à mulher que dá à luz fosse irrefutável. Nesse momento, pode-se ligá-lo à ideia de instinto, sendo um fruto do outro, isto é, haveria um instinto materno, igualmente irrefreável e soberano, que ativaria um amor compulsório na mãe, e essas duas instâncias, o amor e o instinto, permaneceram por séculos como verdades.

O “instinto materno” atribuído à fêmea humana passa, dessa forma, a ser entendido como fato da ciência. Embora o amor pelos filhos sempre tenha existido, a moralização e a ideologia associadas a esse afeto foram meticulosamente construídas, fazendo supor que ele não seria contingencial – como todo amor –, mas garantido pela natureza feminina. (IACONELLI, 2023, p. 47)

Essa fala é brilhante por conceder que o amor pelos filhos não é uma invenção moderna, tampouco a existência dele só se deu com a assunção de determinados discursos, mas que a forma de amar é, tornando-o compulsório e formatando-o em um paradigma universal. De acordo com a autora, portanto, o instinto materno seria uma construção ideológica, e não uma determinação biológica, tese igualmente defendida por Badinter e provada por Sarah Hrdy, bióloga interessada nas manifestações da maternidade na natureza. Nas palavras dela, “‘Instintivo’ é um modo razoável de descrever o comportamento maternal das fêmeas, desde que se entenda que as mães mamíferas não manifestam um compromisso automático e total com os filhotes imediatamente após o nascimento” (HRDY, 2001, p. 167). Para a professora, após catalogar várias manifestações das fêmeas em relação aos bebês, a devoção incondicional e imediata é uma falácia para humanos e para outros mamíferos. “Não é verdade que as mulheres amem instintivamente seus bebês, no sentido de que assumem e cuidam automaticamente da criação de cada bebê nascido” (HRDY, 2001, p. 194). O que a autora defende é um envolvimento progressivo, construído aos poucos, e determinado pelos sinais externos. Há um trabalho nessa criação, a qual precisa ser instigada, lapidada, nutrida. Como sintetiza Iaconelli (2023, p.47), trata-se de uma “construção ideológica”. Não há, portanto, uma emoção geneticamente predeterminada, e o

vínculo precisa da atuação da mãe para acontecer. Hrdy detalha os mecanismos fisiológicos envolvidos na criação desse laço, e não há dúvida de que uma máquina de hormônios e ativação de genes coopera para que as fêmeas cuidem da ninhada e protejam-na contra os perigos. Os aspectos sociais, os valores humanos compartilhados na sociedade, a tecnologia são todos fatores que se conjugam para que o sentimento surja à revelia de um pretenso instinto. Não é equivocados, portanto, imaginar que o próprio discurso seja um modalizador do amor, determinando o que pode e não pode ser dito sobre esse sentimento, e também de que forma expressá-lo, sendo a linguagem um simulacro reproduzível de uma experiência mais profunda, complexa e individual do que se tenta representar.

3 BLOGS, REDES SOCIAIS E AS CENAS DA ENUNCIÇÃO

Na definição de Lim (2009, p. 45, tradução nossa), “Um blog é a forma abreviada de ‘web log’ ou ‘weblog’ e é, em geral, um diário em linha que permite um maior grau de interatividade entre o seu autor e o leitor”.²⁰ Temos, então, os primeiros entendimentos sobre o formato do suporte ora estudado, cujas palavras-chave – virtual, diário e interação – já são mencionadas. Rebecca Blood expande esse entendimento:

Um weblog define-se, hoje em dia, pelo seu formato: uma página web atualizada frequentemente com entradas datadas, as novas colocadas no topo (...). Os progenitores do movimento dos weblogs adotaram esse formato por uma questão de conveniência, para que os visitantes pudessem ver instantaneamente a sua última atualização e se esta tinha sido feita há uma semana, um dia ou uma hora. Mas o que os uniu, quando se encontraram, não foi o formato que partilhavam: foi o seu amor pela World Wide Web e o desejo de partilhar as coisas que encontravam (BLOOD, 2009, tradução nossa)²¹.

Blood também aponta que os blogs são uma plataforma para comunicar as novidades, funcionando como uma espécie de “editorial” da própria vida

Ao contrário de quase tudo o que existe em linha, os weblogs não são apenas uma variação digital de uma fórmula estabelecida. Tudo neles - o seu formato, a sua dependência de ligações, o seu imediatismo, as suas ligações entre si - deriva do meio em que nasceram. Eles são a própria Web. (BLOOD, 2009, tradução nossa)²².

Outro ponto a ser considerado é a particularidade que cada blog assume, de acordo com as predileções e as intenções do autor (LIM, 2009). Ainda segundo o

²⁰ Texto original: “A blog is the shortened form of ‘web log’ or ‘weblog’ and by all accounts it is an online diary that allows for a higher degree of interactivity between its writer and the reader”

²¹ Texto original: A weblog is defined, these days, by its format: a frequently updated webpage with dated entries, new ones placed on top (...). The progenitors of the weblog movement adopted this format as a matter of convenience, so that visitors could instantly see their latest update, and whether it had been made a week, a day, or an hour ago. But what drew them together, when they found each other, was not their shared format: it was their love of the World Wide Web, and the desire to share the things they found.

²² Texto original: Unlike almost everything else online, weblogs are not just a digital variation on an established formula. Everything about them - —their format, their reliance on links, their immediacy, their connections to each other—is derived from the medium in which they were born. They are the Web itself.

estudioso, um blog será tão bom quanto o conteúdo que oferecer. Um blog pobre não atrai público, tendo como único leitor o próprio criador, e essa, essencialmente, não é a função do meio, que preza pela comunicação com os outros.

Em 2007, estimava-se a existência de 112 milhões de blogs, com a criação de 120 mil diariamente (LIM, 2009), número que mostra não só a proliferação desse meio de interação e de exposição, mas também sua aceitação social. Na dinâmica da internet, sacudida por avanços em velocidade abissal, surgem, concomitantemente aos blogs, as redes sociais, cuja ascensão levou ao enfraquecimento daqueles. Na explicação de Paveau (2021, p. 220):

O blog constitui-se há muito tempo como gênero nativo da web privilegiando para a exteriorização de si, em especial “o blog em primeira pessoa” (...). O blog não é mais essa forma privilegiada de extimidade²³, uma vez que as redes sociais e, em particular, o Facebook, assumiram o lugar da exposição de si, mesmo que hoje seja mais um estereótipo do que uma realidade.

De fato, os blogs sobrevivem, no entanto, a soberania hoje é ocupada pelas redes sociais, as quais têm por premissa a conexão de pessoas. Marteleto (2001) conta que rede (*network*) pode significar estrutura sem fronteira, comunidade não geográfica, sistema de apoio ou sistema físico que se pareça com árvore ou rede, e as redes sociais, então, representam “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 71). A pesquisadora ainda completa que o trabalho de conexão é humano, tão antigo quanto a humanidade, e agora se estabelece como uma ferramenta organizacional. Para ela,

Nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. (...) Os indivíduos, dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios

²³ De acordo com Paveu (2021, p. 221), “A extimidade na internet e, principalmente, nas redes sociais digitais da web participativa, consiste na exteriorização da intimidade dos internautas para fins da validação da imagem de si (...). A extimidade, ao contrário do que a morfologia da palavra pode sugerir (pseudoprefixo ex- versus in-), não é o contrário de intimidade, mas é uma de suas formas, que tem função social precisa: o processo de extimidade visa a obter uma validação por parte do outro, solicitando seu reconhecimento (Granjon)”.

espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes” (MARTELETO, 2001, p. 72).

Recuero reforça que a expressão e a socialização são as tônicas da internet, que disponibiliza ferramentas – notadamente, as redes sociais – para que os usuários possam “construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros” (RECUERO, 2009, p.22). As redes sociais, na concepção da autora, são articuladas por dois elementos: atores e conexões. Os atores são, na verdade, representações. Há um trabalho de construção de papel, de narrativa de si – performa-se, então, uma representação do papel que se assume online. Nesse contexto, há um “imperativo de visibilidade” (SIBILIA, 2003 *apud* RECUERO, 2009): “Esse imperativo, decorrente da intersecção entre o público e o privado, parece ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser ‘visto’ para existir no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 27). Donath (1999), citada por Recuero (2009), faz uma observação que abrilhanta este nosso estudo: sendo o Outro essencial à interação humana, e visto o espaço cibernético prescindir da comunicação face a face, são as palavras, as detentoras das informações de quem se é.

Já em relação à conexão, Recuero frisa ser a interação a ação básica e basilar das redes sociais. Esta pode ser unidirecional, ou seja, apenas clicar em um link, ou construída e criativa, como o diálogo entre os atores – em seus múltiplos e mútuos papéis. Nesse ensejo, estabelecem-se os laços, que podem ser fortes (simbolizando intimidade e intensidade emocional) ou fracos (relações esparsas, mas que estruturam as redes).

As redes sociais, os blogs e até os grupos de WhatsApp reúnem mães interessadas em partilhar os dilemas encarados na maternidade. Enquanto os blogs funcionam como diários virtuais – são páginas autorais, em que as escritoras podem publicar acontecimentos do dia a dia e também expor com mais subjetividade e transparência os sentimentos experimentados em dadas situações –, as redes sociais, como o Facebook e o Instagram, tanto têm um espaço nas páginas

personais para que esse desabafo seja redigido e publicado como facilitam as trocas e o diálogo com outras mães que podem viver a mesma situação ou aconselhá-la. Nas palavras de Pesce e Lopes (2020, p. 224):

Nesse sentido, entende-se que o blog seja um ambiente facilitador para que as mães possam ir se apropriando dos seus sentimentos, tomando contato com a sua ambivalência e, assim, integrando aspectos da natureza humana que normalmente ficam cindidos da experiência da maternidade. A escrita no blog acaba funcionando como um espaço, também, de escuta, onde as mães se sentem acolhidas - e não julgadas - para verbalizarem sobre seus sentimentos em relação à maternidade. Ao se depararem com falas que expressam sentimentos semelhantes aos vivenciados por elas, as mães referem alívio, bem como diminuição da angústia e da culpa. (PESCE e LOPES, 2020, p. 224)

Pela facilidade de se corresponder, uma rede de mulheres é tecida e constantemente acionada em situações mais espinhosas, pois várias mães podem confessar sofrer o mesmo dilema (noites mal dormidas, dúvidas na criação, cansaço) e falar sobre ele torna-se catártico no sentido de aliviar a tristeza enfrentada. O jogo de espelhos das formações imaginárias dos atores envolvidos neste contexto de blog é fascinante: mãe-autora e mãe-leitora intercambiam papéis. Fala-se de uma posição-sujeito mãe para outras mães, e se não há uma hierarquia evidente entre um e outro, as questões que vão modular o tom, a escolha vocabular e mesmo a seleção de conteúdos estão presentes, entram em jogo as formações imaginárias: quem essa mãe-leitora pensa que eu sou para falar assim?, quem sou eu para falar assim a essa mãe-leitora?, e essas respostas, indubitavelmente, são equacionadas na projeção do ethos. Germic et al. (2021) contribuem com essa delimitação de papéis. Segundo os autores, há dois tipos principais dessas influenciadoras em blogs e Instagram: as *mãe-alfa*, aquelas cujos predicativos são insuperáveis, apresentando-se como excepcionais em todas as práticas da vida, inclusive, no maternar, e as *mães "reais"*, aquelas que mostram as vulnerabilidades e expõem as fragilidades e inseguranças. Enquanto as primeiras podem gerar um sentimento negativo, de inferioridade nas mães-leitoras, as segundas, de acordo com os pesquisadores, criam uma sensação de adequação e pertencimento nas leitoras. Como complementam Pesce e Lopes (2020), as redes sociais podem funcionar como palco de exibição de felicidade, em que tudo na vida e no cotidiano

da mãe flui com perfeição, e o sucesso ou a alegria com aspectos idealizados da maternidade (criação, amamentação, vida conjugal) são associados a uma valoração positiva, como plenitude e realização pessoal. “A valorização da imagem, mais do que a experiência, também se reproduz no âmbito da maternidade, onde se confere maior valor ao olhar do outro do que à intimidade da relação mãe-bebê (PESCE e LOPES, 2020, p. 207)”, as autoras sentenciam. O que se descortina com essas possibilidades, portanto, são Formações Discursivas a que o sujeito-mãe pode se filiar. Enquanto produtora de enunciados nesse meio, elas podem orbitar em diferentes FDs: em uma mais tradicional, com viés conservador, em outra mais romântica e idealista, em uma em que a ambivalência de sentimentos seja aceita, ou até em uma mais publicitária, que encare a maternidade como um fenômeno mercadológico e rentável. Como já aprendemos, essas FDs não são estanques, e por sua natureza porosa, os discursos se atravessam, mas podemos vislumbrar quem seria o “bom sujeito” de cada uma delas.

Por outro lado, a despeito dessa encenação, a internet também oportuniza a publicação de desabafos que anteriormente, além de não serem autorizados a serem ditos (interditos), não possuíam um meio para veiculá-los. Na explanação de Pesce e Lopes (2020, p.2023)

Em meio a todas as angústias inerentes à maternidade, até então, silenciadas, o movimento de falar sobre o lado B da maternidade surge, como contraponto ao discurso idealizado, em um espaço onde o não dito encontra um lugar: os blogs. É nos blogs que as mães, ao terem contato com as vozes de outras mães, conseguem dar voz e colocar em palavras o que é da ordem do imperfeito, do real, da falta. É importante levar em conta a especificidade do momento de vida dessas mulheres com bebês para se pensar por que elas ficam mais permeáveis à exposição de opiniões e sentimentos próprios.

Esse movimento, o qual identificamos neste estudo como o discurso contemporâneo sobre maternidade e denominado pelas autoras de “lado B”, abriu uma senda para um discurso mais cru e menos maquiado, mas se este suavizou a santificação com que o amor materno é tratado, ele não dissipou da fala das mães as marcas do discurso materno pretérito. Isso é claro: como estamos tentando demonstrar, a memória discursiva resiste, e o efeito de memória irrompe nesses

enunciados: “é a memória discursiva que faz ecoar, numa determinada conjuntura ideológica, a posição que convém tomar, o que convém dizer, escrever, etc, levando-se em conta as coisas das quais nos lembramos e o modo como nos lembramos” (BRAGA, 2012, p. 388). A pretensa liberdade segue mediada pelo interdiscurso.

Assim, seja na internet, nos blogs, ou nas redes sociais, há o espaço para uma fala mais particular sobre as queixas, mas as mulheres ainda não se sentem seguras para apenas reclamar, e mesmo que haja um desabafo, ele é pontilhado por autocensura, remontando ao discurso materno anterior – agora revigorado como uma ressalva indispensável à lamentação revelada (e é esse o ponto de defesa do presente estudo).

Analisar esse discurso é, portanto, identificar como a fala e o desabafo dessas mães estão ainda conspurcados por um modelo de maternidade que exige um arrefecimento das queixas em detrimento da exaltação do amor e dos prazeres de ter filhos. Se o *momentum* contemporâneo licencia que as mães relatem o que e como se sentem no exercício desse papel, o interdiscurso, a memória e a cultura ainda a impelem a reafirmar que uma eventual crise é pequena diante do sentimento que um filho desperta. Como em um palco teatral, a mãe deve incorporar o papel que equilibre tanto a manifestação de suas impressões negativas sobre a maternidade quanto a ressalva de que, apesar desse dissabor, ela segue convicta de sua função e de seu amor. Nesse ponto do estudo, convém invocarmos as cenas da enunciação e como elas contribuem na composição dos enunciados e na assunção do ethos.

3.1 AS CENAS DA ENUNCIAÇÃO

Maingueneau dissecou as três cenas que demarcam um quadro e um processo do discurso no qual se encena a enunciação, quais sejam: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante é o tipo de discurso gerado nos setores da atividade social. Tanto nos blogs como nas redes sociais, trata-se do discurso materno, com

a locutora no papel de mãe, e o chamado “superdestinatário” é outra mãe, que vive uma rotina parecida e que entende aquilo sobre o qual se desabafa. “Os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta” (MAINGUENEAU, 2015, p. 119). As mães enunciadoras, portanto, devem ser tanto humanizadas (no sentido de expor cansaço, fragilidade, dúvidas) como virtuosas (preocupadas com o próprio maternar, devotas aos filhos). Ademais, como detalha Reis, “é por meio da cena englobante que o locutor apresenta seu ethos prévio, imposto pelo estatuto do tipo de discurso” (REIS, 2020, p. 8)

Subsumidas à cena englobante, temos as cenas genéricas, “as quais funcionam como normas que suscitam expectativas”, explana Maingueneau (2015, p. 120). Sumariamente, as cenas genéricas referem-se aos gêneros aos quais o discurso pertence. O discurso materno poderia ser emanado, por exemplo, do gênero literário, ou do gênero diário, ou do gênero carta, ou do gênero publicitário, isto é, cada gênero define seus próprios papéis. Neste estudo, a cena genérica são os posts. Para essas postagens, algumas cenas genéricas podem ser descritas, como a *finalidade*: esses textos são escritos, à primeira vista, para confidenciar alguma angústia, no entanto, em uma leitura mais amadurecida, pode-se subentender uma vontade, por parte das locutoras, de manter (ou até exaltar) uma imagem de boa mãe, de mãe que, apesar de todas as dificuldades, consegue ter força para continuar e amar as crianças, ou ainda professar algum ensinamento às leitoras por meio da mensagem. Nesse contexto, os *papéis* assumidos, tanto pelos locutores como pelos interlocutores, endossam o cenário aqui delineado: enquanto as autoras dos enunciados procuram redigi-los de modo a criar um ethos positivo de si mesmas - ou seja, elas almejam passar ao público uma impressão de mães ciosas, que mesmo esgotadas física e emocionalmente, ainda são guerreiras o bastante para não desistir da nobre função de que foram incumbidas –, as leitoras dos posts se revestem de um poder de juízas (e as mães têm manifestadamente medo desse julgamento), e se o relato postado for muito pesado ou honesto, a

imagem pretendida pode ser mal interpretada, por isso as ressalvas se fazem tão necessárias.

Por fim, cenografia é

ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história (...) (MAINGUENEAU, 2018, p. 96, grifos do autor).

A cenografia também é um recurso impregnado de criatividade – as falas das mães, organizadas ora em memes, ora em postagens, ora em tom de humor, ora em tom de desabafo são coloridas de acordo com a finalidade daquele enunciado e tal cenografia também é participativa do ethos, um indício do traço de personalidade que se deseja passar (divertida, apaixonada, reflexiva...). É com a cenografia que o leitor se defronta quando acessa a essas postagens, e alguns discursos são mais permissivos quanto à cenografia, e outros são mais restritos.

Temos duas cenografias em nosso corpus. A postagem do blog é realizada em uma plataforma cujo layout pode ser customizado, tornando a teia de links mais aparente. Essa espécie de diário virtual é um espaço mais personalizado, de acordo com cores, fontes, imagens que ajudarão a construir a identidade da autora. De todo modo, ainda que o tom possa ser mais confessional, a intimidade é violada (afinal, é um conteúdo público), e a interlocução, desejada, visto que os posts são escritos para ser lidos e comentados. Já a plataforma de postagem das redes sociais é sempre a mesma, e o que vai diferir são as fotos, essenciais para a vinculação dos posts (no blog, essa presença não é obrigatória). Costumeiramente, essa foto irá dialogar com o teor do texto: a mãe e a criança, ou só a criança, ilustram uma reflexão, uma memória, um desabafo da autora. Essas imagens são prenes de mensagens simbólicas e semióticas, e casar a interação entre esses elementos e o texto veiculado abrilhanta a análise, haja vista que é do DNA do Instagram primar pela comunicação não-verbal, sendo o texto um acessório que foi sendo privilegiado ao longo do tempo.

Evidencia-se, nos sites enfocados por nosso estudo (tanto blog como Instagram), a presença de uma caixa de comentários para cada postagem. Esse espaço é o da troca, da partilha, o local em que a leitora pode interagir com a autora. Os comentários são desejados e por vezes incentivados, por isso se prima pela preservação de um ethos materno positivo, afinal, apesar do desabafo, elas não querem receber uma má avaliação do que foi dito – e esse traço do ethos é indelével da maternagem: as mães se preocupam sobremaneira em não aparentar descaso ou falta de amor, como se verá nas próximas análises.

É importante destacar que Maingueneau ressaltou que a web possui uma cena mais específica: enquanto a cena genérica é mais diluída (pois se aplainam as diferenças entre elas em virtude das restrições técnicas da internet), há uma carga maior na cenografia²⁴ – e esses elementos, nos textos destacados, são concentrados tanto no layout das páginas (cores pastéis, presença de ícones como corações), como no conteúdo (link para outras postagens, o que tece a infinita teia emaranhada de material circulante na rede mundial de computadores).

²⁴ De modo geral, a cenografia é reproduzida tanto nos blogs como no Instagram. Eventualmente, há uma carta direcionada ao filho ou uma postagem mais curta, em formato de piada, mas no escopo do presente estudo, tem-se postagens longas, que mesclam características de crônica e de diário - ou seja, há, sim, uma padronização nessa cenografia.

4 METODOLOGIA

Na definição de Orlandi (2003, p. 26), “A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido”. É papel do analista do discurso formular a questão que desencadeia a análise (ORLANDI, 2003), e a partir da finalidade e da natureza da análise é que este evocará o dispositivo analítico conveniente para o caso. Assim, as ferramentas e os conceitos são mobilizados individualmente, de acordo com a questão norteadora.

Uma pesquisa que tem por sustentáculo a Análise do Discurso, portanto, possuirá uma metodologia própria. Como postulam Silva e Araújo,

A AD é um campo de pesquisas que não possui uma metodologia pronta/acabada. Isto quer dizer que ao lançar mão dos elementos constitutivos do delineamento teórico que balizarão suas análises, o analista do discurso estará ao mesmo tempo alçando os dispositivos metodológicos (SILVA E ARAÚJO, 2017, p. 20).

Assim, ainda que se possa enquadrá-la num método indutivo, é salutar frisar que as ferramentas para o estudo serão oriundas da AD (sobretudo, na linhagem francesa), como conceitos relativos a interdiscurso, formação discursiva, e mais notadamente, ethos. A partir da escolha de um corpus – constituído pelas postagens de blogs do início da década de 10, dos anos 2000, e pelas postagens em rede social do início da década de 20, dos anos 2000 –, esses conhecimentos serão mobilizados para se entender qual é o sujeito produtor desses enunciados, quais são os sentidos produzidos, qual ethos se procura imprimir com eles, quais são as escolhas lexicais mais recorrentes para tentar o efeito patêmico. Como sintetizam Silva e Araújo,

Desse modo, os estudos nessa linha de pesquisa possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto natural na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem. Não há análise quantitativa de dados. (ibidem)

A natureza desta pesquisa é descritiva, isto é, observa-se, registra-se e analisa-se o discurso materno em busca de se confirmar ou não a tese do estudo, a saber: as postagens na internet escritas pelas mães podem até relatar um desabafo ou uma reclamação, mas em algum momento, haverá uma ressalva nesse lamento, reforçando a ideia de que o amor pelo filho supera essas dificuldades. A hipótese é de que o discurso materno esteja na iminência de um acontecimento enunciativo, conforme explicado no Capítulo 1, ou seja, na fronteira para o surgimento de uma nova posição-sujeito dentro da FD. Como norteador dessa análise, será delineado o ethos do enunciador daquela postagem, isto é, será verificada qual a imagem que é projetada na elaboração das postagens a partir do discurso das autoras, o que torna essa pesquisa qualitativa.

Os blogs e as redes sociais direcionadas às mães (e cujo conteúdo é criado por elas) serão a fonte primária, dos quais serão extraídos os enunciados a constituir o corpus de análise. Essa escolha foi motivada pela minha familiaridade com esses sites – fruidora desses conteúdos, o discurso das autoras já era analisado por mim empiricamente, e este estudo é uma oportunidade de compreender, à luz da teoria, como esses efeitos de sentido se construíram. A coleta se deu entre julho de 2019 (quando o pré-projeto nasceu) e fevereiro de 2024 (quando este estudo foi finalizado), com base tanto em buscas diretas por termos e *hashtags* nas ferramentas da internet como em postagens encontradas espontaneamente na timeline. Como explica Paveau (2021), a internet é o corpus, e as condições desse ambiente devem ser calculadas, bem como o fato de esses dados serem baseados nos usuários. Na síntese da autora:

A análise do discurso, cujo quadro pós-dualista abandona a oposição rígida objetividade *versus* subjetividade, posiciona-se entre os dois: ela opera ao mesmo tempo com a coleta de dados nas telas, mas se alimenta dos conhecimentos práticos e da experiência digital tanto de analistas quanto de internautas-escritores (PAVEAU, 2021, p. 137)

Tendo esse horizonte em vista, o procedimento de pesquisa se deu a partir de uma extensa revisão bibliográfica, em que a Análise do Discurso (e a Linguística), a Maternidade (balizada pela Sociologia) e a Linguagem de Internet serão os pilares

norteadores das leituras. Por escolha, as imagens, à exceção dos enunciados no estilo “meme”, foram suprimidas da análise, haja vista que esse trabalho não envereda para uma leitura semiótica ou não-verbal dos enunciados. Apesar de se entender que as fotos poderiam enriquecer a compreensão global das postagens, primou-se pela análise da materialidade linguística, traçando os efeitos de sentido extraídos desses enunciados. A exclusão das imagens também teve o propósito de preservar a privacidade das autoras, mantendo o anonimato das mulheres que contribuíram para essa pesquisa.

Focado em delinear a construção das formações discursivas, Maingueneau (2015) sugere organizá-las de forma temática, ou seja, estudar-se-iam o agrupamento de enunciados sobre uma certa temática (no nosso caso, a vivência da maternidade). Esses temas podem ser de várias naturezas, e seguindo as descrições do linguista, a maternidade se encaixa nas *entidades*, as quais são protótipos de um membro de uma classe. "Uma formação discursiva construída a partir de uma entidade centra-se em humanos (...), em um momento (...), em um lugar", explana (MAINGUENEAU, 2015, p.87). Ele adverte que não se trata de uma representação ou de uma imagem projetada coletivamente, algo como a concepção a partir de um senso comum, e sim de, ao lume da análise do discurso, apreendê-las por meio do funcionamento do discurso, tramadas pela linguagem.

Os discursos assim produzidos engendram um espaço discursivo, o qual é aberto e permeável a diversos tipos e gêneros discursivos. Como apresentei até aqui, os discursos sobre maternidade que produzem essa FD advêm de múltiplos conhecimentos: literatura, música, indústria cultural, Bíblia, universo jurídico. Esse recorte, indica Maingueneau, é estabelecido pelo analista, o qual vai construir seus objetos de conhecimento, o que evidencia a porosidade da formação discursiva. É papel do analista pôr luz ao que está escondido (MAINGUENEAU, 2015). Ainda de acordo com Maingueneau (2008, p. 27), o corpora do analista, caso ocupe uma posição estratégica e desenvolva-se num plano de generalidade suficiente, permite que “falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também a falar apenas de alguns pensando em falar de todos”. Assim, assume-se que o corpus

coletado já ilustra qual é o ethos pretendido pelas mães contemporâneas em seus escritos públicos.

Vale ainda registrar os discursos registrados nos ANEXOS desta tese. Após uma seleção extensa de postagens de blogs sobre maternidade, coletados entre 2019 (ano em que formulei meu pré-projeto) e 2024, refinei o corpus para este trabalho e elegi 4 como paradigmáticos do discurso das mães. Ou seja, foi por estar mergulhada nesse interdiscurso e me nutrir de inúmeras experiências como leitora que, no papel de analista, resolvi me debruçar nesses enunciados em particular, pois entendi que eles simbolizavam a formação discursiva aqui iluminada. Como são textos mais longos, que exigem um maior fôlego de leitura, eles vêm como Anexos, para não atrapalhar a fluidez do estudo, e essa diferença também nos aponta para uma distinção de meios – enquanto a cenografia do Instagram permite que os enunciados sejam apenas destacados e inseridos em nosso estudo (por sua extensão e formato), a cenografia dos blogs é um pouco mais sofisticada, no sentido de permitir às mães uma forma de expressão mais caudalosa. Se hoje as redes sociais contam com emojis que podem comunicar uma infinidade de sentimentos apenas com uma expressão em uma bolinha amarela, ou mesmo a foto, que mais que ilustrar o texto, é o artifício protagonista e indispensável da postagem, os blogs, como já vimos, com seu funcionamento similar ao de um diário confessional, são um espaço de palavras e todas as possibilidades linguísticas ofertadas por elas. As fotos, figuras e emojis podem aparecer nesses textos, mas não são cruciais, o que resulta em uma matéria-prima de análise mais bruta e também mais dilatada. Ainda que aqui figurem poucos posts de efetiva análise, inevitavelmente, todos os outros que li e mesmo estudei, em outros momentos do doutorado, contribuíram com a minha leitura sobre a FD, me permitindo uma visão mais ampla, holística e inspiradora sobre os sujeitos que se filiam a ela e sobre as marcas do discurso emanado a partir dela.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Até aqui, nos munimos de ferramentas essenciais para mergulhar no corpus. Como visto, a Análise do Discurso é um campo transdisciplinar, que se abastece do conhecimento de diferentes áreas para compreender os possíveis efeitos de sentido de um enunciado. É essencial, pois, inserir esse enunciado em análise em um contexto histórico e ideológico, delinear a que FD ele se filia e a qual interdiscurso pertence, resgatar os traços de memória que ajudam a compô-lo e significá-lo, além de nos debruçarmos na materialidade linguística, a qual irá possibilitar que o discurso se concretize, e é realizada com movimentos de criatividade que articulam saberes, memórias e subjetividade, produzindo um dado efeito de sentido. Como nos ensinou Pêcheux, os significados não são pré-existentes, e é só na equação dessas variáveis que se pode decupá-los.

A seguir, serão apresentadas algumas categorias, apreendidas das recorrências encontradas, por meio das quais o corpus foi organizado. Essas categorias não são excludentes e nem reducionistas, mas visam orientar a análise para determinados aspectos não apenas semelhantes entre si como também produtivos ao estudo, de modo que busquemos entender como as mães projetam as próprias imagens a partir dessas postagens e se há uma mudança de discurso em curso que caracterizaria um acontecimento enunciativo.

Previamente às análises do corpus coletado para este estudo, quero propor o exercício de pensarmos sobre um anúncio publicado na Revista Claudia, em abril de 1989. Como discutido no Capítulo 2, o discurso sobre as mães encontra na publicidade um poderoso maestro, o qual fomenta o interdiscurso sobre maternidade e tanto molda como espelha um pensamento de uma época. Historicamente, são apenas 35 anos que nos separam dessa propaganda, um tempo ínfimo, contudo, a mensagem, filiada a uma FD tradicional, guarda marcas de um discurso que, posto que resistente, já perdeu a hegemonia.

(1)



**SUA FILHA
JÁ PODE CONHECER
AS DELÍCIAS
DA MATERNIDADE.**

A Ganha Nenê traz um momento de amor e ternura ao mundo da criança. Nasceu de uma ideia inédita da Mimo para ajudar sua filha a descobrir o doce e maravilhoso mistério que é ser mãe, transformado numa deliciosa brincadeira.

De uma maneira bonita e saudável. A Ganha Nenê é uma boneca linda, uma grávida cheia de charme, com um nenzinho que é um amor. O enxoval fica por conta da Mimo, que traz todos os acessórios do nenê e até a sua certidão de nascimento. Com a Ganha Nenê, a Mimo prova mais uma vez a sua determinação em estar sempre ao lado das mães, papais e vovós, criando e alimentando a realidade e a fantasia deste mágico universo infantil.

**GANHA NENÊ
DA MIMO**
A única boneca grávida do mundo.

mimo

Ainda que extravase o escopo deste trabalho – afinal, não é um texto produzido por uma mãe, e sim uma peça publicitária –, revelam-se nele traços vívidos do discurso tradicional sobre a maternidade (discurso maternalista) e do ideário dominante sobre mãe e mulher.

Em primeiro plano, a cenografia remete à imagem clássica que se tem da maternidade: na foto, uma menina loira, trajada em um vestido azul claro adornado por rendas, abraça a boneca-mãe, a qual segura o bebê. No fundo, há uma colcha (ou tecido) com flores miúdas e cor-de-rosa. A luz da fotografia é cálida e suave, e todo quadro emana uma espécie de paz.

O título “Sua filha já pode conhecer as delícias da maternidade” contém vários elementos significativos: “Sua filha” evoca tanto a leitora da revista (a mulher

leitora de Claudia e mãe que comprará a boneca) quanto a filha menina, e não o filho, ou seja, há uma marcação de gênero que limita o público-alvo do brinquedo apenas às garotas. À época, as segregações entre meninos e meninas era o padrão: meninos usavam azul, gostavam de carros e bolas e eram vistos como agitados e agressivos, enquanto meninas eram delicadas e meigas, brincavam de casinha e de boneca e vestiam cor-de-rosa. Impensável (ou revolucionária) seria uma propaganda dessa destinada a pais (genitores homens) para presentear os filhos meninos.

O anúncio segue - “já pode conhecer”. Ou seja, a menina irá conhecer em um futuro, e a maternidade como destino inescapável se desenha com o advérbio “já”: o brinquedo promete antecipar uma realidade que será, definitivamente, vivida pela criança. Por fim, “delícias da maternidade” também vende a promessa de uma experiência deleitosa, recheada de prazer. Há uma pasteurização da maternidade, como uma fonte inequívoca e abundante de alegria e êxtase. Como se buscou provar ao longo deste estudo, essa acepção de maternidade como uma vivência permeada por satisfação e felicidade era, senão a única, a prevalente no discurso das e para as mães. É fundamental ressaltar esse resgate histórico para não perdermos de vista o interdiscurso em que hoje o discurso contemporâneo emerge, afinal, essa memória é indelével na urdidura dos novos discursos.

Após o título, segue-se o texto do anúncio, explicando a ideia da boneca “grávida” e persuadindo a mãe a comprá-la para a filha. Há um vocabulário “doce”, o qual se une à ideia de maternidade: “momento de amor e ternura”, “doce e maravilhoso”, “nenezinho”, “papais e vovós”, “mágico universo”. Além do uso abundante de adjetivos, há presença de diminutivos e de vocábulos ligados aos sentimentos de amor, elementos que forjam uma percepção de suavidade ao sabor da experiência que se quer vender. Sobre a linguagem doce, falaremos na próxima seção, mas que já se sinalize ser um tom recorrente nos enunciados do universo materno.

Além desse aspecto, é notório como elementos não só da maternidade tradicional, como da família tradicional estão circunscritos nesse discurso: “Mimo prova mais uma vez sua determinação em estar sempre ao lado de papai, mamãe

e vovós”. O leitor é remetido à imagem clássica do que seria uma família perfeita: mãe e pai, inequivocamente a genitora e o genitor, casados, heterossexuais, circundados pela presença dos avós. Não há, nesse universo idílico, espaço para outras composições familiares que sugiram esse mesmo fascínio em relação à gravidez e à maternidade.

Há, por fim, um aspecto que flerta com o capitalismo do qual não se pode esquivar. Ora, trata-se de um texto publicitário, cujo fito é vender a boneca. Mas, para além de comercializá-la, um estilo de vida também está incrustado nessa mensagem: *Mimo* é uma “grávida cheia de charme”, afinal, as grávidas “estão em estado de graça”, “são belíssimas”, “têm uma luz única”, de acordo com enunciados comuns à FD tradicional da maternidade. Contudo, percebe-se a afluência da FD do capitalismo, que impõe corpos impecáveis e desejados sob qualquer condição, mesmo durante a gestação. Apagam-se as gestantes com problemas, limitações, intercorrências, ou aquelas que passam muito mal e não conseguem ser “cheias de charme”, pois essa imagem não é “saudável” (ainda que mais comum do que aquela que se apregoa). *Mimo* também traz todo o enxoval consigo, e eis aqui mais uma marca do capitalismo, açulando o desejo de consumo e a necessidade de ter para ser – por certo, um “nenezinho” sem “todos os acessórios” não teria tanto encanto, subentende-se.

A propaganda não engana quando afirma querer alimentar “a realidade e a fantasia deste mundo mágico”, afinal, é exatamente esse tipo de discurso que nutria o interdiscurso, ele mesmo impregnado de uma memória sobre maternidade que silencia e apaga o que não é o padrão.

Não é surpresa que muitas das meninas, outrora público-alvo da boneca *Mimo*, contemporaneamente, são as mães autoras dos textos aqui analisados, cindidas entre a posição-sujeito que aquiesce à FD na qual foram criadas e a posição-sujeito que tomam após as mudanças socioculturais que transformaram o que se pensa sobre ser mulher e ser mãe atualmente. Os estilhaços desse discurso, com mais ou menos força, para refutar ou para endossar, vão ecoar nas postagens contemporâneas.

Mergulhados nesse interdiscurso, passamos a analisar as postagens de nosso corpus. Para tanto, organizamos as postagens a partir das FDs em que se inserem, ou mesmo, segundo a cenografia que esses discursos constroem e revelam. As primeiras seis categorias dizem respeito ao teor ideológico das postagens, enquanto a última, a sétima, é mais afeita à materialidade linguística propriamente e aos efeitos de sentido que esta proporciona nas condições de produção dadas.

5.1 CATEGORIA *LINGUAGEM DOCE*

Ainda que a expressão seja amplamente empregada academicamente – não só na Análise do Discurso, como em outros campos, como o literário –, não há uma teoria que defina teoricamente como é essa “linguagem doce”. Maingueneau irá se reportar a ela na análise do discurso religioso, em cuja conversação o “enunciador principal exprime-se em tom pacífico, afetuoso e paternal, usando comparações familiares” (MAINGUENEAU, 2018, p. 78), sem, no entanto, trazer uma caracterização objetiva do que seria a “doçura”.

A despeito de haver um apontamento preciso para identificar uma linguagem como doce, essa interpretação ou impressão passa pelo tom e pela construção do ethos como um todo – assim como a doçura pode ser um traço do sujeito com o qual sua linguagem será caramelizada, a imagem doce que se tem do sujeito é conquistada pela forma como ele molda a linguagem. Na área materna, a linguagem doce tanto deixa açucarado o ethos do bom-sujeito como revela a ideologia que perpassa a maternidade. Ou seja, esse tom mais melífluo casa-se à ideia de que as mães são sacras, angelicais, filhas de Maria, e não de Madalena (cuja linguagem, de acordo com os estereótipos, seria mais luxuriosa ou vulgar).

A cenografia da postagem contribui para esse “tom doce”: fotos em cores pastéis, especialmente na paleta cor-de-rosa, que retratam um momento de afetuosidade e carinho entre mãe e bebê: olhos fechados, testas unidas, abraços (a exemplo da fotografia da propaganda da *Mimo*).

A linguagem doce é caracterizada por algumas particularidades: simplicidade (em contraponto, uma linguagem sofisticada, com sintaxe invertida ou com uma escolha vocabular refinada, sinalizaria mais elegância, característica que não é o objetivo aqui, tampouco desejada), com metáforas ligadas aos sentidos; familiaridade (a linguagem doce não causa estranhamento, e sim se vale de construções mais corriqueiras e lugares-comuns); recorrência de certos vocabulários ligados ao mundo infantil e lúdico (magia, encanto, especial, sonho, luz, único, sublime) e ao universo amoroso (coração); e uso de diminutivos.

As críticas, as ressalvas são amortecidas por essa linguagem doce, enquanto o ethos da mãe é mais plácido e passivo.

Leia-se esse primeiro post, retirado do Instagram:

(2)

É esse o momento que algumas de nós esperamos. Aquela ansiedade que bate desesperadamente pra poder ver nosso pacote. Momento lindo. Momento mágico. Mas acredite, nem tudo serão flores. Ser mãe é lindo, mas as vezes, difícil. Algumas vezes você vai querer se trancar no banheiro e chorar. Mas vai passar. Vai passar porque você vai agradecer todo dia por aquele lindo presente que você tanto esperou. Então, ser mãe é rir e chorar, mas nunca se arrepender de tão valioso bem. Aqui vamos conversar um pouco sobre nossa vida de ser mãe. Algumas, mães e pais ao mesmo tempo. Ou até pais que são mães. Vamos fazer daqui nosso cantinho do desabafo. Vamos contar sobre nossos bons momentos e também os que nos tiram do sério. Porque esse é o Desafio de Ser Mãe.
(<https://www.instagram.com/p/CG2vzlzHFSy/>)

“Momento lindo, momento mágico”, “lindo presente”, “valioso bem”, a familiaridade “nem tudo são flores”, bem como as comparações simples “Algumas vezes você vai querer se trancar no banheiro e chorar”, “cantinho” são expressões que merecem destaque, pois produzem a docilidade que se projeta por meio de um ethos pacificado, que combina uma bem dosada ansiedade/preocupação com um marcado entusiasmo e amor pela função. A mensagem é: pode ser assustador, mas o fascínio e a magia sobrepujarão os desafios.

(3)

MESVERSÁRIO DA MINHA PRINCESA!

Há 9 meses nasceu o melhor de mim, minha pequena e doce X. O maior amor da minha vida, o meu sonho em forma de gente, o pedacinho de céu que Deus mandou com o propósito de mudar completamente a minha vida, começando de dentro pra fora de mim. Nove meses que pude sentir a maior benção de toda minha vida a mim concebida, a minha filha, a minha luz, esse pedacinho da mamãe fora do corpo dela. Ainda sinto a sensação de estar bem juntinha sentindo cada pequeno movimento teu, minha bonequinha. Desde que você nasceu, minha X, eu conheci o meu melhor lado, a minha melhor versão, a minha mais potente arma, O AMOR! Nasceu junto de ti uma mãe, uma verdadeira mulher. Jamais imaginei que seria tão forte o quanto hoje sou. Maternidade não é fácil, mas sem dúvidas é a melhor escola da vida. Sei que desde que eu te vi e senti teu cheirinho pela primeira vez, eu deixei para trás uma menina inocente e boba e pude enxergar a vida como realmente é. Contos de fadas não existem. Mas sem dúvidas ser mãe vai muito além disso. Deus tem um propósito muito grande para a nossa vida, nós duas, eu por você e você por mim, minha menina linda. Deus, obrigado pelo maior presente que eu poderia ganhar, minha filha, minha menininha, minha doce X. Eu sou realizada por ter você, todo amor do mundo eu tenho pra te dar! Te amo muito além do que qualquer outra pessoa nesse mundo. Sem você minha vida não teria sentido. Te amo incondicionalmente, filha.

•[#amordemae](#) [#mae](#) [#maternidadereal](#) [#maternidade](#) [#amorverdadeiro](#) [#amorpuro](#)

Contado por *aniane.maria*

nasce_uma_mae Bom dia mamãe...É engraçado o fato de encontrarmos sempre na internet fotos de grávidas lindas e felizes, bem vou te contar um segredinho, isso é UTOPIA, em algum momento após o tão esperado(ou talvez nem tanto) POSITIVO, a gente se perde em um misto de emoções, um turbilhão de hormônios e ainda reações incontroláveis do seu próprio corpo... Aliás... não existe mais seu corpo, não é mais seu é a casinha de outra pessoinha que começa a crescer bem ali e diante dos seus olhos e você deixa de fazer muitas coisas em função disso, não pode mais comer qualquer coisa, não pode mais tomar remédios, pintar o cabelo... e mil outras coisas.. ainda tem os enjoos... os choros sem sentido poque suas emoções ficam incontroláveis,a beleza.. ah a beleza ainda bem que existe maquiagem kkk use e abuse porque as olheiras começam a fazer parte da sua vida...E quando você acha que acabou bem começam as dores..gente e como dói.. dói as costas, dói a barriga e dói também o coração, porque as incertezas começam a minar os pensamentos...será que vou dar conta? Será que serei boa mãe? Será que saberei educar uma criança? E amamentar? Será que dói... Ainda não tenho essas respostas mais...Enfim nada é tão fácil como dizem e como vemos nas fotos. Dê-se o direito de sentir, de chorar, de se descabelar...mais acima de tudo de ser feliz da forma que quiser, sem maquiagem, ou maquiada...descabelada, ou até com um belo penteado...pois de qualquer forma você é linda e ninguém sabe as dores ou o mal estar a que você está submetida....

Todos os marcadores da linguagem doce foram incorporados nos textos 3 e 4. Há presença de muitos adjetivos em ambos (“pequena”, “doce”, “inocente”, “boba”, “linda”, “incrível”), uso de diminutivo (“pedacinho”, “bonequinha”, “menininha”, “cheirinho”, “segredinho”), alusão a fatos familiares (“comer qualquer coisa”, “senti teu cheirinho pela primeira vez”) e emprego de lugares-comuns (“Dê-se o direito de sentir”, “sem você, minha vida não teria sentido”, “te amo incondicionalmente”). Apesar de no texto 3 haver uma ressalva sobre as dificuldades – inclusive, a autora admite uma mudança de personalidade com o nascimento da filha, trata-se, sem dúvida, de uma declaração de amor, é um texto “cordial”, do coração. A mãe se derrama em metáforas para traduzir o sentimento que tem pela filha, e não obstante afirma “Conto de fada não existe”, a autora imprime uma visão cor-de-rosa de o que é ser mãe e da relação que tem com a filha. Ou seja, as reclamações são enfraquecidas diante de uma açucarada declaração de amor.

Já o efeito de sentido no caso 4 não é tão melífluo, apesar de haver também a linguagem doce. O objetivo da postagem, por certo, era falar menos da mãe autora e servir mais como um lenitivo para as leitoras, consolando-as quanto a possíveis lutas que elas estejam travando contra situações corriqueiras da maternidade. A

autora, no entanto, o faz com doçura, sem usar palavras agressivas contra a gestação, por exemplo, e sem aprofundar as situações listadas de modo a torná-las assustadoras. Há, ainda, o recurso do “kkk”, uma onomatopeia para risada e que abranda o fato de ter que usar maquiagem para ainda existir beleza. O corpo vira “a casinha de outra pessoa”, e assim a autora consegue construir um consolo para uma mãe que possa estar passando por uma tristeza em virtude das transformações que acompanham a chegada do bebê, mas sem assumir um tom panfletário ou autoritário para falar sobre as verdades da maternidade.

Os *ethé*, nesses casos, acompanham a caracterização sugerida pela linguagem doce: sujeitos suaves, românticos, apaixonados pelos filhos, e cujas reclamações existem, mas são dissipadas à presença desse amor. Sem dúvida, a posição-sujeito se identifica à do bom-sujeito da FD dos discursos das mães. O *ethos* que se depreende desses discursos é um *ethos* ameno, dócil, de embevecimento com a condição promovida pela maternidade.

5.2 CATEGORIA ***DISCURSO RELIGIOSO***

Na observação do corpus, uma categoria – conquanto não idealizada previamente como uma possibilidade de análise – despontou como frutífera para nosso estudo, mostrando como a presença do divino e a menção a Deus compõem com certa frequência e relevância os enunciados coletados.

Resgatando o que foi ponderado no Capítulo 2 deste estudo, a maternidade tem um laço com a religião que é inapartável. Se a crença católica ajudou a cultivar o olhar sacro que se tem da mãe (e, ao mesmo tempo, manteve a mulher encarcerada nessa condição), a popularização da fé neopentecostal endossou essa ideologia. Na sociedade brasileira, a percepção de “família tradicional” e a promoção de valores supostamente ligados a essa orientação (heteronormatividade, mãe virtuosa e submissa, pai como chefe) encontram, contemporaneamente, um campo fértil que se sustenta em partidos políticos e apoios de igrejas para disseminar um ideal de comportamento. O discurso de hoje reproduz (em alguns casos, talvez até endureça) as obrigações bíblicas de um passado que não foi abandonado. A

memória, nesse caso, atua como instância organizadora de um ideário ainda indelével no senso comum e que igualmente é absorvido por muito discursos dos sujeitos analisados neste trabalho.

A menção a Deus nesses enunciados não é fortuita. Na fé cristã, o amor de mãe é comparado ao amor de Deus – seria aquele uma manifestação mais tímida deste, mas a forma mais próxima de vivenciá-lo. Imiscuídos a esse discurso são embalados os tradicionais valores ligados à mulher e à mãe - a passividade, a abnegação, o sofrimento como recompensa, o amor incondicional. Não se refuta, pois, essa posição de sofredora, visto ser mãe uma dádiva, um presente celestial que não deve ser questionado, somente se deve agradecê-lo, afinal, foi a vontade de Deus que a tornou mãe e é a crença Nele que irá amenizar os dias difíceis.

(5)

Eu não queria ter filhos.

Nunca sonhei em tê-los.

Não fui a criança que brincava de boneca imaginando a família que teria no futuro.

Até que um dia eu quis.

Eu quis tanto, com cada célula do meu corpo, que mal me reconhecia.

O tal do relógio biológico existe e despertou pra mim sem a função soneca.

A minha vida, que era completa e maravilhosa, num instante ficou sem graça. Eu precisava de um filho. Assim, de uma hora pra outra, eu quis ser mãe.

Hoje eu vejo que nasci para ser mãe dessas crianças, que preciso de passar por cada um dos muitos desafios da maternidade, que Deus me deu essas pequenas almas para cuidar, para que elas me transformem em alguém mais paciente e humilde. Eu me tornei mãe para entender que meus limites são maiores do que eu imaginava, que não preciso dormir tanto assim e que não terei o controle de tudo.

Ser mãe não é fácil.

E eu escolheria ser mãe mil vezes se fosse preciso; porque vale a pena e é justo que muito custe o que muito vale.

(6)

Curtido por [nathaliadepina](#) e outras pessoas

[juliadalmaso](#) (Vem ler) Eu e a minha manezinha da ilha curtindo um dia de trabalho 🧹🧽🧼🧻💦💧💦💧 dizem que ir pra praia com criança da muito trabalho, é muito cansativo, não vale a pena... De fato cansa, é atividade o tempo todo, limpar areia, dar água, brincar, tirar areia da boca, lavar a mão, limpar a canga, levar no mar, dar mama, passar protetor, trocar de roupa, trocar a fralda, botar chapéu, dar uma fruta e mais um milhão de coisas. Mas quero te encorajar a pensar que esse é o momento de fazer aquilo que dá trabalho. Criar, educar... Ter um filho da trabalho! Exige disposição, exige disciplina (da gente). Esse é o momento de trabalhar na criação do seu bebê, de incentivar que ele se desenvolva, tenha novas experiências, tenha momentos novos.

Vivemos em um mundo que busca por facilidade o tempo todo, atalhos, formas mais rápidas e fáceis de fazer TUDO. Burlamos o tempo todo os trabalhos difíceis diariamente e quando nos deparamos com algo que "dá trabalho" queremos evitar. Tudo bem que você queira de vez em quando ficar em casa porque tá cansada e sair vai ser mais difícil, somos humanos. Mas o que eu quero te dizer é: é justo que muito custe aquilo que muito vale! Eu quero escolher meu empenho, minha dedicação, meu esforço na criação da Ceci. Quero levar junto, quero que ela participe, quero que ela tenha experiências, quero que ela viva em abundância. É isso que Deus espera da gente na criação dos nossos filhos: que a gente se esforce! Que a gente saia da nossa zona de conforto, porque assim Deus pode trabalhar na gente, pode alongar nossos músculos, pode nos fazer crescer ❤️ todo mundo sai ganhando.

[#maternidade](#) [#maternar](#) [#maternidadeve](#)

Nesses enunciados, há a contraposição entre “ser mãe não é fácil” e os ganhos que há nessa função. Não se desenvolve o tópico “não é fácil” – afirma-se isso, mas sem uma reflexão demorada e individual sobre quais seriam esses desafios. Aliás, essa construção é muito produtiva no discurso das mães contemporâneas, e dedicaremos uma categoria especial para analisá-la, mas, por ora, no contexto do discurso religioso, ela atua como uma confirmação do “padecer”, dos sofrimentos esperados da função.

A menção a Deus remete à memória de maternidade como dádiva, como presente divino, mas não só: a relativização das dores é catalisada pela presença de Deus, afinal, “Deus me deu essas pequenas almas para cuidar, para que elas me transformem em alguém mais paciente e humilde” (Post 5). *Pari passu* ao discurso religioso estão os clichês, formandos, muitas vezes, a partir da reprodução de passagens bíblicas ou de dogmas cristãos. Implicitamente, há, nessas

construções, a ideia de que “Deus não dá o fardo maior do que se pode aguentar”. Aparecendo como paráfrase em vários enunciados aqui analisados, essa máxima aponta para os desígnios divinos incontestes e subjugadores dos sujeitos que se filiam a ele. Há, implicitamente, uma espécie de silenciamento: não se pode reclamar daquilo que foi mandado por Deus.

A frase “é justo que muito custe o que muito vale” (5 e 6) é igualmente recorrente para o universo da maternidade. Tal sabedoria é atribuída à Santa Tereza D’Ávila e está ligada ao universo cristão. Originalmente, reportava-se ao amor de Cristo e, não por acaso, muitas mães a evocam para dizer do próprio amor, afinal, simboliza abnegação e resignação, o sacrifício que fazem em nome daquele que lhes são tão caros.

No post 6, também, verificamos uma certa sinalização de virtude²⁵ na autora. Ela elenca as demandas da criação e da educação, listando atividades corriqueiras à vida da mãe e que, naturalmente, são exaustivas. No entanto, apesar dessa breve concessão de que, factualmente, a maternidade é trabalhosa, ela parte para um discurso de que a sociedade (ainda que se inclua nela, usando uma primeira pessoa majestosa) quer o prazer fácil e se esquivava de trabalhos onerosos física ou mentalmente. Ela assume, por fim, a postura professoral com o período “Mas o que eu quero te dizer é:”, colocando-se como detentora de uma verdade sobre o que Deus espera das mães e como esse esforço é uma vontade divina e como os sacrifícios maternos são uma maneira de Deus operar no crescimento daquela mãe.

A postagem 7 é, na realidade, um comentário a um vídeo do perfil *Padecendo*. Nele, a atriz Deborah Secco, em entrevista, afirma achar a maternidade dura. A seguidora, então, escreveu:

(7)

Ser mãe é viver o maior paradoxo existencial deste mundo. A mais visceral, forte, difícil e desafiadora experiência que existe. Porém, ao mesmo tempo, a mais fascinante, amorosa e

²⁵ Termo presente na obra “Falso Espelho”, de Jia Tolentino, e que diz respeito à tentativa de mostrar, na internet, uma imagem de si mesmo valorosa, permeada por senso de justiça e de caridade, e embebida por uma boa dose de superioridade moral para julgar quem não faz o dito “certo”.

recompensadora também. Só quem é mãe sabe o que é a mistura de doação incondicional, culpa e remorsos eternos, cansaço na alma, alegria, medo, tristeza e raiva, no revezamento permanente. Mas... Só quem é mãe vive, também, a experiência do amor incondicional, infinito, aquele que Jesus pregou e a sociedade ignora: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Mãe que vive a maternidade em sua essência, ama assim. Ama podendo morrer, por este amor. E só quem é mãe, creio, vai entender o que estou dizendo... Concordam ou discordam? Achem que romantizei demais a maternidade, ou também sentem assim? 💞🌷

Este texto é emblemático como um todo. Há presença intensa de adjetivos para definir o que é ser mãe (visceral, forte, difícil, desafiadora, fascinante, amorosa, recompensadora), todos acompanhados de um superlativo. Há uma ideia de exclusividade “Só quem é mãe sabe”, “Só quem mãe entende”: universaliza-se o sentimento experienciado por ela às outras mães, ao mesmo tempo que o restringe apenas às mulheres que são mãe.

Novamente, evoca-se o discurso religioso como força organizadora e sustentadora desse amor: “a experiência do amor incondicional, infinito, aquele que Jesus pregou e a sociedade ignora: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. A frase atribuída a Jesus, no entanto, em seu sentido bíblico, não diz respeito ao amor de mãe, e sim ao amor universal, aquele que todo ser humano deve dedicar ao próximo – esse, aliás, é o Segundo Mandamento, e só perde em importância, para os cristãos, para o primeiro (“Amar a Deus sobre todas as coisas”). O sujeito desse enunciado, contudo, não se refere a esse amor incondicional e genuíno que se deve dedicar ao outro, e o limita ao filho. De todo modo, novamente, há uma associação entre o amor materno e o amor divino, comparando ou justificando um pelo outro. A autora do comentário ainda o finaliza com uma pergunta às outras leitoras da postagem: “...*Concordam ou discordam? Achem que romantizei demais a maternidade, ou também sentem assim?*” Mais do que querer saber a opinião de outras mulheres, infere-se que ela está à procura de uma validação do que disse, buscando que o Outro legitime ou não seu discurso. Ela mesma admite que seu comentário pode soar romantizado, ou seja, ela pode ter enfeitado a maternidade, distanciando-a da prática real. Vale dizer que contemporaneamente – a exemplo do

próprio testemunho da atriz, o qual desencadeou essa resposta –, há uma repulsa à ideia de “romantização” na internet, ou seja, repele-se essa tentativa de enaltecer ou mesmo mascarar situações sabidamente dolorosas ou, pelo menos, desafiadoras. Inúmeros perfis do Instagram – este do qual a postagem foi extraída incluso – encabeçam uma luta para mostrar uma pretensa realidade da maternidade, a qual é feita de dias ruins e sentimentos conflitantes, e talvez por isso a ressalva da autora. Se, portanto, ela se mostra como um mau sujeito nessa FD que tenta desmistificar a maternidade, há fortes indícios de uma total identificação entre esse sujeito e a posição-sujeito da FD do discurso das mães tradicional. Os trechos em que se citam as dificuldades da maternidade nem podem ser considerados desabaços, e sim gatilhos para se exaltar o ofício – isso, sim, foco das postagens.

(8)

A maternidade é um caminho repleto de desafios e alegrias, mesmo com o cansaço do dia a dia esse amor nos traz força para vencer. Assim como a tristeza da mãe em ter que passar pelas dores do parto é superada pela alegria do nascimento do seu bebê, os momentos difíceis e as preocupações da maternidade são muitas vezes superadas pela alegria e pelo amor profundo que sentimos por esses pequenos. A Bíblia nos lembra que, mesmo diante das adversidades, a maternidade é uma dádiva preciosa e um testemunho do amor incondicional e da força que uma mãe é capaz de demonstrar. Um amor que doa corpo e alma sem pedir nada em troca. ♥

"A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas depois de ter dado à luz, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de haver nascido um homem no mundo." - João 16:21

Este último enunciado ratifica nossa possível análise. Interessante apontar que não há uma voz autoral que se sobressaia aqui – o uso da 1ª pessoa do plural sinaliza que esse sujeito é mãe, no entanto, não há um relato particular sobre o que viveu ou sente. Novamente, os “desafios” e as “dores” são apenas mencionados, mas logo diminuídos em face da alegria e do amor que se desfrutam ao ser mãe. Encerra-se essa postagem com um versículo bíblico o qual postula o prazer daquela

que dá à luz “um homem” (igualmente significativo se tratar de um homem a fonte desse prazer, e não de uma mulher).

Em um país em que há mais templos religiosos do que espaços destinados à saúde e à educação²⁶, não é surpresa que marcas da crença sejam absorvidas pelo discurso. Talvez, até possamos considerar que tais enunciados fazem parte não de um interdiscurso da maternidade, e sim do interdiscurso religioso, sendo a maternidade uma FD que o compõe. O discurso religioso também é caro às ideias de sacrifício, lamento e derrota, para depois emergir a fé, a realização, a conquista do céu, e esse esquema também se desenha na estrutura dos posts analisados nessa seção. As postagens relacionadas a essa categoria que chamamos de ‘religiosa’, mesmo mencionando eventuais dificuldades ligadas ao exercício da maternidade, emanam um ethos grato por uma benção divina, um ethos crente em uma elevação do espírito provocada pela maternidade.

5.3 CATEGORIA “**MATERNIDADE NÃO É FÁCIL**”

(9)

Ser mae não é fácil ,mas só de saber que Deus está ao meu lado, me sinto mais forte. Tudo pra mim 🙏🙏

(10)

Ser mãe não é fácil, mas traz um aprendizado sem igual. Vc que é mãe vai entender o que estou falando. Então vamos lá viver esse amor que nos transforma. Obrigada mãe!!! Feliz dia das mães pra todas nós 🙏🙏

(11)

Ninguém me ensinou a ser mãe.

Aprendi durante a gravidez, aprendi segurando o meu bebê, aprendi com as noites mal dormidas, aprendi com o choro inexplicável que tinha, com o meu instinto, aprendi com todos os meus medos,

²⁶ De acordo com a notícia publicada pela Folha de S. Paulo, são 579,8 mil estabelecimentos religiosos em oposição aos 264,4 mil de ensino, e aos 247,5 mil de saúde.
Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/02/veja-os-municipios-com-maior-presenca-de-locais-de-ensino-saude-e-religiao-segundo-o-censo.shtml>

aprendi com o amor, não sou a melhor mãe mas todos os dias me esforço para ser, e principalmente para dar o melhor de mim para o amor da minha vida.

Não, não é fácil ser mãe.

A gente não dorme o tanto que gostaria e nem o tanto que precisa. Quase nunca conseguimos fazer aquilo que planejamos.

A gente se dedica, dá amor, se transforma, rala e, ainda assim, ao deitarmos na cama, nos culpamos. Vamos sempre achar que poderíamos ter feito melhor.

Nunca seremos perfeitas. Nem aos nossos olhos, nem aos olhos dos outros. Mas para os nossos filhos sempre seremos!

Ser mãe não é fácil. Mas depois que a gente experimenta a #maternidade, não conseguimos mais imaginar a nossa vida de outra maneira. Noah eu te amo tanto que meu peito chega doer!

 **Lucélia Lu** > Clube Da Alice
27 de novembro de 2020 às 16:11 · 🌐

📌 Durante um Atendimento eu ouvi a seguinte frase:

- 🔴 "Eu CHEGAVA cansada e só queria descansar um pouco, mas sempre me senti cobrada e julgada por isso."
- 🔴 Quantas vezes vemos MAMÃES cansadas, sobrecarregadas, incompreendidas, julgadas...
- 📌 Precisamos desconstruir a maternidade PERFEITA, a maternidade IDEAL.
- 📌 Cada mãe é a melhor que pode ser, e está tudo bem!!!
- 🔴 QUERIDA MÃE: Eu vejo você e o seu cansaço!
- 🔴 Constelar é RECONHECER e também é silenciar, pausar, recomeçar.

Texto: Patty Pechim



Comentário do post:

(12)

É verdade! Mãe também quer tomar um banho quentinho, comer com tempo, ficar 5 minutos sem fazer nada! Ser mãe cansa, mas isso não quer dizer que não amamos nossos filhos.

Todos esses enunciados têm em comum a construção “Ser mãe não é fácil, mas...”. Pode-se afirmar que o “ser mãe não é fácil” é um tópos, ou seja, “um esquema discursivo característico de um tipo de argumento” (MAINGUENEAU, 2018, p. 474). Essa espécie de lugar-comum pode se repetir indefinidamente, e aparentemente essa reprodução exclui a participação do sujeito, que assumiria o discurso do Outro, um discurso dito antes, em outro lugar, sem nenhum trabalho intelectual para reformulá-lo, apagando por completo sua identidade. No entanto, ainda que a noção de um “sujeito original” seja completamente descartada, a ideia de um sujeito que brinca com as regras da língua não é. Mesmo a partir de um enunciado cristalizado, são possíveis enunciações diversas para parafraseá-lo, e a atividade epilinguística pode ser evocada como operadora desse processo.

Franchi assim alude à atividade epilinguística: “Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações” (FRANCHI, 1991, p. 36). Geraldi explana que a atividade de análise linguística é natural, espontânea e inerente ao humano: mesmo uma criança “reflete sobre os meios de expressão usados em suas diferentes interações, em função dos interlocutores com que interagem em função de seus objetivos nesta ação” (GERALDI, 1997, p. 189). É certo, pois, pensar que essa meditação se perpetua para a fase adulta e até amadurece, à medida que as ferramentas culturais, sociais e cognitivas se aperfeiçoam. É tão indissociável quanto inevitável associar essas escolhas ao ethos: ao desejar ter uma determinada imagem, a linguagem deverá ser modelada para atender a esse anseio. Dentro desse raciocínio individual sobre a linguagem, Franchi distingue dois tipos de atividade, a epilinguística e a metalinguística. O autor defende que a atividade epilinguística seria um fruto dessa análise linguística, a qual “reflete(m) sobre a linguagem, e a direção desta reflexão tem por objetivo o uso destes recursos expressivos em função das atividades

linguísticas em que está engajado” (GERALDI, 1997, p.190), enquanto a metalinguística seria uma análise sobre os elementos expressivos, o que gera a elaboração de noções sobre esses recursos e a capacidade de categorizá-los – é o famoso pensar sobre a linguagem.

Nos enunciados 9, 10 e 11 não se opera um exercício tão sofisticado, no entanto, é inegável que há uma atividade para apaziguar a mensagem principal. “Ser mãe não é fácil”, as três autoras enunciam, sendo essa mensagem a tônica das postagens, todavia, de forma mais reduzida ou mais desenvolvida, elas vão contrapor essa “falta de facilidade” aos ganhos e recompensas da maternidade. O “mas” é o operador que garante mais volume à balança das alegrias de ser mãe, e ainda que em posts como o 7 haja uma extensa lista de situações que causam conflito à mãe, o “mas”, mesmo seguido de uma frase mais sintética que as outras, vai jogar o peso do post justamente para dizer-se arrebatada pela maternidade. Esse é um exemplo de como as enunciantoras calculam – mesmo que inconscientemente – a composição das mensagens, de modo a realçar os sentimentos bonitos, e o “mas” tem um papel fundamental nesse contexto.

De acordo com Neves (1984), a conjunção adversativa “mas”²⁷ deriva do advérbio latino *magis*, que, a princípio, evolui para “mais”(soma), até ter o valor de negação absorvido, e atualmente, o “mas” é uma quebra de expectativas, contrariando o que a primeira sentença poderia levar a entender. No entanto, como Neves teoriza, o “mas” também pode implicar eliminação:

Um enunciado da forma p. Mas q. pode indicar uma coordenação em que, de algum modo, o segundo membro coordenado elimina o primeiro. Por outro lado, esse enunciado pode não trazer explícita a eliminação, mas implicá-la, pela expressão de uma substituição (NEVES, 1984, p. 33)

A mãe que escreveu o enunciado 12 poderia tê-lo formulado como

(13) Ser mãe cansa E isso não quer dizer que não amamos nossos filhos

²⁷ válido lembrar que o estudo acerca da partícula “mas” é abundante na área da semântica, desde Ducrot, no início da década de 1980, e já apresenta resultados relevantes também na Análise do Discurso (cf. dissertação de Marco Antonio Rocha).

Nesse caso, ela ligaria as sentenças por meio de uma conjunção coordenativa aditiva, afinal, são duas circunstâncias que se somam: ser mãe cansa, de fato, e o amor pelos filhos também existe (e resiste a esse cansaço!). No entanto, ao optar pelo “mas”, ela desloca a força de seu enunciado justamente para a segunda oração, enaltecendo o sentimento de amor, e esvaziando ou atenuando o cansaço. A explicação de Neves parece traduzir também a escolha da enunciativa: o “mas” aqui utilizado elimina ou esvazia a reclamação e realça o amor. Recuperam-se, dentro da semântica do verbo “cansar”, sentidos negativos que estão encapsulados nela: exaustão, esgotamento, fastio, tédio... Neste exemplo, a construção de um ethos materno amoroso é operada com clareza – ao mesmo tempo em que se quer desabafar sobre os infortúnios da maternidade, não se deseja que a plateia (as outras mães da rede social, neste contexto) pense que ela não gosta dos filhos por sonhar com alguns momentos de solidão.

Geraldi chama de operação de salvaguarda essa formulação que tem “a função de evitar possíveis outras interpretações que o enunciatário poderia dar ao que se disse” (GERALDI, 1 p. 210), lembrando que “nos processos interacionais tanto constituímos nossas identidades como as ameaçamos” (GERALDI, p. 210). Embora o conceito não seja evocado diretamente aqui, está claro, pois, que tal observação dialoga com a noção de ethos: trata-se de uma tentativa de salvaguardar sua imagem a partir de uma formulação textual que assegura à enunciativa uma identidade de mãe apaixonada.

Assim, um enunciado como (14) “Estou cansada, mas amo meus filhos” em muito difere do enunciado (15) “Amo meus filhos, mas estou cansada”. Como estudos linguísticos já esgotaram a análise, em um período coordenado pela partícula “mas”, a mensagem que prepondera será a da oração marcada pela conjunção adversativa. De acordo com Neves, “O que se verifica é que p [primeira proposição do período, a oração que antecede o “mas”] e q [segunda proposição do período, a oração que sucede o “mas”] são valores argumentativos na mesma direção, e q está acima de p na escala argumentativa. Invertendo-se a polaridade de q (negando-se q, se for afirmativo, e afirmando-se q, se for negativo), q toma direção oposta a p” (NEVES, 1984, p. 26). Portanto, enquanto no enunciado (14) o

foco ilumina a ideia de que o amor se sobrepõe ao cansaço, em (15), o sentido para tal período pode ser outro: o cansaço supera o amor, ou o fato de a mãe estar cansada solapa até o amor que ela nutre pelos filhos. Pode-se afirmar que tal operação é inconsciente – não é necessário um conhecimento formal e teórico sobre essas significações, mas a gramática interna do usuário já comporta esse tipo de relação.

Nessa escolha de um conectivo em detrimento a outro percebe-se uma atividade epilinguística que busca as formas que melhor atendam à intenção da mãe: ela quer fazer o desabafo, mas também deseja preservar a própria imagem. Deliberada ou não, essa atividade epilinguística encontra êxito ao conseguir colocar a relevância da mensagem no amor, e não no cansaço.

Ainda, sobre o enunciado 12, pode-se pensar sobre as escolhas do período anterior: “Mãe também quer tomar um banho quentinho, comer com tempo, ficar 5 minutos sem fazer nada!”

Notam-se os artifícios de construção da mensagem, e entra em cena a criatividade – para comunicar que as mães desejam, sim, um pouco de paz, sossego e conforto, mas sem dizê-lo de modo tão cru e sincero, recorre-se a estratégias linguísticas como metonímia (“tomar um banho quentinho”), que consegue registrar, com menos assertividade, o que se pretende. Dizer que deseja ficar sozinha poderia macular o ethos da enunciadora – que tipo de mãe quer se livrar dos filhos? -, mas ligar esse sentimento a um momento cotidiano, corriqueiro, e até suavizado (“5 minutos”) entenece a imagem dela.

Esse enunciado, aliás, é rico em estratégias linguísticas sobre as quais vale se debruçar.

O advérbio “também” é significativo para o contexto, afinal, é uma expressão de equivalência, de inclusão. Se a mãe “também” deseja, significa que outras pessoas desfrutem desse “banho quentinho” e das outras atividades listadas, ou seja, há uma nítida separação entre “mãe” e “resto do mundo”, fatia na qual se encaixam as crianças e, eventualmente, até o pai. Depreende-se que a mãe é uma figura apartada, cujas necessidades ou mesmo preferências são negadas em virtude de seu ofício de cuidar: enquanto o resto da casa tem permissão ou suporte

para viver os pequenos prazeres da vida, a mãe, ao dedicar-se a atender a esses prazeres alheios, perde o direito de ela mesmo vivê-los.

Esse tipo de discurso permite depreender um ethos de desabafo, de um sujeito extenuado pelos encargos relacionados à maternidade, mas não um desabafo propriamente pessoal, íntimo. Emerge um ethos ‘impessoal’, de um sujeito discursivo que assume um dizer coletivo, de clichês que circulam no interdiscurso, de alguém que não assume o ônus de um julgamento negativo por fazer críticas aos encargos da maternidade. É um ethos que se esconde na nuvem do senso comum para camuflar os próprios sentimentos por meio de um discurso pasteurizado e aceito socialmente.

5.4 CATEGORIA **HUMOR**

É verdade que existem posts autorais permeados de humor (notadamente, os posts de blogs, cujo conteúdo, pelas possibilidades já debatidas no Capítulo 3 quanto à cenografia, podia ser mais extenso), ainda que revelem um desabafo ou reclamação da mãe-autora. No entanto, por certo, nas postagens de redes sociais, são os memes o formato preferido para passar mensagens reais envernizadas pelos tons da leveza e da alegria que as revestem.

Como já dissemos, os memes não nasceram com a internet, de acordo com a definição de Dawkins (ver nota de rodapé), sendo a palavra produto da contração de “mímeses” e “gene”, ou seja, genética e cultura (Bonefanfant *apud* Paveau, 2017). Foi, contudo, a linguagem das redes que popularizou o termo. “Os memes de internet ou memes digitais são elementos culturais nativos da internet que se propagam na esfera pública por replicações e transformações nas redes e comunidades digitais”, ensina Paveau (2017, p. 349).

Para Dawkins (1976), o meme alcança sucesso com três características: longevidade, fecundidade e cópia fiel, as quais são semeadas com produtividade na internet, afinal, eles são reproduzidos infinitamente, são armazenados nos arquivos por anos e um número exorbitante de usuários os compartilham. De acordo com Shifman (2014), os memes são um pedaço de informação cultural, partilhados

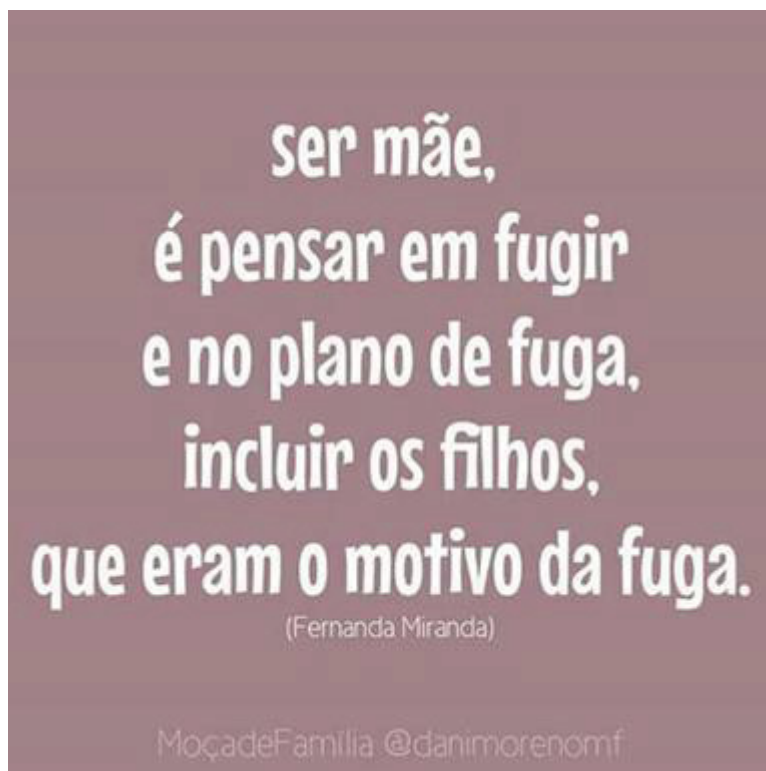
entre as pessoas, que escalam para um fenômeno social. Os memes modelam uma forma de pensar, uma forma de se comportar e uma ação em grupo (SHIFMAN, 2014). O autor ainda assegura que os memes ganham valor em uma sociedade do compartilhamento, afinal, tudo se compartilha em nossa cultura (até a economia). Quando se posta, não apenas se divulga uma cultura como também se conta um sentimento que se tem a esse respeito.

De acordo com Blackmore, autora de *The Meme Machine*, os memes são disseminados a partir de uma intenção: normas sociais, preferências e percepções. Por serem anônimos, isto é, por, via de regra, não terem uma autoria assinada, eles permitem que uma mensagem mais reveladora seja compartilhada sem a responsabilidade de – “afinal, é só um meme”. Como salienta Paveau, tem menor importância a genealogia e a identidade do meme face à viralidade com que este é definindo. Como resultado de se transformar em um “fenômeno”, os memes ainda contribuem para algumas dinâmicas na internet, como a estereotipação, o que contribui para a elaboração de um discurso da doxa e de uma cultura digital, fomentando os clichês pré-existentes e também o chamado “clichê varável”, que renovam ou contestam arquétipos sociais (PAVEAU, 2017).

Para além dessas questões ligadas à imagem e à conectividade da rede, os memes são, na maioria das vezes, caracterizados pela pitada de humor. Conquanto não sejam exatamente piadas, há uma construção no gênero *meme* que pode avizinhá-lo destas, de modo que as comparações aqui entre esses dois tipos de enunciados são legítimas. Possenti, que é um estudioso do humor à luz da AD, nos ensina como piadas ou outros enunciados dessa natureza também podem ser pensados em suas características linguageiras. Entre os potenciais pontos elencados pelo professor em seu estudo, no presente trabalho destacam-se o fato de as piadas fornecerem um material sobre estereótipos, já que elas manejam representações (ainda que grosseiras) que nos ajudam a entender o funcionamento social. Elas “veiculam uma visão simplificada dos problemas, (...) porque assim se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não-especializados” (POSSENTI, 1998, p. 26). Ora, é exatamente isto que encontraremos nos memes aqui analisados: uma noção pasteurizada do que é ser mãe, recorrendo à imagem

mais padrão que se tem desse “tipo social”. Há, decerto, uma questão de estereótipo nesses enunciados que não se pode apartar do debate: há um pressuposto de cansaço, de um ethos prévio de exaustão e sofrimento, mas também de resignação, afinal, “isso é ser mãe”. Ainda acerca dos motivos de interesse pelas piadas, o autor adiciona o fato de elas veicularem um discurso proibido ou não explicitado correntemente. Não seria forçoso, portanto, concluir que, de fato, esses memes que fazem graça com a condição de estafa materna, na verdade, ajudam a fazer desabrochar um entendimento subterrâneo sobre as mães, o qual não pode ser totalmente escancarado, e o humor é uma forma de deflagrá-lo, mas também de abrandá-lo.

(16)



Aqui, a brincadeira (que foi muito compartilhada) ilustra um duplo movimento: admite-se que a mãe pensa em fugir dos filhos, mas, logo em seguida, salienta-se que esses mesmos filhos estarão no plano de fuga, antítese que gera humor. Esse jogo de palavras/ideias ilustra o momento contemporâneo e o acontecimento enunciativo descrito por Indursky, entre a permanência e a ruptura, entre o flerte

com uma posição-sujeito antagônica à FD e a submissão à posição de identificação com o discurso tradicional sobre maternidade.

O significado de “fugir” é que vai direcionar essa leitura. A concepção de *fugir* é deixar um lugar, sair, abandonar²⁸. Revela-se um incômodo, uma insatisfação em um primeiro momento. Se o meme se reduzisse ao período “ser mãe é pensar em fugir”, ou mesmo “ser mãe é desejar fugir”, o impacto da mensagem seria colossal, mas não seria meme, seria contradiscurso.

O livro de Elena Ferrante, “A filha perdida”, narra essa situação. A protagonista é uma mãe que foge quando as filhas são pequenas. A fuga é o abandono, é a contra-ação do que se espera de uma mãe (e socialmente esperada de um pai, ou, ao menos, perdoada). A mulher que o faz é estigmatizada como vilã, e viverá acorrentada a um estereótipo de malvada, cruel, sendo julgada por seu ato de deixar os filhos e a casa. Inúmeros estudos psicanalíticos se dedicam a perscrutar esse evento, tanto sob a ótica de quem fica (a criança) como a de quem vai (a mãe)²⁹, de todo modo, fato é que a fuga materna causa surpresa e repulsa em nossa sociedade. Não haveria laço mais indelével do que o entre a mãe e seu bebê, e a possibilidade de rompê-lo por uma vontade da genitora contradiz o que a sabedoria de uma FD que valoriza o amor incondicional e a abnegação materna advoga.

O enunciado prossegue falando em “plano de fuga”, ou seja, nesse cenário hipotético, a mãe realmente estaria planejando a fuga, seria o chamado ato “de caso pensando”, como se aquela ideia estivesse sendo amadurecida - uma ação intempestiva, fruto de um querer momentâneo, ou, nesse caso, de um estresse pontual, não requeriria um plano. Há, portanto, uma ideia de permanência e constância associada ao substantivo “plano”. Pensar em fugir, então, não seria um episódio esporso, e sim uma inclinação mais recorrente, a ponto de se elaborar uma forma de viabilizá-la.

²⁸ De acordo com o Houaiss, “escapar-se, desviar-se precipitadamente, retirar-se, deixar (local), afastar-se, desaparecer”. (HOUAISS, 2009, p.935). IN: Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

²⁹ Em 2024, a jornalista catalã Begoña Gómez Urzai lançou o livro “A abandonadoras”, no qual apresenta histórias de maternidades perpassadas pelo abandono materno.

No entanto, nesse plano, a mãe não estaria sozinha, e sim levaria os filhos, os quais seriam o motivo da fuga, como indica a oração final do meme. Não haveria dúvidas de que o desejo de fuga da mulher estaria ligado à maternidade, mas falar que vai levar o filho sugere um outro caminho interpretativo: a fuga, talvez, não esteja ligada aos filhos, e sim ao contexto que a saturou. Analisando a situação com uma lente de aumento e desfolhando-a em camadas mais complexas, podemos estar diante de uma mãe saturada, com tripla jornada de trabalho, assoberbada de afazeres domésticos, afogada em carga mental e, quem sabe, sozinha no encargo dessas responsabilidades. Não se quer se separar dos filhos, e sim do ambiente e das demandas que a sobrecarregam. Mas, quiçá, essa seja uma explicação que extravasa uma intenção mais pueril da enunciadora: a mãe apenas quer fugir do cansaço e dos encargos gerados pelos filhos, mas quer carregá-los nessa fuga.

Suaviza-se a mensagem principal coloca-se em dúvida a legitimidade e/ou alcance do desejo da mãe de se apartar dos filhos. A mulher que quer fugir ainda ama as crianças, ainda quer tê-las por perto, e seria incapaz de se separar delas, por mais que haja um ímpeto de desistência.

É neste jogo que se constrói o ethos da maternidade contemporânea: ao mesmo tempo em que as mães têm maior liberdade para confessar as dores e as insatisfações – e até serem irônicas quanto às situações mais desagradáveis –, o amor aos filhos também permanece enfatizado nos enunciados. A irritação, o desânimo, a tristeza são revelados, mas há a ressalva quanto aos sentimentos bonitos que nutrem em relação às crianças.



(18)



Temos dois memes que fazem graça com o estado de desgaste físico e mental das mães, jogando linguisticamente para provocar o humor.

Ambos enunciados (17 e 18) operam no nível semântico, jogando com as palavras em paradoxos. Outra característica é a gradação que se faz com os

adjetivos, até chegar ao máximo na escala do cansaço: do cansada ou exausta, do *on*, ao *off*, ao cansada.

Em 17, há a estratégia da quebra de expectativa com os antônimos dormir/acordar: ora, ao dormir cansada, espera-se acordar descansada, mas no caso da mãe, “dormir cansada” ganha mais um reforço (a maternidade é cansativa), enquanto o “acordar exausta” simboliza que nem uma noite de sono é capaz de recuperá-la.

Já o 18 pode ser classificado como as “imagens macro”, como descreve Paveau (2021, p. 350):

Trata-se de compósitos tecno-verbo-icônicos (mistura de imagem e de texto produzida por gerador ou outra ferramenta técnica) que são objeto de operações de repetição e de reformulação, no quadro de uma difusão viral, isto é, ao mesmo tempo, rápida e numerosa.

O meme 18 é uma produção nativa da internet, produzida e compartilhada on-line, sendo que a composição imagem-texto é integradora. “O texto não é verdadeiramente uma legenda ou um comentário, mas um componente intrínseco do meme”, explica Paveau (2021, p. 351).

No enunciado 18, são várias as forças que convergem para significá-lo e provocar o humor. Em primeiro lugar, temos o estrangeirismo com a dupla *on/off*, que significariam, nesse contexto, ligado/desligado, presente/ausente e até mesmo viva/morta.

O enunciado “O pai tá on” viralizou na internet e se popularizou após celebridades, como o jogador de futebol Neymar, publicarem tal legenda em fotos. O “pai”, nessa leitura, até pode se referir ao genitor de uma criança, mas também pode ser uma forma de identificar um “homem”. “Pai”, portanto, é, ao mesmo tempo, o ser responsável por um filho e uma gíria, enquanto o “tá on” recebe a leitura de alguém que está “em campo”, “pronto para jogo”, vivo, disponível. Após uma situação de menos fortuna na vida (como um acidente ou uma separação), postar “O pai está on” significaria que aquele autor voltou às atividades, podendo esse enunciado apresentar vários efeitos de sentido em relação ao “on”. No meme em análise, temos uma paráfrase desse enunciado, mas para parodiá-lo: sai o “pai”,

essa figura masculina, e entra a “mãe”, que, ao contrário do seu antônimo, não tem uma acepção de gíria. A “mãe”, nesse caso, é a “mãe” genitora, mulher que cuida de uma criança, o que restringe o alvo: não é sobre qualquer mulher, e sim sobre a mãe de quem se fala aqui.

Na sequência, na segunda oração, “nem tá off”, também há uma brincadeira linguística com os antônimos: a dupla on/off é empregada para delinear a diferença entre alguém ativo e alguém inativo, no entanto, o humor é provocado pela terceira oração: “A mãe tá cansada”, sendo que o adjetivo “cansada” sobrepuja até o “off”, como se o cansaço materno fosse superior a um simples “desligada”, “sem bateria”. Há, então, essa provocação contextual: enquanto o “pai tá on”, “a mãe tá cansada”, desvinculando-se de um mero estado de “on” e “off”.

Vale adicionar à análise a imagem que ilustra o meme: Dona Hermínia, personagem do comediante Paulo Gustavo, representa uma mãe com os estereótipos de tal persona: bobs no cabelo, reclamações constantes, apego aos filhos, eterno cansaço. Dona Hermínia, por certo, produziria um enunciado semelhante a esse, afinal, suas lamúrias e queixas sobre a maternidade e sobre o trabalho que os filhos dão a deixam cansada. O grande público reconhece essa personagem e seu ethos, e a frase sobreposta à foto parece pertencer a ela, que seria irônica em relação ao jargão da moda, para lamuriar a própria exaustão.

Como nos ensina Bakhtin (1997, p. 297), “[o]s enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; (...) Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.”, e são todos esses ingredientes combinados que geram a graça desse desabafo.

O humor nessas postagens é o recurso empregado para atenuar as manifestações de que ‘nem tudo são flores no exercício da maternidade’. Temos aí um ethos irônico ou sarcástico, conforme o caso, na perspectiva de que o humor permite dizer certas verdades sob o manto da brincadeira.

5.5 CATEGORIA *ETHOS SOFISTICADO*³⁰

Serão apresentados para ilustrar essa categoria 3 posts, retirados de redes sociais, que representam um *ethos* sofisticado, isto é, o sujeito projeta sua imagem, dentre outras características, como de uma mulher/mãe mais refinada – apesar de ser a mãe amorosa e apaixonada como preconiza o estereótipo. Há uma diferenciação ao sair da classificação “mãe normal” (a qual se vale de clichês e lugares-comuns, ou reflete pouco sobre o próprio maternar e apenas reproduz enunciados cristalizados) e tomar um lugar de uma mãe consciente, informada, culta. Certamente, essa imagem ganha um valor e um prestígio que as outras não têm, e isso pode ser útil afora uma mera vaidade egoica – se, por acaso, a mãe em questão tiver um serviço à venda (como é o caso do Post 21), ou se ela quiser ser reconhecida como uma autoridade, esse tipo de projeção é mais coerente do que seria um *ethos* mais romântico e tranquilo, pois empodera a mulher, dá-lhe um “lugar de fala”³¹. Assim, percebe-se que a construção do *ethos* pode extrapolar o nicho da própria maternidade e atingir outros aspectos da vida da mulher.

(19)

³⁰ Quando da arguição da banca, na defesa deste trabalho, foi questionada a escolha desse nome para essa categoria. Ainda que a crítica tenha sido à possível conotação preconceituosa sugerida pelo “sofisticado”, na ocasião, não se chegou a um consenso quanto a um adjetivo apropriado para definir tal perfil de mãe. Por pensar que o “sofisticada”, longe de delinear um estigma, passa a ideia de uma mulher mais letrada, com uma postura mais empoderada e reflexiva, optei por manter o nome, mas gostaria de registrar que, talvez, não se trate de uma sofisticação, e sim de uma outra conduta e de uma outra linguagem em face da atitude e da gramática vistas até aqui nas outras categorias.

³¹ A expressão “lugar de fala” foi popularizada pelo lançamento, em 2015 do livro homônimo de Djamila Ribeiro, filósofa que defende como expressão autorizada e legítima sobre certas pautas sociais apenas aquelas advindas de quem sofre, efetivamente, das circunstâncias e vicissitudes enunciadas.

carolburgo Um dia li sobre as diferenças entre desejo e amor: o desejo seria uma pulsão de morte, porque ele nos convoca a matar uma vontade; já o amor seria uma pulsão de vida, porque ele não morre ao ser alcançado, ele se realiza justamente na permanência.

Enquanto ainda desejamos filhos, somos tomadas pela pulsão de matar aquele desejo. Angustiamos diante da demora, ansiamos diante da espera. O desejo de ser mãe urge em ser aniquilado. Ao tentar erradicar um desejo sem o qual parece impossível ser feliz, nos desgastamos, sofremos. Um desejo vivo faz o oceano parecer pouca água para tanta sede.

A vida que me trouxe experiências que me fizeram duvidar se eu queria passar pela maternidade. Uma questão me atormentava: quero TER filho ou SER mãe? É importante ter a certeza dessa resposta, pois ter um filho é algo que mora no desejo (nosso ou do outro) e depois podemos não querer mais (por motivos sociais, afetivos, estruturais, etc). Mas ser mãe mora no campo do concreto, onde encontramos o amor, não o romantizado, mas o que se constrói pelo imperativo da própria vida que dorme em nosso colo.

Nesse amor residem as dificuldades, o cansaço, até mesmo os dias de desamor. Dele nasce uma força que a gente não sabe de onde vem e uma pulsão de vida robusta o suficiente não só para sustentar a mãe no puerpério, na depressão pós-parto, na solidão, no corpo transformado, mas para garantir a sobrevivência da sua cria.

Por isso é fundamental identificar o que é desejo e o que

é amor na maternidade, porque o tal amor materno é aquilo que se edifica depois de realizarmos o desejo, é o que resiste à mãe imperfeita que somos, aos filhos que são indivíduos e não atendem a todas as expectativas que criamos. O amor materno é um trabalho braçal, social, político e afetivo construído diariamente.

O que me conforta é saber que essa pulsão de vida, que é o amor, não morre. Talvez seja a única coisa que sobreviva a tudo e por isso ele é tão avassalador, tão forte, tão resiliente.

Então, neste dia e em todos os outros, eu sou AMOR, não só por ser mãe, mas porque um dia desejei, hoje resisto e amanhã permaneço.

Feliz Dia das Mães

Há, nesse universo contemporâneo das postagens das mães, um infinito refletir sobre o próprio maternar, sobre o que é ser mãe contemporaneamente e sobre o próprio desempenho. Essa “metamaternagem” traz indicativos do ethos do sujeito que se propõe a fazê-la, afinal manifestar-se acerca do que se pensa sobre a maternidade e sobre a forma como esse universo a afeta é, na outra ponta, manifestar quem se é.

A postagem 19 tem várias camadas passíveis de apreciação. Antecipando a análise, depreende-se do texto um ethos de uma mãe mais sofisticada, culta, com repertório e letramento a ponto de teorizar sobre sentimentos – e não apenas senti-

los. Ainda que não mencione estudiosos ou correntes psicanalíticas, a alusão com que abre a postagem (a diferença entre amor e desejo em perspectiva freudiana) já a enverniza com um brilho erudito que não se encontra em um texto que começa simplesmente com um desabado em 1º pessoa, por exemplo. Ela, a princípio, abre mão de um tom mais subjetivo para pensar o amor materno à luz de um fundamento de autoridade (a psicanálise, ainda que não o diga).

No 2º parágrafo, desenvolvendo a premissa do “desejo”, ela se coloca no contexto ao assumir uma primeira pessoa do plural: “desejamos”, “angustiamos”, “ansiamos”. Há uma escolha vocabular mais refinada (como “urge”, “erradicar”, além da metáfora com o oceano), o que garante uma elegância ao post, e também um tom de sapiência, como se a escolha vocabular denotasse um notório saber acerca dos sentimentos descritos, legitimando-a a falar sobre eles.

Até aqui, o texto é conduzido pela intenção de diferenciar o desejo do amor, colocando as duas situações como distintas. No 3º parágrafo, enfim, ela irá se incluir totalmente no texto, tanto pela voz em primeira pessoa, quanto pelo relato que apresenta: “A vida que (sic) me trouxe experiências que me fizeram duvidar se eu queria passar pela maternidade”. Aí, ela chega ao ápice da diferenciação entre desejar e amar: desejar seria sinônimo de querer ter filhos, enquanto amar corresponderia a ser mãe. Ela sublinha, pela caixa alta, a distinção entre ter e ser. Há um juízo de valor: não basta querer ter filho, é preciso querer ser mãe. Em suas palavras, pode-se querer ter filhos, e depois, não os querer mais – como os desejos, que são frágeis e podem se desmanchar com circunstâncias mais ou menos graves. Já querer ser mãe está ancorado no amor. Nas palavras dela: “Mas ser mãe mora no campo do concreto, onde encontramos o amor, não o romantizado, mas o que se constrói pelo imperativo da própria vida que dorme em nosso colo”. Ainda que ela negue ser o “amor romantizado” (como visto, assumido em muitas postagens e abordagens como uma expressão depreciativa e falaciosa, um clichê que se tenta contornar), ela postula o amor como inalienável à maternidade, como uma condição desta. Há uma associação entre ser mãe e amar que é, sim, do campo da idealização e do lugar-comum, e ainda que a linguagem sofisticada tente desviar desse atalho, ela igualmente o exprime.

Apesar de não ficar claro o que a distinção entre o desejo e amor pode acarretar (não ter filhos? Mas, parafraseando Vinicius de Moraes³², se não tê-los, como sabê-los?, o que se enquadra aqui perfeitamente, afinal, como amá-los se não os tiver? Ou o amor vem antes do desejo, antes mesmo da concepção?), a mensagem final é poética, bonita.

No 4º parágrafo, aliás, essa ideia de amor ganha tônus e viço: o amor da mãe é capaz de salvá-la. O amor abarca cansaço e até o desamor. A autora elenca situações comuns à maternidade nas quais o amor viceja: puerpério, depressão, mudança de corpo. Percebem-se os resíduos dos discursos sobre maternidade, retomando não só as situações vividas e compartilhadas pelas mães atualmente como as expressões que as caracterizam e são populares contemporaneamente (como as supracitadas). Ao fim desse trecho, ela escreve “sobrevivência de sua cria”, e chama a atenção a palavra “cria”, de uma FD da biologia, dos filhotes de animais. Essa analogia com a natureza liga-se a uma ideia de instinto: não se racionaliza mais o sentimento, e sim o experimenta como se ele fosse gêmeo ao vivido pelos animais. Há uma prescrição no 5º parágrafo: “É fundamental identificar o que é desejo e o que é amor na maternidade”. Interessante notar como “amor”, nessa frase, substitui o elemento primeiro da comparação tecida pela autora, isto é, “ser mãe” virou sinônimo de “amar”. Há uma valoração negativa ao desejo, como algo efêmero e passageiro, enquanto o amor é eterno, imbatível. Novamente, a despeito da linguagem mais sofisticada, com metáforas mais elaboradas (“amor é um trabalho braçal”) e vocabulário mais formal (edifica), desemboca-se na mensagem de amor materno como compulsório, inescapável. A propósito, há uma leve contradição: o amor se forja na luta pela sobrevivência da cria (isto é, há algo de instintivo e atávico nele), mas também é um trabalho, um esforço, algo que demanda uma partilha

³² Verso do “Poema Enjoadinho”:

Filhos... Filhos?

Melhor não tê-los!

Mas se não os temos

Como sabê-los?

MORAES, Vinicius. Poema Enjoadinho. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, A Noite: 1954.

conjunta (isto é, é racional). Não se usa o clichê “amor incondicional”, mas equivalentes: avassalador, forte, resiliente (outra palavra cara à FD da maternidade contemporânea).

A postagem foi feita por ocasião dos Dias das Mães, e é uma celebração ao amor materno. Por mais que a autora tenha uma estratégia cuja forma escapa ao lugar-comum, com inclusão de definições mais rebuscadas sobre os sentimentos da maternidade, o conteúdo deságua no mesmo porto de outros enunciados, emanando o mesmo discurso de amor inerente, obrigatório. Ou seja, há um breve distanciamento da posição-sujeito ao se elaborar teoricamente a maternidade, mas a conclusão se identifica com uma conclusão de um bom-sujeito, pois não se questiona o amor de mãe. O ethos, portanto, é de um sujeito crítico, inteligente, com cultura e bagagem, mas, sobretudo, que sente imensamente esse amor.

(20)



é eu acrescento: privação de sono e condição intrínseca a maternidade. Ao menos no começo da vida de um bebê. Nunca mais a gente dormiu como já dormiu um dia. Só se estivermos a quilômetros de distância do filho, naquele relax, sabendo que ele está sendo muito bem cuidado (teve um dia na viagem pra Itália com as amigas que eu fiz uma soneca de 4 horas, acordei, comi e dormi por mais 10 horas. Será que tava precisada? Já contei? Ando repetindo muito essa história, por que será? 😊)

Neste perfil não acreditamos em treinamento de sono nem em deixar o bebê chorando até “se acostumar”. Somos da escola Carlos González de criação, que nos mostra, entre muitas coisas, que só sobrevivemos como espécie porque estávamos juntinho dos nossos filhotes, que acordam muito mesmo e tá tudo bem.

Todo um nariz de cera pra dizer pra quem ainda não pensou nisso: não diga para uma mãe que ela está com cara de cansada. A gente já sabe. Toda vez que você encontrar uma mãe, é provável que ela tenha dormido menos do que gostaria – e ainda acordado sabe-se lá quantas vezes na madrugada. A mãe, ela dá um expediente antes de começar o expediente, lembrem disso.

E, quando essa rotina se repete por meses, por anos, o rosto parece que vai dando uma caída. Não tem maquiagem que resolva, tampouco filtro de Instagram que salve. Mas sabe o que salva? Você não fazer esse comentário, rs. Me achou com cara de cansada? Não comenta comigo, puxa um papo de elevador. Mas se quiser dizer mesmo assim, aproveita e me manda um mimo? Um day spa, uma massagem, uma noite num quarto de hotel... Fica a seu critério! Rs.

#escrevescreve #eraumavezduasmães

A postagem acima, retirada do perfil público da jornalista Dani Arrais, ilustra a heterogeneidade do discurso materno, no qual múltiplas vozes residem, com ecos de uma maternidade mais tradicional enredados à maternidade que se quer inventar com o que se sabe e se pratica hoje.

Como na postagem anterior, essa é aberta com uma definição. Ainda que *Wikipedia* não seja o site mais confiável em matéria de conceitos, há, sim, um certo peso ao citá-lo: significa que a “privação de sono” é um tema tão sério que merece uma entrada nessa *Barsa* contemporânea. Elencam-se características negativas sobre esse estado, e após a lista, a autora se inclui no texto ao acrescentar “a privação de sono é condição intrínseca à maternidade”. Segue-se, então, uma espécie de constatação/reclamação: após o nascimento do bebê, ela e a companheira não dormiram mais como antigamente. À exceção, a autora menciona,

da viagem que fez à Itália sem o filho – a alusão “à Itália”, ao se analisar a projeção do ethos, não soa gratuita. A marca de sofisticação é impressa por essa experiência internacional especificada. Se ela tivesse escrito “teve um dia, em uma viagem”, sem o adjunto adverbial de lugar, esse efeito de sentido teria se perdido.

“Nesse perfil não acreditamos em treinamento do sono e nem em deixar o bebê chorando ‘até acostumar’”, ela anuncia no 2º parágrafo. Percebemos como esse sujeito está inscrito na FD das mães, em que os diversos discursos se rivalizam e se complementam. “Treinamento do sono” é uma prática comum e conhecida por muitos pais contemporâneos, haja vista ser uma técnica divulgada (e vendida) em muitos livros e por muitos pediatras. “Deixar o bebê chorando até se acostumar”, por outro lado, é uma sabedoria tradicional, aconselhada por muitas pessoas sem um embasamento científico, apenas empírico, e que sobrevive aos anos como um método popular. A autora, no entanto, refuta os dois discursos, afinal, “somos da escola Carlos Gonzáles de criação”. O nome, para pessoas fora do “meio”, pode passar despercebido, todavia, nessa FD das mães contemporâneas, letradas, cômicas e desejosas de um maternar diferente, significa uma espécie de baluarte desse novo modo de criação. Ele preconiza, entre outras prescrições, a criação com apego, a cama compartilhada, o respeito ao tempo do bebê. Citá-lo traz em seu encaixe todas essas ideologias e também gera um reconhecimento para outras leitoras - também conhecedoras de Carlos Gonzáles, cuja menção se torna ícone de um saber mais elevado e de uma prática autorizada, afinal, é recomendada por um médico especialista em criação.

A autora, no parágrafo seguinte, reconhece ter escrito previamente um “nariz de cera” (novamente, um jargão de nicho, nesse caso, jornalístico, que significa retardar o assunto principal do qual o texto tratará). Uma leitora sem esse conhecimento não entenderia essa referência, o que também desloca o texto para um nível menos acessível ao grande público. Em seguida, ela chega à questão fulcral da postagem: a recomendação de não se dizer a uma mãe que ela está cansada. Ela claramente se refere à aparência física (“o rosto parece que vai dando uma caída”), e se dirige ao alucotário para pedir para não fazer esse tipo de comentário. Após o tom mais dogmático (“Mas sabe o que salva? Você não fazer

esse comentário”), há uma preocupação em suavizá-lo com o “rs”, abreviatura de “risos”, linguagem comum à internet e que significa, de fato, que há um momento de humor ou descontração de graça ali. O “rs” é uma forma de pacificar uma mensagem que seria mais dura, uma estratégia de “preservação de face”, como diriam os pragmáticos. Esse mesmo recurso é usado no fim do post, após ironicamente indicar possíveis presentes que uma “mãe cansada” merece ganhar em vez de um comentário negativo.

A heterogeneidade é medular nesse texto. O discurso do Outro ajuda a autora a conduzir o raciocínio. Há desde a indicação de autoridades para embasá-la (*Wikipedia*, Carlos González) até a evocação de uma fala do senso comum (“você está com cara de cansada”) sem nome, sem autoria - não para se manter o anonimato, mas porque é recorrente em nossa sociedade a ponto de se tornar pauta da jornalista. Arrais cruza esses enunciados, incorporando-os ao texto para sinalizar quando aquiesce ao Outro, quando o refuta. Há uma outra motivação, no entanto, para o Outro. Ela não quer apenas reclamar de um hábito social - comentários indesejados sobre a maternidade de um modo geral e sobre a aparência da mãe de um modo específico. Ela deseja mostrar que há uma sustentação para suas escolhas na maternagem, e que por mais que ela esteja, de fato, cansada, ela está agindo como especialistas na área preconizam. O ethos projetado aqui é amparado, sobretudo, por essa ancoragem em um discurso legitimado, e a posição-sujeito não corresponde a uma plena identificação com o bom-sujeito, afinal, o enunciado que se critica é naturalizado e, quiçá, até reproduzido por outros sujeitos inscritos nessa FD que não o problematizam, visto ser uma realidade do maternar.

(21)

 **cientistaqueviroumae** Muita gente me pergunta como é a minha filha, como é, para ela, o meu trabalho, como é minha rotina com ela.

Posso dizer com a consciência mais tranquila do mundo: É MARAVILHOSO. Ela é incrível. Calma, tranquila, gentil, amorosa, leve e politizada. E é muito importante uma mãe falar assim de uma filha, sabe? Porque somos muito incentivadas a minimizar as características positivas dos nossos filhos e reforçar as desafiadoras. É só falar bem de filho que os machucados por dentro dizem:

"Ai, como se acha".

Pois aqui a gente se acha mesmo. Afinal, só a gente sabe a luta que é construir a vida que a gente tem, como é paulada sermos uma família de filha e mãe solo, como é ter somente a gente mesmo e, ainda assim, ter uma vida linda. E a gente tem. Eu sei o que é criar sozinha uma garota incrível. E eu crio. ❤️

Ela é muito leve, bem humorada, adora ficar em casa de pijama, vive grudada nas gatas, especialmente na preta, a quem chama de "meu animal de apoio emocional" - sendo que eu nunca tinha dito isso a ela. Vive rodeada de livros, gosta de dormir até tarde e, como a maioria das crianças e adolescentes, preciso repetir duzentas vezes antes dela ENFIM lavar a louça ou estender as roupas. Mas lava e estende e cuida da casa - e aí faz cantando.

É declaradamente antirracista e sabe quem são as principais intelectuais negras e lideranças indígenas, como Sueli Carneiro e Sônia Guajajara, a quem fez questão de abraçar.

Ela ama ir a cafés e levar um livrinho. Adora fazer roteiros de viagem e, na pandemia, um grande prazer seu era entrar, pelo Google Earth, em todos os aeroportos do mundo 🤩. Toca piano, borda desde pequena e eu nem sei como aprendeu, canta o tempo absolutamente todo e adora maratona séries à noite comigo - é o nosso programa de estabilização emocional (estamos vendo Dr. House agora).

Então quando me perguntam se, mesmo sendo mãe solo e trabalhando muito, eu consigo ter tempo pra ela, a resposta é SIM, E MUITO. Na verdade, sempre organizei minha vida em torno disso. E foi justamente o que me levou longe.

Vale a pena ir contra as correntes - e rompê-las.

E é com o coração muito quentinho que eu digo: eu criei a minha melhor amiga ❤️

Esta postagem, extraída do perfil chamado *A Cientista que virou mãe*, precisa ser contextualizada para uma análise mais profunda. A autora, Ligia Moreiras, é uma mãe-solo, separada do pai da filha, possui dois doutorados na área biológica e dedica parte de sua pesquisa a estudos concernentes à educação das crianças,

como criação não-violenta, infância livre de telas e publicidades e acolhimento às mães. Ela alimenta não só o Instagram, mas também um site com artigos com reflexões e dados sobre esse universo, e faz palestras pelo país para professar a temática. É, certamente, uma estudiosa sobre maternidade, imbuída da intenção e do conhecimento científico e empírico para auxiliar outras mães e provocar mudanças sociais a partir de seus ensinamentos. Temos, então, duas forças aqui operando: o sujeito mãe, com suas vivências e sentimentos, e o sujeito cientista, com seus saberes e objetivos práticos (como ganhar autoridade perante as leitoras para gerar mais engajamento, ter mais leitoras, vender livros), e as duas catalisam essa postagem com um artifício interessante: escreve-se sobre a filha, mas o que se escreve enaltece as virtudes da mãe, o que a valida como profissional.

A autora inicia a postagem elencando as qualidades da filha: “calma, tranquila, gentil, leve, amorosa”. Destaca-se, entre eles, o “politizada”, ou seja, é uma criança já com algum letramento político e posicionamento sobre pautas sociais (o que se justifica pelo fato de a mãe conversar com ela sobre isso e já educá-la por esse caminho). O discurso do Outro (“os machucados por dentro”, os ressentidos) aparece para ser confrontado: “Ai, como se acha”, ela evoca uma possível crítica à exaltação que fez da filha, e aproveita para relembrar que é uma luta criar uma filha sendo mãe solo e que a vida das duas, apesar das dificuldades, é feliz.

Ela segue enumerando o comportamento saudável e harmônico da menina. Ressalta-se o apelido que a garota deu ao gato, “meu animal de apoio emocional”, um epíteto um tanto sofisticado para ser criado por uma criança, no entanto, o vocabulário e a designação indicam que ela tem uma educação amparada na Psicologia (afinal, a criança tem noção sobre o vocabulário). Também demonstra que a menina já sabe cuidar da casa, ou seja, a autora é uma mãe que prepara a filha para a vida prática, além de incentivá-la à vida intelectual, introduzindo-a aos principais nomes do feminismo e das lutas antirracistas. Denota-se que a menina tem aulas diárias e práticas sobre pautas contemporâneas, sendo educada segundo a cartilha mais progressista para ser uma pessoa plural.

Há, ao longo da postagem, uma exaltação do quão virtuosa e especial a menina é, e essa aura de perfeição consagra a postura da mãe: ela a está criando

da maneira “correta”, está formando um ser humano superior, e se isso a exalta como mãe, em uma segunda camada, a autoriza e a prestigia como profissional, tornando-a apta a falar sobre educação de crianças (afinal, ela mesma foi bem-sucedida em sua maternagem).

Interessante também analisar as duas frases finais: “Vale a pena ir contra as correntes – e rompê-las. E é com o coração muito quentinho que digo: eu criei a minha melhor amiga.”

Certamente, as “correntes” a que ela se refere são o patriarcado, o sistema machista e excludente, a sociedade preconceituosa contra mães solas e violenta contra crianças, e a autora se coloca como subversiva ante esse *status quo*, movimentando-se para ser uma mãe diferente em um contexto opressor. No entanto, a imagem de mãe amiga, mãe amorosa e devotada sobrevive a esses destroços, e ela se tranquiliza por estar cumprindo bem o papel segundo o padrão mãe amiga-companheira-legal.

Inegavelmente, o sujeito desse discurso rompe com uma FD tradicional em que a mulher-mãe é submissa e oprimida, no entanto, a imagem da mãe como uma figura de amor soberano resiste e até se fortalece nesse enunciado, o qual gera como efeito de sentido que a autora sabe ser uma mãe primorosa, conjugando bem teoria e prática. O discurso revela um ethos empoderado, de uma mulher segura de si em diferentes esferas de atuação.

5.6 CATEGORIA **DESABAFO**

Não à toa, foram selecionados para ilustrar esse tópico posts de blog. Como já mencionado no Capítulo 3, pela sua natureza, as postagens em blogs têm um tom de diário virtual, em que a autora pode escrever sobre dores íntimas, em um estilo confessional e visceral. As postagens coletadas para o corpus datam do início dos anos 2010, o que também é digno de nota: antes da efeméride do Instagram, mídia reconhecida por desejar vender um estilo de vida perfeito (e bastante criticada por isso), os blogs, que tinham a intenção de registrar fatos da vida, pareciam veicular um conteúdo mais real.

Outra diferença marcante é a forma dos textos, os quais são mais longos e detalhados. As mães se referem aos filhos pelos nomes: o protagonismo não é exclusivo da mãe (nas postagens de Instagram aqui arroladas, por exemplo, fala-se sobre os sentimentos e vivências maternas, mas poucas mencionam a criança), e as crianças, individualizadas, também fazem parte da reflexão.

Há, especialmente nos textos dos Anexos I e III, uma espécie de “fluxo de consciência”: as autoras parecem escrever, sem tanta organização ou preocupação estética, sobre os sentimentos que as dominam naquele instante. Escrever, então, é uma forma de organizá-los, de preencher de sentido os vazios e as dúvidas que as acometem. É por meio da linguagem que a vida se tonaliza, é por meio da linguagem que os sentimentos ganham nome.

Há uma “reflexão em voz alta”. No texto do Anexo I, a autora lança as dicotomias: “literaturas instruem e estragam. será a ignorância uma benção ou uma maldição?” Ela parece indecisa quanto ao qual caminho escolher para maternar, e alude a provérbios populares para iniciar o compartilhamento do próprio dilema.

O efeito de sentido da cenografia escolhida na postagem gera uma aproximação entre autora e leitora. Diferente das postagens do “ethos sofisticado”, em que a autora projeta um ethos de superioridade, de sabedoria, nesses enunciados, os sujeitos confessam-se ignorantes e/ou perdidos, e os relatos detalhados lhes garantem uma vivência mais cotidiana, com problemas que não são genéricos ou superficiais, como os vistos na Categoria “ser mãe não é fácil”, e sim reais. Em dado trecho, no Anexo II, lê-se: “Quando a gente acha que tá tirando de letra, a página vira. Eu não sei como foi com vocês, mas ninguém me contou que os primeiros meses eram tão intensos.” Além de se um registro mais informal (“a gente”, “tá tirando de letra”), há esse diálogo marcado com a leitora, evidenciando um certo desespero da autora, o qual espera encontrar acolhimento por parte de quem a lê, efeito da cenografia de proximidade e desabafo.

Nos Anexos II e III, chamam a atenção os detalhes até íntimos compartilhados: seios rachados, sangue, fraldas sujas. A glamourização de uma rede social pautada pela imagem é ofuscada pelo cotidiano deflagrado pelas palavras, as quais precisam ser escritas para marcar a situação efetiva pela qual a

mãe está passando. “Ser mãe é difícil” é um enunciado forte, porém vago. Não se especifica, não se conta por quê e nem em que situação. Por outro lado, narrar:

Eu me troco e vou tomar café da manhã, obviamente com os dois ao meu redor, querendo comer tudo que pego pra mim. Nisso, olho no relógio: 10 horas. Vamos desenhar no quarto e brincar no chão. O Dexter tenta lambe a Clara, que tenta me escalar. O Vitor chora porque o papel amassou. E assim seguimos, no malabarismo materno de sempre.” (Anexo 3)

ilumina justamente essa “dificuldade” sem dizê-la. Não há nesse trecho expressão de julgamento direto da situação. Há uma sequência de fatos que denotam as múltiplas ações que cercam a mãe em uma manhã. Interessante notar a escolha do verbo, no presente: o relato ganha outra dimensão temporal, torna-se vívido e não só ícone de um evento ocorrido em um dado dia, mas o extravasa e imprime uma atemporalidade, uma assiduidade. O relato de uma manhã vira o retrato de uma rotina materna, endossado pela expressão “de sempre”, isto é, esse caos é o comum.

A ideia de “amor”, contudo, é soberana. Em praticamente todos os textos há a ressalva do amor que sentem pelos filhos, apesar dos dilemas compartilhados. No Anexo I, temos:

mas no fundo no fundo, acho que é medo de me apaixonar mais ainda por esse pequeno bichinho de goiaba. de ficar totalmente entregue às suas vontades.
isso porque eu sempre quis ter o controle de tudo. e viver às custas dos filhos é perder totalmente o domínio da situação.

Esse trecho, embora diluído em um texto muito maior, é significativo: apesar de toda a leitura e de toda teoria sorvida pela autora, há um sentimento (contra o qual ela diz lutar) que a arrebatava. O amor, aqui, virou sinônimo não de perda de controle, mas de permissividade: ela “sabe” o que deveria ser feito para criar o bebê (ou, na verdade, o que a sabedoria científica e a popular dizem), mas sofre porque o que ela deseja vai contra isso.

A título de comparação, vejamos uma postagem de Instagram com um teor parecido:

(22)

maezinhade3oficial Hoje ainda é terça-feira sei que parece que o mundo a gente está carregando nas costas ,mas também sei que o nosso amor em condicional ,é um amor que a gente não sabe onde cabe mais ,mas apesar de tudo somos como se fosse um carro às vezes o combustível acaba mas o carro continua ali presente né ? E hoje eu estou assim não sei você ,que mesmo mãe que trabalha fora como eu mãe que mesmo em casa que não trabalha fora tem serviço dobrado ,mãe que trabalha fora de chegar em casa tem serviço pra fazer mãe sendo mãe

O importante é você sempre estar cuidando de você tanto por dentro quanto por fora as vezes da vontade de sumir né de largar tudo e sair correndo mas você olha pra baixo e vê aquele serzinho te dando os braços .Essa vida da mãe não para nunca já que não para então vamos bola pra frente né?

#mae #maedemenina #maecansada #mãefeliz💕

Apesar de ter sido extraído de um perfil pessoal, há um apagamento da personalidade na autora: ela se dilui em uma 1ª pessoa do plural, e mesmo registrando um sentimento próprio (“hoje eu estou assim, não sei você”), parece haver uma preocupação em generalizá-lo, apontando para outras leitoras que possam estar experienciando igual sensação. Apesar de ser um post do estilo **desabafo**, para compartilhar um momento de exaustão, não há espaço para desenvolver essa angústia, que é logo entrecortada pelo tradicional “amor incondicional”, “é um amor que a gente não sabe onde cabe mais”. Aqui, não há nome do filho, nem menção a um fato particular, o que poderia até ser considerado como um post projetado para o engajamento, nivelando a autora aos possíveis dilemas sofridos pelas leitoras, de modo a gerar uma sensação de reconhecimento bastante frutífera, uma busca pela incorporação do páthos, a partir de comentários e de likes no Instagram.

As mães-autoras das postagens dos blogs, por sua vez, ao abrirem sem restrições a própria intimidade, projetam um ethos rico em camadas: são mães preocupadas, que desejam o melhor, que se sentem perdidas entre o que a literatura e a puericultura preconizam e a prática ensina, mas que não deixam de ressaltar o

amor e a devoção que sentem pelo bebê. Esse movimento é tão fascinante que se transformou na tese deste trabalho: ao mesmo tempo em que há licença e local para o desabafo – o que seria impensável anos atrás, quando a imagem sacra da maternidade abafava qualquer movimento contrário –, há também a inequívoca menção ao amor ou o indulto ao cansaço e às dores em nome desse amor de mãe. Essas postagens apelam para a cenografia cotidiana, apresentam testemunhos em primeira pessoa, são intimistas. É um ethos que busca a incorporação do páthos da alocutária, quer demonstrar e receber solidariedade pela sua condição que, certamente, é compartilhada por tantas e inúmeras mães.

5.7 CATEGORIA ***MATERIALIDADE LINGUÍSTICA***

Se as categorias anteriores dizem respeito ao teor dos discursos das autoras, a presente categoria envolve a materialidade linguística, com especial foco em expressões e construções recorrentes nesses discursos.

Em “Discurso, estilo e subjetividade”, Sírío Possenti (2001) apresenta reflexões nas quais defende haver no discurso a conjugação entre forma e conteúdo, sendo a forma inobliterável à análise. O autor, assim, entende que a materialidade linguística revela caminhos para o entendimento dos enunciados, atribuindo também a ela a construção do valor de sentido, conciliando-a a elementos extralinguísticos e, naturalmente, aos ideológicos. Mesmo a escolha lexical, os efeitos fonéticos ou os arranjos sintáticos guardam propósitos que sinalizam, por exemplo, a imagem que o sujeito tem do seu interlocutor ou a imagem de si que ele deseja projetar.

Compartilhando dessa visão do professor, nesta categoria, serão apresentadas, à luz dos estudos semânticos, expressões que contemporaneamente foram adotadas no discurso materno e que traduzem sentidos que extrapolam a decodificação linguística dos termos, transformando-se em emblemáticas dentro da FD do discurso das mães. A escolha por empregá-las sinaliza uma posição-sujeito frente à questão enunciada, e mesmo uma ideologia é encapsulada nessa seleção vocabular, como já tentamos demonstrar nas análises anteriores. Abrilhanta-se, assim, o trecho final de nossa análise do discurso ao desbravarmos como recursos

linguísticos e construções sintáticas são acionados a favor da expressão de uma mensagem.

5.7.1 Da maternidade ao maternar – a escolha do léxico

Um dos componentes essenciais para a Análise do Discurso é a compreensão da ideologia que atravessa a construção dos enunciados. Essa ideologia vem marcada linguisticamente, e a ponderação sobre a escolha vocabular é primordial no entendimento das posições identitárias a que o sujeito se filia.

No intuito de elaborar um ethos que dialogue com um movimento social e político que se orienta para o feminismo, algumas mães incorporam ao léxico palavras que são não apenas panfletárias da bandeira que se hasteia, como também identificam quem as pronuncia, pretendendo mostrar-se como conhecedora de tais ideais, o que indica uma incorporação, como a define Maingueneau (2018), apresentada na seção 1.2 deste trabalho. Empregar o jargão de determinada formação discursiva indica aquiescência às práticas e aos dogmas por ela propalados.

Para avaliar os efeitos de sentido desse neologismo, esta seção tratará da semântica do verbo “maternar”, um neologismo que busca representar uma ideia de maternidade disseminada e reivindicada por um grupo de mulheres contemporaneamente. O objetivo é elucidar como a semântica desse verbo auxilia na tradução dessa visão de mundo que se deseja vivenciar.

5.7.1.1 O verbo “maternar”

Maternar é uma ação, mas também é um comportamento. Esse verbo envolve um conjunto de práticas, de hábitos e de condutas de uma mãe – mais do que isso, esse verbo idealiza um tipo de comportamento materno que vai além de cuidar ou criar uma criança e se transforma em uma ideologia de vida. Na definição de Infurna (2017, s/n)

Se olharmos no dicionário (pode ser até o conceituado e outrora famoso Aurélio) vamos descobrir que a palavra *maternar* não existe. Amplamente utilizada nos dias de hoje em blogs, matérias, desabafos e qualquer assunto relacionado a maternidade, essa palavra, de sonoridade agradável, acaba sintetizando a complexa arte de exercer a função materna com todas as suas vírgulas, ponto e vírgula e pontos finais.

Primeiramente, vale uma ressalva linguística aqui: não é certo afirmar que a palavra não existe apenas por ela não ter um registro que a “oficialize”³³. “Maternar” já está em uso, com aceitação popular e ampla difusão na mídia e espaços sociais, sendo empregada e entendida por muitos falantes da língua portuguesa. Ou seja, ainda que tenha nascido em um nicho específico, “maternar” está rompendo as barreiras que a comportavam apenas em uma determinada FD e se infiltrando em outras.

Há um slogan bastante propagado, “Maternar é político”, que sintetiza a concepção que se tem desse léxico – a mulher, ao escolher a “maternagem” (que se difere da “maternidade”), assume algumas escolhas que a particularizam, se inscreve em outra filiação ideológica. A *maternidade* é uma condição inerente à mãe, socialmente compulsória a quem tem filho, já a *maternagem* é uma outra via, deliberada, adotada pela mulher que deseja uma forma particular de orientar aquela criança. Nesse sentido, o *maternar* tem uma agenda própria e reconhecida no seio desse círculo de mães, como a opção por um parto natural, a luta pela amamentação, a criação com apego e afeto, a comunicação não-violenta, e todas essas pautas são fruto de uma tendência contemporânea de encarar a maternidade. As mães da categoria “ethos sofisticado”, certamente, são adeptas do maternar. O maternar tem a ver com desromantizar a gravidez e a maternidade, além de preconizar escolhas embasadas e estudadas, feitas conscientemente, e não apenas reprodutoras de práticas comuns. Esse conhecimento de mundo penetra na língua e aflora na criação de um neologismo que sintetiza todos esses posicionamentos. Leia-se a frase de Monica Benini sobre o nascimento de seu primeiro filho, Otto:

Eu já me questioneei muito sobre o meu lugar de fala, sobre o que ecoa aí em vocês, principalmente quando falo de maternar. Já refleti muito se

³³ ¹Em fevereiro de 2024, “maternar” ainda não era um vernáculo no VOLPI

deveria tomar um lugar de fala menos otimista, se o que estava demonstrando parecia ser mais simples do que é. Porque nessa minha experiência no combo gestante/puérpera/mãe uma das coisas que mais me impactou foi a diferença que existe no inconsciente coletivo do que é, de fato, ser mãe (GIMENIZ, 2018).

Esse depoimento é muito revelador justamente do ethos que ela pretende criar não só como mãe, mas como sujeito. Ao empregar expressões como “lugar de fala”, “maternar” e até mesmo “puérpera”, Benini se filia a uma corrente contemporânea que preconiza uma determinada imagem da mulher e da mulher-mãe, e essa imagem vai desde tratar com delicadeza e empatia o outro até se engajar energicamente em lutas políticas e feministas, além de projetar um ethos culto, ponderado. A escolha desse vocabulário não é arbitrária e sim condicionada por uma formação discursiva na qual ela se filia e que sustenta essas decisões.

Os traços semânticos do verbo também desembocam na criação de um ethos dessa mãe enunciativa. A grade temática se compõe de <Agente, Modo>. “Maternar” prescinde de um objeto (termo essencial complementar ao verbo para significá-lo). O próprio verbo já é produtivo em significados e o destaque é ao “agente”, isto é, à pessoa que realizará esse ato. Ao preconizar uma maternidade não romantizada, o “maternar” pretende definir uma maternidade real, calcada nas necessidades, limitações e expectativas da mulher, ou seja, a ausência de um argumento interno ao verbo propõe total protagonismo ao argumento externo, ou seja, quem irá maternar. Não é sobre o quê e nem como irá maternar, mas sobre a escolha da mãe por esse tipo de maternidade. O depoimento de Ana Lúcia à Revista *Crescer* ilustra esse posicionamento:

Procura-se um trabalho de meio período para uma mulher que é mãe. Digo que tenho meio período, mas, pensando bem, o tempo que me resta livre quando meu filho vai para a escola é de três horas. Ele tem alergia alimentar, então ainda que eu quisesse dispor de comida comprada todos os dias, não poderia. Preciso cozinhar para ele. E olha que sou produtiva. Preparo cinco grupos de alimentos em uma hora. Mas isso não conta como trabalho, eu sei. Aos olhos gerais, não tem valor, por isso a sugestão de que seja remunerado parece absurda. Mas se fosse, eu não precisaria estar aqui pedindo emprego. Me bastaria maternar e incorporar todos os demais papéis criativos e executivos que vêm como pacote dessa escolha (escolha para mim, do alto do meu privilégio de branca, classe média, casada, mas tenho consciência de que a maioria das mulheres não tem essa opção) (ONGARATTO, 2019).

Nesse excerto, fica claro como “maternar” se relaciona à criação dos filhos, mas também – e principalmente – aos caminhos selecionados para fazê-la. A ideia, se não é praticar uma maternidade idealizada, é tentar se aprimorar na arte de preparar uma criança para o mundo e ainda ser uma mulher participativa nesse mesmo mundo, por isso o papel do sujeito/agente é tão marcado.

Outra característica deste verbo é que ele é utilizado, preponderantemente, em sua forma nominal, isto é, no infinitivo. Na gramática tradicional, define-se que o infinitivo “apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação” (CUNHA e CINTRA, p. 483). Em orações³⁴ como

(23) Às vezes, quase sempre, gostaria mesmo que o tempo parasse para eu maternar.

(24) Maternar é algo magnífico.

É notório como se considera o “maternar” um evento completo, independente de tempo e de modo. Enuncia-se o maternar como uma condição indelével assumida pela mãe, e não como uma prática eventual, realizada em oportunidades bem definidas. “Maternar” é uma ação ideológica, e a forma nominal sintetiza o verbo como uma visão de mundo.

5.7.1.2 Criar X Maternar

Um exercício produtivo para se pensar no valor do verbo “maternar” é contrastá-lo com uma palavra similar, empregada em contextos semelhantes, como o verbo “criar”. Tradicionalmente, designa-se como “criar” o ato de educar, alimentar, conduzir o filho, enfim, prepará-lo para o mundo. A oposição entre “criar” e “maternar” poderá elucidar como os traços semânticos indicam uma interpretação mais profunda de cada ato.

³⁴ Extraídas de páginas de Facebook em abril de 2020.

A primeira diferença relevante é o sujeito enunciador. Enquanto “criar” pode ser proferido por mãe, pai, avó ou qualquer outro responsável pela guarda da criança, o “maternar” é um verbo privilegiado da mãe. Não se tem registro de sentenças como “O pai materna”, no entanto, se não é uma construção impossível, é uma expressão repleta de sentido. Iaconelli, extravasando o campo linguístico, já demonstrou, histórica e sociologicamente, que “o materno se traduz por uma qualidade de cuidado associada ao gênero feminino, mesmo quando realizada por um homem” (IACONELLI, 2023, p. 23). O homem “materna” quando assume o papel de afeto e devoção que seria naturalmente ocupado pela mãe.

O verbo “maternar” não supõe um alvo – como dito, não é uma ação voltada a alguém, mas ao próprio sujeito enunciador. Já o verbo “criar”, de acordo com a gramática tradicional, teria obrigatoriamente um “objeto direto” – ou um argumento interno para saturá-lo. Ele tem duas posições a serem preenchidas pela sintaxe – uma na posição de Agente, outra na de Paciente. Esse argumento interno não é imprescindível ao “maternar”. A perspectiva “Agentiva”³⁵ é destacada no verbo “maternar”. Enquanto a sentença

(25)* O filho foi maternado pela mãe

não é gramaticalmente bem formada, a sentença

(26) O filho foi criado pela mãe

é bastante recorrente, realçando o paciente da ação nessa construção, e não quem a promoveu. Novamente, na Análise do Discurso, essa inflexibilidade do “maternar” é significativa. A partir do emprego desse verbo, a cena enunciativa é bem

³⁵ Assumi que “maternar” demanda um sujeito/argumento externo agente, e não experienciador, porque tal palavra supõe um conjunto de ações praticadas pela mãe, ainda que também guarde um determinado posicionamento ideológico, mas o qual é manifestado, justamente, pelo controle que ela tem dessas ações. De todo modo, por ser um verbo relativamente novo, valeria, em um futuro estudo, analisar um corpus mais extenso para sentenciar com mais precisão a natureza semântica de “maternar”

delineada, bem como os atores de quem pratica a ação – a ausência de alternância de sujeito indica ser esse evento um lugar privilegiado para o enfoque na mãe. Além disso, o verbo “criar” admite vários tipos de complementos – desde “filhos”, “plantas”, “projeto” e até “problemas”. O verbo “maternar” é restrito a pessoas, e as flexões verbais não são usuais:

(27)? Eu maternei ontem.

(28)? Eu maternei em Curitiba

(29)? Eu materno meu filho.

A oração (29), ainda que gramaticalmente possível, não é usual, não há nenhuma entrada na Internet, não se encontra esse tipo de registro, pois não há uma função propriamente verbal no vocábulo.

Outra distinção marcante é referente aos significados. O verbete “criar” é dissecado por mais possibilidades de significação³⁶. Há várias acepções, inclusive conotativas, além de permitir metáforas. Quando aplicado para “educar crianças”, percebe-se que o sentido é perpassado por uma ideia de “dar sustento a ela”. Essa explicação também vem revestida de um conhecimento de mundo – criar um filho demanda dinheiro, que é obtido por meio do trabalho. Enquanto o “criar” tem um teor factual mais marcante, “maternar” também é mental – não se pode chamá-lo de verbo psicológico, pois, se revisadas as características sugeridas por Cançado³⁷ para essa classificação, “maternar” não se enquadraria nessa categoria, já que não é possível a alternância do argumento-experienciador e há ausência de objeto. Se houvesse uma categoria de “verbos ideológicos”, esse seria um exemplo. Sob a luz da Análise do Discurso, o emprego de um verbo carregado de um significado para englobar uma série de comportamentos e posicionamentos é simbólico e revelador. “Maternar” é um evento mental, com engajamento sociopolítico, é mais uma postura

³⁶ No dicionário Houaiss, o verbo “criar” possui 18 acepções.

³⁷ Cançado, M. 1996. Verbos Psicológicos: Análise Descritiva dos Dados do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 4. 1: 89-114.

assumida pela mãe e um posicionamento ideológico do que uma ação, de fato, enquanto “criar” é um evento mais concreto, com um produto final definido (a criança foi formada). Quando a mãe fala que “materna”, e não “cria o filho”, ela está sugerindo que a função é praticada com mais envolvimento e problematização, como se fosse uma profissão e um engajamento, não apenas o cumprimento de um dever. A imagem que se pretende com “maternar” é de uma mãe mais consciente, reflexiva e atuante em sua atuação, de alguém que não apenas cuida ou cria, e sim atua intensamente na formação da criança. Principalmente, “maternar” idealiza a mãe como um sujeito ativo e participativo, que não apenas reproduz práticas, e sim as seleciona deliberada e criticamente.

5.7.2 Construção sintática e argumentativa - “Amo meus filhos, mas odeio ser mãe”

Com a liberdade contemporânea para se proferir discursos mais reais sobre a maternidade, situações antes impensáveis passam a ganhar notoriedade no seio virtual. Se antes ao léxico “mãe” só eram associadas palavras de tom e de teor mais delicado e romântico – haja vista a profusão de provérbios e ditados populares que realçam a figura materna como a única que conhece o amor verdadeiro ou que ama incondicionalmente –, agora, há uma expressão que tem se cristalizado e já aparece tanto em blogs como em redes sociais e até reportagens e que, não sem causar estranhamento, relaciona a arte de maternar ao sentimento de ódio. “Amo meus filhos, mas odeio ser mãe” e sentenças similares já apresentam mais de 749 mil resultados de pesquisa no Google, o que comprova como essa expressão tem traduzido o sentimento de algumas mulheres que se sentem à vontade para admitir uma sensação muito particular.

Há uma estratégia discursiva que leva a mulher, ao enunciar que não gosta de ser mãe, a, concomitantemente, também afirmar amar os filhos, pois há um processo de implicaturas que podem desembocar na revelação de um ethos desfavorável ou mesmo incoerente com o que ela sente, e, portanto, essa relativização se faz essencialmente marcada em sentenças.

Um primeiro aspecto a ser abordado na análise desse enunciado repousa na escolha vocabular que cria uma sentença ao mesmo tempo chamativa e dissonante. A construção da ideia é formulada a partir de dois itens lexicais com carga semântica antônima: enquanto “amo” vem do verbo estativo “amar”, que significa o maior sentimento de devoção, carinho e afeição destinado a alguém, o verbo “odiar” é seu oposto – é execrar, não suportar, repelir. Ambos os verbos possuem dois argumentos, um interno e outro externo, ou seja, ambos terão um sujeito que sentirá (o amor ou o ódio) por algo ou alguém. Na explicação de Cançado, “Duas palavras são antônimas gradativas, quando estas estão nos terminais opostos de uma escala contínua de valores; a negação de um termo não implica a afirmação do outro” (CANÇADO, 2008, p. 46). Essa última consideração da autora é fulcral no entendimento da sentença e do contexto, no entanto, colocar “amor” e “ódio” lado a lado e ainda designando situações parecidas pode sugerir interpretações equivocadas, mas subsidiadas justamente por eles possuírem uma carga semântica tão categórica quanto díspar. O par de sentenças, no entanto, não se constitui como uma contradição, e esse é um ponto que se quer discutir: não há acarretamento direto entre as sensações, nem semântico, nem extralinguístico, porque apesar de antônimas, as ideias podem ser verdadeiras concomitantemente. Isso não significa, contudo, que não haja uma percepção de equivalência por quem lê ou escuta a sentença em análise. Ora, se há amor pelo filho, o amor por ser mãe não seria uma consequência? Como os textos intitulados por tal enunciado vão explicar, não é silogismo, e essa complexidade da realidade desemboca na língua, formulando uma ideia, em primeiro momento, absurda. De acordo com o senso comum, “Odeio ser mãe” acarreta “Odeio meus filhos”, e para evitar esse acarretamento informal possivelmente realizado pelo receptor desse discurso é que o sujeito irá formulá-lo com a conjunção adversativa.

Nota-se também uma quebra de paralelismo – enquanto o amor é destinado a alguém [meu filho], o ódio não é direcionado a uma figura, e sim ao estado [ser mãe]. Se o paralelismo entre as palavras escolhidas para a formulação da frase fosse mantido, a força da intenção seria esgotada. Os significados vêm lexicalizados na raiz dos verbos, e os juízos de valor estão marcados por pares antônimos, o que

garante o impacto do enunciado. Se ele fosse elaborado preservando o paralelismo, a partir da mesma palavra para enunciar as emoções, como em

(30) Amo meus filhos, mas não amo ser mãe.

a carga de “odeio”, que é um verbo assertivo, seria diluída pelo “não amo”, um sentimento mais suavizado e que não corresponde à mensagem que se pretende transmitir.

Já se houvesse paralelismo na natureza dos argumentos de cada verbo, orações como

(31) Amo meus filhos, odeio minha maternidade

(32) Amo ter filhos, odeio ser mãe

poderiam substituir a sentença destacada neste estudo, contudo, essas alternativas também esvaziariam o sentido proposto. Isso se justifica porque o amor, nesse contexto, tem um alvo bem definido (o filho), enquanto “ser mãe” se refere a uma condição que extravasa a experiência individual da enunciativa e é determinada por um conjunto de práticas, responsabilidades e tarefas comuns à espécie “ser mãe”.

Um tweet de fevereiro de 2024 viralizou ao explicar a interpretação desse enunciado:



Irene Martínez
@donairene13

...

Quando uma mulher diz que ama o filho mas odeia a maternidade, na verdade ela está dizendo que odeia o machismo e o patriarcado que a julga e sobrecarrega.

Ela está dizendo que odeia o fato de ser a ÚNICA responsável por uma decisão que muitas vezes foi tomada em conjunto.

11:00 AM · 17 de fev de 2024 · **497,7 mil** Visualizações



-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Ela odeia o fato da ampla maioria dos cuidados com a criança estarem sob a responsabilidade dela. Ela odeia a desigualdade na cobrança entre pai e mãe.
3 95 1 mil 19 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Ela odeia o fato de enfrentar privação de sono, ser a única responsável por cuidar nas doenças, alimentar, vestir, cozinhar, limpar, levar e buscar na escola e todas as demais tarefas que envolvem o filho. Tudo isso enquanto o pai paga 300 reais de pensão e ainda acha muito.
3 84 1 mil 19 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Ela odeia que a sociedade normalizou o abandono afetivo do pai, e um pai que faz o MÍNIMO é visto como um super pai. Quando uma mulher diz que odeia a maternidade ela está falando que odeia esse papel subalterno que a mulher ocupa e que se acentua quando ela se torna mãe
2 80 1 mil 15 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Quando uma mulher diz que odeia a maternidade ela está dizendo que odeia o fato do pai seguir tranquilamente com sua vida enquanto ela precisa pausar ou mesmo abandonar a carreira porque a distribuição de responsabilidades não é igual entre pai e mãe.
4 100 1 mil 15 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Quando uma mulher diz que odeia a maternidade ela está dizendo que odeia o fato de muitas vezes não conseguir se alimentar, tomar banho, fazer as necessidades fisiológicas direito porque o cuidado com a criança não é equânime entre pai e mãe. E ninguém liga pra isso.
1 66 913 13 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
Quando uma mulher diz que odeia maternidade ela pode estar falando do abandono afetivo que enfrentou durante o puerpério, quando muitas vezes os amigos se afastam e o companheiro e a família deixam de enxergar como uma mulher e passam a vê-la apenas como mãe.
2 62 861 12 mil
-  **Irene Martínez** @donairene13 · 17 de fev ...
A sociedade é muito injusta e muito cruel com as mães e gestantes. Não faça parte dessa crueldade. Não julgue uma mãe que está sobrecarregada.
4 75 850 12 mil

A autora dessa sequência ilustra o “odeia ser mãe” com diversas situações que envolvem a solidão, a sobrecarga e abandono aos quais a mulher é submetida com a complacência da sociedade. Falar que odeia “ser mãe” evoca um conhecimento de mundo sobre o que é ter um filho e o trabalho e a energia que ele demanda, e é a esse encargo que a enunciadora se reporta.

Ainda sobre a expressão “meus filhos”, há um outro detalhe discursivo que deve ser analisado. “Meus” (ou “meu”, dependendo de quem enuncia) é um pronome possessivo que funciona como um dêitico. “Os elementos dêiticos permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala, ou seja, a partir do contexto.” (CANÇADO, 2008, p. 53). Esse uso é relevante pois se faz referência direta ao(s) filho(s) da enunciadora, e essa particularidade é expressiva – postular que ama “ter filhos” esvaziaria a ideia de que ama aqueles seres em especial e em particular, que há um sentimento a pessoas, não a entidades, pois “ter filho” é inefável, pouco palpável, enquanto “meus filhos” torna mais íntimo e específico.

5.7.2.1 Inferências – acarretamentos, pressupostos e subentendidos

Tomem-se as definições de acarretamento e de pressuposição tais como postula Cançado:

O acarretamento é uma noção estritamente semântica, que se relaciona somente com o que está contido na sentença, independentemente do uso da mesma (*sic*). A noção de pressuposição relaciona-se com o sentido de expressões lexicais contidas na sentença, mas também se refere a um conhecimento prévio, extralinguístico, que o falante e o ouvinte têm em comum; pode-se dizer que a pressuposição é uma noção semântico-pragmática. (CANÇADO, 2008, p. 25)

A primeira asserção da frase aqui em foco, “Amo meus filhos”, traz uma inferência importante, que é “tenho filhos”, o que insere a enunciadora em uma posição que lhe permite falar sobre ser mãe. Ou seja, só pode versar sobre “ser mãe” quem o é, de fato, e esses mecanismos linguísticos operam para legitimar o discurso de quem os enuncia.

Pelo teste da negação a partir da inferência, admite-se que “ter filhos” é uma pressuposição (por mantê-la intocada tanto quanto a frase é afirmativa, quanto quando é negativa, conforme Levinson²⁵).

Já de acordo com Cançado, “acarretamento é uma propriedade que nos mostra exatamente o que está sendo veiculado por determinada sentença, nada além” (CANÇADO, 2008, p.28). O dêitico “meus” tem participação na elaboração desse acarretamento, pois ele é que permite essa inferência. De todo modo, a sentença permite essas duplas leituras de acarretamento e de pressuposição quanto a ter filhos, no entanto, o desempenho da mãe declarante não pode ser inferido.

O senso comum extrapola essas interpretações puramente baseadas em acarretamento e pressuposições, e traz suposições como “não gosto de meus filhos”, que não estão ancoradas em nenhum gatilho semântico e se desvirtuam da intenção original da enunciativa, e esse equívoco é fruto de uma condicional que sustenta um dos interdiscursos mais fortes e pungentes sobre a maternidade – se ama filhos, ama ser mãe, ou por outra, se tem filhos, ama ser mãe. Essa relação, no entanto, não se sustenta – nem linguística, nem factualmente. Ou seja, o que se entende ou se lê de um enunciado tão peremptório, com verbos tão marcantes, apaga o acarretamento e até a pressuposição, dando saliência ao que se pode inferir além das informações contidas ali e partindo para um conhecimento extralinguístico.

Naturalmente, em qualquer situação de interação social – como um diálogo ou a leitura de um texto postado em um blog –, o receptor da mensagem não apenas pensará nos acarretamentos produzidos pelos enunciados, como acionará seu conhecimento de mundo, seu repertório, sua sabedoria particular, e é esse arcabouço que, a partir do enunciado, dará sentido à ideia e formulará inferências (equivocadas ou não).

Maingauenau remonta à lógica formal para explicar de onde advém a noção de “inferência”. Segundo o estudioso, o termo designa “a operação de dedução que consiste em considerar verdadeira uma proposição em razão de seu laço com outra proposição já considerada verdadeira. Trata-se, então, de uma atividade de raciocínio (...)”. (MAINGUENAU, 2018, p. 274). Em um segundo momento, a noção

será revisitada e a acepção será aperfeiçoada pela pragmática, acrescentando a ela o conhecimento de mundo a situação de comunicação.

Enquanto as inferências ditas necessárias são produzidas pelos dados linguísticos – e chamadas de pressuposição, as inferências discursivas são os subentendidos. Como adverte o estudioso, “O cálculo dos subentendidos é um procedimento complexo, que faz intervir diversas competências, e que pode fracassar ou levar a resultados errôneos” (MAINGUENAU, 2018, p. 271). Antecipando-se a essa leitura equivocada e prevendo que o próprio ethos poderia ser maculado por uma impressão de “má mãe” ou “insensível”, a enunciadora assegura seu amor pela criança acima de qualquer outro posicionamento (mesmo que o desgosto seja fruto da existência dessa mesma criança!).

A necessidade de se postular que ama os filhos, apesar da contrariedade de ser mãe, parece ser uma antecipação defensiva quanto a uma possível falácia lógica extraída da frase “Odeio ser mãe”: odeio ser mãe, logo, odeio meu filho. Essa associação apressada torna tanto os sentimentos ligados à maternidade em si (vinculados à prática e à forma como a mulher se portará e sentirá ao virar mãe) quanto os ligados aos filhos (referentes à pessoa concebida e criada) como obrigatórios e indissociáveis. As falácias

são argumentos que atacam de forma indireta um outro argumento, ou seja, não atacam de forma direta a argumentação oposta, mas sim atuam de forma a darem uma aparência de verdade (verossimilhança) em seus argumentos através de um ataque indireto, o que torna tais argumentos inconsistentes ou inválidos. (ZANINI et al, 2016, s/n)

Ao vincular amor e ódio de modo concomitante, ainda que com argumentos distintos, parece haver uma contradição imponderável. Não é uma consequência lógica dizer que não ama os filhos por não amar ser mãe, mas esse é um efeito de sentido possível e dialógico com o senso comum, e por isso, a ressalva é primordial para antecipar e negar um subentendido que não corresponde ao que a mãe quer transmitir e ainda pode elaborar um ethos desfavorável à enunciadora.

Outra inferência destacável aqui é que a enunciadora ama algo ou alguma coisa – por trazer na outra sentença um léxico de valor intenso, como “odeio”, essa

antítese é realçada por dois verbos estativos com uma forte carga sentimental. Enquanto “amo” é o máximo, pensando em uma escala emocional, de sentimento bom e belo por alguém, “odeio”, do lado oposto, registra os piores sentimentos que se podem nutrir por algo ou alguém. Esse contraste, além da óbvia comparação vetorial, também serve na construção de um ethos abrandado da enunciadora. Se a mulher é capaz de sentir “ódio”, ou seja, ela confessa execrar o papel de ser mãe, e isso poderia evocar uma imagem errônea sobre ela ou sobre sua maternidade, ela o neutraliza com a potência semântica de “amo”.

5.7.2.2 Amo meu filho, mas odeio ser mãe ou odeio ser mãe, mas amo meu filho

Não se pode concluir essa reflexão sem mencionar também outra possibilidade de enunciação do mesmo sentimento, mas invertendo as proposições. É sabido que a conjunção adversativa “mas” realça a oração por ela introduzida, ofuscando a primeira oração da sentença. Na explicação de Castilho (2019, p. 354), nesses casos, “o que é dito na segunda sentença contraria as expectativas geradas pela primeira”. O autor também prossegue mencionando que há embutido no “mas” o valor de “não”, ou seja, negam-se as expectativas criadas pela primeira declaração (CASTILHO, 2019). O fato é que a oração marcada pelo “mas” privilegia a informação por ele destacada, e há aqui um efeito de sentido a ser observado: em um contexto em que há um desabafo mais explícito, “Amo meu filho, mas odeio ser mãe” joga luz à ideia de que apesar de amar as pessoas concebidas e criadas por ela, a mulher não gosta da prática da maternidade. Já em “Odeio ser mãe, mas amo meu filho”, o registro da insatisfação quanto à maternidade é sobrepujado pela afirmação do amor, isto é, por maior que seja o desgaste na tarefa de criar uma criança, o sentimento que prevalece é o amor sentido em relação a ela. O foco da sentença se desloca para a informação à direita do “mas”, e isso revela também o ethos que se quer impingir: a de mãe amorosa, mas nem por isso apática e silente quanto às dificuldades da maternidade, ou, no segundo caso, de mãe que reconhece as dificuldades, mas que as solapa em nome de um sentimento maior.

Essa alternância também pode ser iluminada pelo aspecto de face, outro conceito-chave nos estudos pragmáticos. Tendo nomes como Goffman³⁸ e Brown e Levinson³⁹ por trás dessa noção, a face tem a ver com a imagem que se pretende passar ou assumir durante a interação, algo como a criação e a sustentação de personagens e de máscaras para sobreviver nas circunstâncias sociais. Nota-se uma aproximação entre a ideia de face, filiada à pragmática, e a de ethos, mais íntima à análise do discurso. A face pode ter duas projeções, a positiva e a negativa. “A face positiva está relacionada à necessidade de aceitação do indivíduo, o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelos parceiros da atividade comunicativa” (LINS e MARCHEZI, p. 2379), e o enunciado “Odeio ser mãe, mas amo meus filhos” pode ser atrelado à preservação de face positiva, pois justamente se quer manter uma imagem doce de si, amorosa, dedicada à criança, apesar das intempéries de ser mãe. Como assinalam as autoras, “A sociedade exige constantemente a apresentação de uma face positiva, já que existe uma valorização da imagem cada vez maior e o constante desejo de construção de boas relações” (LINS e MARCHEZI, p. 2380): assim, ainda que haja uma confissão derogatória neste enunciado, ela é logo suavizada pela afirmação de que existe amor e ele é maior do que o desgosto anteriormente declarado.

Por outro lado, “Amo meus filhos, mas odeio ser mãe” acena para uma face negativa, isto é, “ao desejo de autoafirmação, de não sofrer imposições e de ter liberdade de ação, estando assim relacionada à reserva de território pessoal e à necessidade de ser independente” (LINS e MARCHEZI, p. 2379). Apesar de “Essa face representa[r] a revelação da intimidade do indivíduo despreocupado com a representação de um papel (LINS e MARCHEZI, p. 2380), ela se apresenta justamente em um ambiente em que se autoriza e se deseja essa confissão de uma imagem que não apenas edulcora e frui a magia da maternidade, mas aponta as vicissitudes da tarefa, sem diminuí-las.

³⁸ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

³⁹ BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness some universals in language usage**. London: Cambridge, 1987.

O mesmo momento social que permite a enunciação de certos pensamentos ainda é capaz de censurá-los e julgar o sujeito que os enuncia. No caso das mães, se elas já possuem uma certa liberdade para desromantizar a aura sacra da maternidade, fazê-lo pode lhes custar algum prejuízo ao ethos. Nesse sentido, uma fala mais enérgica, com vocábulos mais pujantes, pode gerar leituras e pré-julgamentos equivocados, e pensamentos e sentimentos são arranjados de tal forma a antever possíveis problemas de interpretação, de modo a garantir que o ethos de mãe apaixonada pelos filhos seja ressalvado, mesmo diante de uma reclamação quanto à maternidade.

5.7.3 Mãezinha, noção e estereótipo – a interpelação do sujeito ‘mãe’

Escolhemos para esta reflexão um texto (ANEXO IV) no formato de post de blog, em que a autora, uma mãe, desabafa sobre o termo “mãezinha”. Ele simboliza uma reclamação atual relativamente comum dentro do maternar: algumas mães não gostam de ser chamadas de “mãezinha” por profissionais que as atendem, como se esse vocativo as ofendesse de algum modo. Esse é um exemplo formidável da atividade linguística promovida pelas mães que tanto rejeitam o vocativo “mãezinha” quanto deslizam o sentido lexical, em uma operação embebida de conflitos e mal-entendidos e que encontra diálogo com uma determinada Formação Discursiva dentro do interdiscurso da maternidade. Em outras palavras, se quem chama uma mulher de “mãezinha” o faz, muitas vezes, por um gesto de carinho ao não saber o nome da pessoa a quem se dirige, quem escuta “mãezinha”, entretanto, pode entender o vocativo como uma menção pejorativa, debochada, infantilizada, que menospreza a capacidade daquela mãe de entender o que está acontecendo com a criança e até tenta silenciá-la (a exemplo do que argumenta a autora do texto para rechaçar o rótulo de “mãezinha”). Os efeitos de sentido flutuam de acordo com a FD a que se filiam tanto o sujeito que enuncia o vocábulo como quem o escuta.

Pensando em atividade epilinguística, toma-se a língua como um jogo de xadrez (ZAVAGLIA, 2010), percebe-se que esse movimento de peças é revitalizado

a depender do sujeito que profere o enunciado. Como Fuchs apregoa, a co-enunciação é o lugar do jogo. Segundo a autora,

A co-enunciação é o conjunto de relações complexas que tecem os interlocutores por meio da linguagem. A referenciação não é neutra nem objetiva, é um processo mediado pelos sujeitos, de construção e reconstrução de significação ela é indissociável dos dois protagonistas da troca verbal assim como também as representações, imagens e expectativas de um em relação ao outro (FUCHS, 1984, p. 80).

Neste jogo, enquanto uma professora, uma enfermeira ou qualquer outra interlocutora pode usar o “Mãezinha” como um vocativo meigo, de acalento – afinal, o diminutivo possui uma acepção carinhosa, adoçando e até infantilizando a fala –, a mãe que o escuta pode não compactuar com esse jogo e refutá-lo: não por ser um vocábulo doce, mas por também poder ser interpretado como uma diminuição, um rebaixamento. Cunha (2014, p. 994) arrola alguns usos do sufixo diminutivo em português: *abrandar uma situação, indicar afetividade ou menosprezo, significar denotativamente, designar algo agradável, sensual ou excitante, enfatizar um pedido, constranger, ofender, ironizar ou mostrar repúdio e antipatia*. Como se vê, esse sufixo de flexão de grau é muito produtivo e o sentido pode escapar durante as trocas intersubjetivas, originando as múltiplas possibilidades de interpretá-lo.

Além disso, dentro do interdiscurso sobre a maternidade, há uma Formação Discursiva fomentada mais contemporaneamente que, de fato, problematiza alguns termos ligados a uma prática materna mais clássica: desenha-se, portanto, o campo de rivalidade entre bom e mau sujeito. Como já ponderado no Capítulo 1, dentro de uma FD, há o que pode e o que não pode ser dito, há discursos que são aceitos e reproduzidos e aqueles que não são licenciados. Ademais, há o sujeito que se identifica com a forma-sujeito dominante da FD a que se filia, e há o sujeito que se opõe, que a rebate, que causa as fissuras. “Mãezinha” pode recuperar um tratamento mais íntimo à mulher genitora e/ou cuidadora, mas em uma determinada representação de mundo, o vocábulo associa-se a uma visão depreciativa, a uma diminuição da função materna, como se subestimasse quem recebe a designação.

No post, a autora inicia a reflexão acenando para as várias possibilidades de pronome de tratamento com que pode ser chamada, e até admite o “mãezinha”

quando as interlocutoras são as filhas. No segundo parágrafo, no entanto, ela refuta o “mãezinha”, especialmente por aqueles que não a conhecem. Há, nesse ponto, um subentendido: o “mãezinha” é um apagamento de quem a mulher é, reduzindo-a a um indivíduo sem nome e aplainado na função de mãe. Para ilustrar o desagrado, ela relata casos – corriqueiros na vida doméstica: ela levou a filha adoentada ao pronto-socorro e foi chamada de “mãezinha” pelo médico que atendeu a menina; reclamou do comportamento de um aluno à direção da escola da filha e recebeu o “mãezinha” em um bilhete.

Em comum, as situações revelam um desagrado com o contexto em que o epíteto foi evocado. A postura do médico e a resposta da diretora remetem a um rebaixamento. Além disso, há um certo desmerecimento por parte dos profissionais à queixa da mãe, e uma invasão sentida pelo comentário do desconhecido. A palavra “mãezinha”, portanto, simboliza uma insatisfação maior da autora, fruto de um sentimento de superioridade ou de maior conhecimento que essas pessoas podem sugerir em relação a ela pelo comportamento como um todo.

Pensando sob a luz da teoria de Culioli, o primeiro processo da atividade linguística, a representação, pode, justamente, ser diferente para quem fala o “mãezinha” e para quem o escuta. As noções (ZAVAGLIA, 2010) são fruto de um trabalho psicológico e inspiradas em domínios cognitivos que extravasam o linguístico e encampam a memória, as sensações, os afetos e a cultura. Culioli assim define “noções”⁴⁰:

são sistemas representacionais complexos de propriedades físico-culturais, ou seja, propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente parte das culturas, e deste ponto de vista, examinar noções implica inevitavelmente falar de problemas do domínio das disciplinas que não podem ser reduzido apenas à linguística.
(CULIOLI, 1995, p. 34, tradução nossa)

⁴⁰ Texto original: they are complex representational systems of physico-cultural properties, that is to say, properties of objects resulting from manipulations necessarily a part of cultures, and from this point of view, examining notions inevitably implies speaking of problems of the province of disciplines that cannot be reduced solely to linguistic

A noção não precisa ser uma unidade lexical, e essa operação está no nível 1, no processo de referenciar, conforme expõe Zavaglia:

(...) o processo de referenciar não deve ser entendido como a relação entre coisas e nomes, mas sim como operações de localização entre representações dos objetos (noções) e representações das representações dos objetos (agenciamento de marcadores), entendendo objeto como um construto teórico (ZAVAGLIA, 2010, p. 50)

A acepção de “mãezinha” se distingue de acordo com o sujeito porque a representação não é a mesma. A afetividade constitui a cognição, e nela residem sentimentos e imaginações. Zavaglia retoma Culioli para refletir sobre a cognição como guardiã das noções: “Representações que organizam experiências que nós elaboramos desde a nossa infância mais remota, que nós construímos a partir de nossas relações com o mundo, os objetos, o outro; do fato de pertencermos a uma cultura, do interdiscurso no qual mergulhamos” (CULIOLI *apud* ZAVAGLIA, 2010, p. 46). Culioli já havia apontado que a representação é passível de falhas: “Não se trata de uma relação termo a termo em que uma operação de determinação possa produzir um representante único e inequívoco⁴¹” (CULIOLI, 1995, p. 22). Não há uma decodificação uniforme e precisa, porque enquanto “mãezinha”, da parte de quem enuncia, pode evocar uma demonstração de carinho, de afeto, a parte que o escuta, por ter um outro repertório, recheado de outras noções que implicam outras representações, pode interpretá-lo de modo deletério. Como Zavaglia estabelece, não se pode rastrear ou mapear a cognição particular, pertencente a cada indivíduo. Esse é um trabalho mental que escapa à análise do linguista.

Conforme a teoria de Culioli, essa organização cognitiva das representações mentais faz parte do nível 1 e é do plano do epilinguístico. O nível 2 é fruto dessa primeira operação, em que se materializam (referenciam) as operações enunciativas. É aqui, portanto, que ocorre a criatividade do usuário da língua: ao dispor de um conjunto vasto e complexo de noções, é possível decodificá-las de inúmeras maneiras, saborizando a língua com as pitadas que aprouverem à

⁴¹ Texto original: It is not a term-for-term relationship in which an operation of determination might produce a unique, unequivocal representative.

intenção, à necessidade ou ao desejo dos enunciadores. Ao concretizar uma noção em um signo, inúmeras possibilidades são evocadas, do tradicional “mãe” a variantes regionais, passando por “mãezona” e por outras brincadeiras que possam ser criadas por aquele usuário. Como a própria autora do texto ora analisado inicia seu desabafo, ela pode ser chamada de inúmeras formas, e ainda que ela não goste de algumas, como revela, esses nomes são atribuídos a partir de uma evidente atividade linguística que procura designar situações particulares, a exemplo do “mãe em tempo integral”, uma paráfrase para o “mãe que não trabalha”.

Nesse momento de nossa reflexão, há outro ponto que merece destaque: as representações guardam propriedades físico-culturais, como ensina o estudioso. O diminutivo, então, escolhido pela falante, se não tem a acepção física de “mãe pequena, diminuta”, ou seja, não corporifica uma característica do campo do real de sua interlocutora, tem, sim, a acepção cultural. Indissociavelmente, o “mãezinha” recai em um estofo cultural e em um ideário que se faz sobre a mulher que tem filho e, mais particularmente, sobre aquela mulher que tem filho com quem se está interagindo, a referida “mãezinha” do momento da enunciação. Uma hipótese a ser levantada, apenas a título de comparação e de meditação, é se uma enfermeira, por exemplo, trata como *mãezinha* todas as mulheres que atende ou apenas um determinado tipo, de uma certa faixa etária ou de uma determinada classe social. Culturalmente, a palavra “mãezinha” tem até um aroma religioso (afinal, é um vocativo em muitas preces para se referir a Maria), e talvez se encaixe em um determinado tipo de comportamento de mãe – o que recai sobre os estereótipos, que veremos a seguir.

Percebe-se, por parte do discurso da autora do texto em análise, uma consideração negativa sobre o termo, o que nos leva a crer que as noções associadas ao léxico “mãezinha” não devem ser positivas para ela. Pensemos sobre o seguinte trecho:

Ao meu ver, ser chamada de “mãezinha” por pessoas que não me conhecem muitas vezes não significa empatia, mas julgamento. Ei você, que tem o costume de chamar mulheres acompanhadas de seus filhos de “mãezinhas”, por favor, não se engane! Esta mulher também tem vida própria, pode fazer e ser uma infinidade de coisas, exceto a SUA mãe.

Particularmente, essa impressão de que a mulher que a chama de “mãezinha” não tem empatia e ainda a julga não é confirmada textualmente, porque não há, na frase que originou a celeuma, nenhum indicativo sobre essa percepção. Houve uma pergunta que levou a essa resposta: “vai tentar um menino?”, e a autora a considerou uma afronta. A Análise do Discurso pode recuperar interpretações possíveis que se aglutinam à ideia de “mãezinha” – ao sugerir que a mãe tenha mais um filho, o discurso pode remetê-la (a mãe) a uma ideia de maternidade compulsória, em que a mulher é subjugada a padrões e idealizações para conquistar uma vida feliz e uma maternidade perfeita. Esse enunciado, então, que começa com o vocativo e é emendado com o questionamento, pode levá-lo a uma Formação Discursiva que rivaliza com os valores praticados por esse sujeito: o “mãezinha” estaria associado à docilidade e à passividade que se esperam de uma mulher que tem filho e fazem parte de um estereótipo denegado pela autora do texto.

Como conclusão, entendemos com esse percurso que o vocativo “mãezinha” pode causar irritação em virtude de uma associação do léxico a uma noção socialmente negativa ou debochada do papel de mãe, que pode ser corroborada pela modulação da palavra. Mas, como não há um lastro em que seja possível identificar o nível 1 da atividade linguística, apenas são viáveis hipóteses de leitura extraídas do nível 2, quando essas representações são concretizadas no discurso e podem revelar se essa propriedade cultural é um estereótipo ou apenas uma forma terna de se referir à mulher que é mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino este trabalho refletindo se devo, nos agradecimentos, escrever: “Aos meus filhos. Apesar de vocês, eu concluí o doutorado”. Sim, “apesar de”, e não “por vocês”, como preconiza o manual da mãe perfeita e do amor incondicional. Eu não estaria sendo honesta, contudo. Não dediquei quatro anos de estudos por eles. Na verdade, eles, se fossem perguntados, iriam preferir a mãe disponível, sem afazeres, sem livros, sem nenhum obstáculo para me distrair de uma atenção integral a eles. Os filhos nos querem por inteira, infinitamente. Os projetos que não vão tocá-los diretamente o fazemos por nós mesmas – é preciso admitir e desfrutar isso.

A frase flutua ao meu redor, todavia, não sei se terei coragem para escrevê-la. Logo eu, *corajosa*, como sou repetidamente chamada por desconhecidos quando sabem o tamanho da minha prole. Não sei se quero ter meu ethos conspurcado por um “apesar de”. O que vão achar de mim? Uma mãe menos dedicada, alguém que não os ama, que não é suficiente? Esse é um título pesado e incômodo, não quero tê-lo. Nessa marola de pensamentos, o objeto de pesquisa vira a vida real: não é simples para uma mãe falar a verdade, correndo o risco de ser julgada por isso. As palavras que nos aliviam podem nos punir, e por isso a necessidade de relativizá-las. Sofremos com as falhas de comunicação, sofremos com nossas imagens arranhadas por desabafos reais. Há uma necessidade de se falar sobre a maternidade, e, sobretudo, uma legitimidade em querer preservar nosso ethos.

Quanto às nossas questões norteadoras, confirmamos que há espaço para o desabafo materno, conquistado tanto pelo ambiente virtual, que cria os mecanismos de publicação e de ramificação desse discurso, como pelo momento histórico, que dá alguma amplitude à voz das mulheres e lhes permite esse tipo de oposição ao silenciamento e à abnegação a que as mães foram submetidas até então em nossa sociedade. Também ratificamos a ideia de que, seguido a esse enunciado mais queixoso, segue-se a ressalva do amor, mitigando a mensagem de lamento em face da exaltação que se faz do filho ou da maternidade. Nossa tese,

portanto, se confirma, no entanto, a hipótese de que talvez estejamos na iminência de um acontecimento enunciativo, não. Como vimos, a posição-sujeito na maioria dos enunciados (ao menos dos coletados em nosso escopo) coincide com a forma-sujeito identificada à FD mais tradicional, não sinalizando uma ruptura com o saber vigente. Há, sim, uma revigoração dentro da FD, com a inclusão de conhecimentos contemporâneos (como a própria possibilidade de se falar sobre a maternidade), no entanto, a relativização e a identificação com estereótipos e pressupostos comuns ao discurso tradicional sobre maternidade impedem que haja a fragmentação necessária para se demarcar o acontecimento enunciativo. Quem sabe, estejamos a caminho disso, mas essa contra-identificação precisa percorrer uma trajetória longa, em que a memória de um discurso dominante segue esculpida nas práticas, nos saberes e nas sensações dos sujeitos. Se se considera um tipo de discurso materno, não se pode dizer que esse acontecimento enunciativo ocorre, todavia, já há indícios de fragmentação no interior dessa FD.

Da análise do corpus, algumas considerações merecem registro.

A primeira é a ideia de que a entidade *filho* sobrepuja a pessoa que recebe esse título. Com exceções, os posts não se referem às crianças em particular, nomeando-as ou falando características próprias delas. Essa, aliás, é uma diferença notória entre o conteúdo dos blogs e os veiculados pelo Instagram: enquanto naqueles, até pela natureza mais intimista das postagens, as autoras se reportam diretamente aos filhos, citando particularidades de cada criança, na rede social, o corpus apresentou um conteúdo mais genérico, sem uma identificação tão precisa quanto aos envolvidos nas alegrias e tristezas narradas. Ser mãe parece ser algo maior do que ter um filho nesses desabafos, como se a maternidade em si fosse a pauta, e não a criação daquela pessoa em especial.

Outro ponto de destaque é que um mesmo enunciado pode ser escrito de diversas formas. A mãe, por exemplo, pode revelar o amor ao filho de inúmeras formas, e ao fazê-lo, estará se inscrevendo em uma cena que projeta um ethos que acompanha aquela sintaxe, aquela escolha vocabular e até a cadência: desde uma mãe açucarada a uma mãe apaixonada, ou de uma mãe divertida a uma mãe mais reflexiva. Ou seja, cada uma das autoras conta seu amor de uma forma particular e

única, de acordo com seu perfil e suas ferramentas linguísticas e cada uma delas projeta um ethos diferente.

Evoca-se aqui também a atividade epilinguística, afinal, essas escolhas têm um nível inconsciente, em que uma regulação social censura e autoriza certos enunciados, ou os formula de modo a preservar um ethos aprazível. Há um entendimento – tanto consciente quanto inconsciente – do que pode e do que não pode ser dito, e também de como deve ser dito. Como tentamos defender neste estudo, a mãe pode servir-se da internet para confessar seu cansaço, mas um enunciado tão claro e assertivo talvez não lhe renda um ethos amoroso, nem a adesão patêmica, portanto, a autora vai regular o próprio texto, e com a criatividade de manipular a língua, vai passar a mensagem pretendida por meio de metáforas, eufemismos e outros recursos conotativos. Com a criatividade, é possível lapidar um enunciado mais bruto e honesto para uma mensagem suavizada e, ainda assim, verdadeira.

Um outro aspecto que deve receber nosso olhar mais criterioso em relação aos enunciados é a noção de força que permeia muitos deles. Em diferentes postagens, as enunciatóricas evocam um poder conferido pela condição da maternidade, para enfrentar as dificuldades. Observemos as seguintes ocorrências:

- No post 3, (pág. 85), **Mesversário da minha princesa**, temos a seguinte sequência discursiva: *Nasceu junto de ti uma mãe, uma verdadeira mulher. Jamais imaginei que seria tão forte o quanto hoje sou.*
- No post 5 (pág.89), podemos ler: *Eu me tornei mãe para entender que meus limites são maiores do que eu imaginava* que não preciso dormir tanto assim e que não terei o controle de tudo.
- No post 8 (pág.92), temos dois excertos com esse teor: *A maternidade é um caminho repleto de desafios e alegrias, mesmo com o cansaço do dia a dia esse amor nos traz força para vencer. ... A Bíblia nos lembra que, mesmo diante das adversidades, a maternidade é uma dádiva preciosa e um testemunho do amor incondicional e da força que uma mãe é capaz de demonstrar*

- E, ainda, no post 10 (pág. 93), encontramos: *Então vamos lá **viver esse amor que nos transforma.***

Todos esses enunciados em destaque convergem para a mesma ideia de que a mulher, ao virar mãe, ao mesmo tempo que é desafiada por dificuldades, é agraciada pela força para enfrentá-las, como se ao nascer um bebê, magicamente, surgisse uma capacidade de aguentar o que seria impensável em outras condições, ou, ainda, que a maternidade é que ofereceu a potência à mulher (e aqui se pode questionar: seria essa autora “fraca” antes de ser mãe?). De todo modo, esses fragmentos são indícios de que, inconscientemente, o discurso tradicional segue perpetuado e fresco, voltando-se a ele mesmo quando os sujeitos são mais arrojados. Esse lastro, portanto, prova que ainda não estamos vivendo um acontecimento enunciativo.

Contudo, nesse mesmo ensejo, não podemos negar que a denúncia embutida (e, muitas vezes, disfarçada) em muitos posts pode sugerir que estejamos no processo desse acontecimento enunciativo. Iaconelli (2023) está certa ao anunciar que o modelo imposto às mulheres está em ruína. Os desabafos das mães são gritos de desespero, ainda que inconscientes. As mulheres, soterradas no modelo de maternidade ideal, tentando dar conta de todas as funções que lhes são impostas, estão adoentadas – se não física, mentalmente. O padrão de perfeição imputado às mães, ao contrário de se atenuar com a passagem do tempo, acentuou-se. As redes sociais têm responsabilidade nisso: a vitrine de uma vida ficcional em que as crianças são bem cuidadas, bem alimentadas e felizes pode dilacerar quem não acompanha essas virtudes. As mães pedem socorro, mas não querem parecer desesperadas, afinal, o amor materno é um lenitivo para esse sofrimento – ou deveria ser. Não é isso que o discurso sacramentado sobre maternidade quer nos fazer crer?

Resiste-se, contudo, e as mulheres mantêm-se mães. O ethos projetado é de resistência (haja vista a “força” que elas precisam ter para superar a realidade). Envergadas, as mães aprendem a ginástica linguística, e falam para não sufocar,

mas ressaltam suas dores para não conspurcar a própria imagem: elas amam os filhos, não querem dúvidas sobre isso.

É nessa confirmação, enfim, em que aportamos: há presença do amor em todos esses enunciados. Sentimento imune ao cansaço e aos dilemas, ele segue irretocável e inabalável nos diários virtuais, nos memes e nas *hashtags*, o farol que ilumina e a âncora que firma mulheres. As mães escrevem, publicam, choram, riem, querem fugir, repensam a vida, mas, “*apesar de...*”, em momento algum questionam a existência daquilo que sentem ser o maior amor do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 9 – 29.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos** 19. Campinas: Unicamp, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. A saia de Marilyn: do arquétipo ao estereótipo nas imagens midiáticas. **E-compós**, Brasília, v.12, n.1, jan/abr. 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173217/000702821.pdf?sequence=1> Acesso em 20 jun. 2023.

BASSIN, Donna, HONEY, Margaret e KAPLAN, Meryle Mahrer. Representations of Motherhood. Yale University, 1994.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980

BLOOD, Rebecca. Introduction. In: **We´ve got blog – how weblogs are changing our culture**. Cambridge: Perseus Publishing

BRAGA, Amada. Análise do discurso: novos olhares. **Eutomia**, v.1, n. 9, 2012, p. 381-393. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/viewFile/956/735/> Acesso em 1 de jul. 2023.

CANANÉA, Lilian Teixeira et. al. Maternidade em pauta: reflexões sobre ativismo digital e sua relação com a competência em informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 20-39, set./dez. 2018

CANÇADO, Márcia. **Posições argumentais e propriedades semânticas**. In: **DELTA**, 21, v. 1, 2005, p. 23-56.

_____. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2.ed. ver. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

CISLARU, Georgeta. Writing(s) at the crossroads: the process-product interface. In: CISLARU, G. (ed.) **Writing at the crossroads - the process-product interface**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015, p. 1-17

CORDEIRO, M. Mãe: a invenção da história. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

COURTINE, Jean- Jacques. O chapéu de Clémetis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. IN: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CUNHA, Helia Coelho Mello. Diminutivo: o grau que afaga ou afasta. **Revista Philologus**, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014, p. 992 -1000.

CULIOLI, Antoine. **Cognition and representation in linguistic theory**. John Benjamins Publishing Company. 1995.

DUNKER, Christian. **Paixão da ignorância: a escuta entre psicanálise e educação**. São Paulo: Ed. Contracorrente, 2020, p. 97-111.

EGGS, Ekkehard. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. IN: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. Interação e Linguagem: balanço e perspectivas. In: **Calidoscópio**, Vol. 3, n. 3, p. 214-221, set/dez 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: Possenti, S. (org.) **Mas o que é mesmo “gramática”**. São Paulo: Parábola, 2006[1991], p. 34-10.

FUCHS, Catherine. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. Trad. Leticia Robert. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, no. 7, 1984, p. 77-85

GERALDI, João Wanderely. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERMIC, Eloise et. al. The impact of instagram mommy blogger content on the perceived self-efficacy of mothers. **Sage Journals**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/20563051211041649>

GIMENEZ, Izabel. Monica Benini faz relato emocionante sobre ser mãe: “Muito mais difícil do que parece”. **Pais & Filhos**. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/familia/monica-benini-faz-relato-emocionante-sobre-ser-mae-muito-mais-dificil-do-que-parece/> Acesso em 1 jul. 2020.

GONÇALVES, Maria Helena; PETRILLI, Laslei Aparecida. A perda do filho à luz de arquétipos maternos cristãos e gregos. **Revista Cereus**, v. 5, n. 1, abril/2013. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/3/154>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HRDY, Sarah Blaffer. **Mãe Natureza: uma visão feminina da evolução: maternidade, filhos e seleção natural**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

IACONELLI, Vera. **Manifesto Antimaternalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua**. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008, pp.9-33. (Col. Ensaios, 22)

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

_____. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

INFURNA, Thaisa. A difícil arte de maternar. **Precisamos falar sobre isso**. Disponível em: <https://temosquefalarsobreisso.wordpress.com/2017/04/20/a-dificil-arte-de-maternar/> Acesso em 1 jul. 2020.

LIM, Ming Kuok. **Blogging and democracy: blogs in Malasyan political discourse**. Tese de doutorado. Pennsylvania State University, 2009.

LINS, M. P. P.; MARCHEZI, Natalia Muniz. As estratégias de polidez e a organização tópica em entrevistas impressas. **Cadernos do CNLF** (CiFEFil), v. 12, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique e CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editoria, 2015.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. IN: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018b, p; 69 – 92.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução: F. Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?format=pdf&lang=pt>

Acesso 15 jun. 2023.

MARCHESIN, Mari. Mãezinha, só para as minhas filhas! **Desafio Mamãe**. Acesso em 21 abr. 2021. Disponível em: < <http://www.desafiomamae.com.br/maezinha/>

MOTA-RIBEIRO, Silvana. 'Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo'. **IV Congresso Português de Sociologia**, Universidade de Coimbra, 17-19 de abril de 2000. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Fertilidade e infertilidade na Bíblia: Suspeitas a partir da teologia feminista. **Revista Aulas**, Dossiê Religião n.4 – abril 2007/julho 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_3.pdf Acesso em 20 jul. 2023

NEVES, Maria Helena. de Moura. O coordenador interfrasal mas — invariância e variantes. **Alfa**, São Paulo, 28:21-42, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3665/3434> Acesso em 20 mai. 2020

OLSON, David. Language, literacy and mind: the literacy hypothesis. In: **Psykhé**, n.1, v.18, 2009, p. 1-9.

ONGARATTO, Sabrina. Mães e trabalho. **Revista Crescer**. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-eTrabalho/noticia/2019/05/desabafo-se-tenho-um-trabalho-tenho-socialmente-um-valor-porque-esse-o-de-maternar-ainda-e-insistentemente-nao-visto.html>> Acesso em 10 jul. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Orlandi at. al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. **Análise automática de discurso**. IN: GADET, Francaise, HAK, Toni. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PESCE, Luisa Ruzzarin e LOPES, Rita de Cássia Sobreira. "O Lado B da Maternidade": Um Estudo Qualitativo a partir de Blogs. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, 2020, vol. 1., n.1, Disponível em: https://www.academia.edu/83210265/O_Lado_B_da_Maternidade_Um_Estudo_Qualitativo_a_partir_de_Blogs

PEZATTI, Erotilde Goreti. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no Português – uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. **Alfa**, São Paulo, v. 38, p. 37-56, 1994

PIEPER, Josef. O que é amor? Traduzido por Gabriele Greggersen Bretzke Jean Lauand. **Rev. Fac. Educ. [online]**. 1992, vol.18, n.2, pp.253-263.

POSSENTI, Sirio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Gramática e Análise do Discurso. IN: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, jan./jun., 1992, p. 161-166.

_____. **Os humores da língua - Análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PRI, Albano Dalla. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade da linguagem. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 50-65, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>>

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REIS, Natalia Casto. Cena englobante, Cena genérica e Cenografia: a encenação discursiva em "Beira rio, Beira vida". **Anais Eletrônicos**. VII Cogite – Colóquio sobre Gêneros & Texto, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11683>

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts Institute of Technology, 2014.

SILVA, Jonathan Chasko da e ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, 2017.

SIQUEIRA, Vinicius. Formação Discursiva e Interdiscurso – Michel Pêcheux. **Colunas Tortas**. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/formacao-discursiva-e-interdiscurso-michel-pecheux/>

SOARES, Ana Paula Muller. **Ativismo digital materno: características e interfaces do movimento de mães em rede com a mídia independente e os feminismos**. Dissertação [Mestrado em Mídia e Cotidiano]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/11329/Ana%20Paula%20Muller%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ZANONI, P. A.; BITENCOURT, L.; FARINA, E. A *lógica aristotélica*. In: **Revista Pandora**. Brasil, Nº 75, out., 2016, s/n. Disponível em: <<https://bit.ly/2>

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 13-68.

ANEXOS

ANEXO I

1) Blog Potencial Gestante – data da postagem: 4/5/2012

desabafo de uma mãe de primeira viagem (eu) sobre seu filho que demandava atenção plena e integral nos primeiros meses de vida}

até hoje sofro com minhas contradições maternais. ou melhor, com minhas contradições por ser maternal.

literaturas instruem e estragam.
será a ignorância uma benção ou uma maldição?

antes de engravidar eu lia muito sobre gravidez, bebês, crianças e idealizei muitas coisas maravilhosas: queria um parto natural, fraldas de pano, bebe no sling e cama compartilhada. queria toda essa maravilhosidade da maternidade natureba que lê-se por aí.

entao o bebê foi gerado, parido, nascido e agora deparo-me com contradições diárias. a chupeta contra a qual eu lutava entrou pra rotina e, falando nisso, a tal rotina veio não sei se pra me ajudar ou estragar tudo de vez. tentei voltar para a livre demanda mas fiquei com medo de “estragar” meu filho com tanto peito e colo.

sabe como eu queria mesmo criar o benjamin? grudado em mim o dia inteiro, ora no peito, ora no sling e na hora de dormir, juntinho comigo na cama (como fazemos em algumas manhãs). lendo sobre cama compartilhada vi os benefícios que isso traz à auto-estima da criança, aos hormônios de ambos e à criação de laços afetivos, mas se ele dorme na nossa cama, quem não dorme somos nós. li sobre as chupetas e que a quantidade de malefícios supera e muito os benefícios da *mardita*. li sobre tudo de bom que é amamentar em livre demanda, mas eu sofro com ela porque não consigo mais nem almoçar em paz. ou melhor, não consigo mais almoçar nada.

aí me dizem o que eu mesma sempre disse: siga sua intuição. pra falar a verdade eu sei BEM o que a minha intuição está me dizendo, mas eu tenho medo. medo de criar um filho totalmente dependente de mim, medo do que os outros vão dizer, medo de ter um filho mimado ou sei lá do que mais tenho medo.

mas no fundo no fundo, acho que é medo de me apaixonar mais ainda por esse pequeno bichinho de goiaba. de ficar totalmente entregue às suas vontades. isso porque eu sempre quis ter o controle de tudo. e viver às custas dos filhos é perder totalmente o domínio da situação.

as pessoas são cheias de traumas e muitas vezes (quase sempre) te aconselham baseadas em suas próprias experiências de vida. não que elas queiram ver seu mal, ao contrário: muitas vezes querem evitar que você passe pelo mesmo sofrimento delas.

pessoas que passaram pelo divórcio geralmente te aconselharão a ter sua vida paralela, a não se doar por inteiro para, no caso de seu casamento não dar certo, você não ficar completamente desorientado.

quem não conseguiu alcançar a tal carreira almejada por falta de instrução vai te aconselhar a estudar, fazer faculdade, especialização, concurso público e o escambau pra você nunca ficar sem emprego. pais que sofreram por terem doado-se ao máximo por seus filhos sem nunca receberem o reconhecimento devido te ensinarão que os filhos um dia irão deixar seu ninho, os pais ficarão

sozinhos e sua vida há de continuar.
e daí por diante.

de fato, todos os conselhos acima são super válidos e legítimos dentro da vivência e equilíbrio de cada um, mas não precisam necessariamente fazer parte da minha ou da sua vida. afinal, cadum cadum, né?

mas por outro lado fico imaginando se eu conseguirei conciliar esta idealização com o o estilo real de vida que levo. sera possível?

* * *

hoje, 1 ano e 5 meses depois de ter escrito este post, voltei para reler este texto e tirá-lo do rascunho.

pra quem quer saber o final da novela, a cama compartilhada nunca deu certo aqui em casa, a rotina da encantadora de bebês foi exorcizada de nossas vidas com louvor, a chupeta continua até hoje, bem como a amamentação em livre demanda, que tornou-se o sucesso da casa, especialmente no primeiro ano de vida (aliás, estou digitando com uma mão só porque neste exato momento o pequeno está a mamar).

seguí minha intuição com força e acredito que deu certo pra gente aqui em casa.

aos poucos eu pude voltar a almoçar (especialmente depois que ele começou a comer) e hoje já somos cheios de truques e malabarismos para conseguir fazer muitas coisas com ele por perto.

ao contrário do que pregam os militantes contra a livre demanda e o colo full time, ele não ficou mal acostumado. claro que o benjoca é muito afeiçoado a mim e eu não vejo demérito nenhum nisso. pelo contrário.

mas ele é um menino muito alegre e independente e está cada vez mais difícil arrancar dele um abraço ou um beijo. ou seja, eu aproveitei muuuuito o tempo do grude grude, dei todo o colo, beijo e carinho que ele precisava. mas agora ele já entrou na fase de querer descobrir o mundo com seus próprios olhos.

eu continuarei a persegui-lo para arrancar dele beijos e colos até o dia em que me der netos (aí eu corro atrás dos netos, deixo eles *mal acostumados* - e brigo com minha nora).

DIENER, Luiza. Potencial Gestante. Sobre o medo da entrega total. **Potencial Gestante**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120510125610/http://potencialgestante.com.br/medo-da-entrega/>

ANEXO II

Blog Manual da Família Moderna – data da postagem: 9/3/2012 -Tati Sabadini

A dor e a delícia de ser mãe - a saga continua

Os primeiros três meses têm sido um desafio. Cada dia é uma aventura, o encontro com o desconhecido, a intensidade que chega e não quer ir embora. Quando a gente acha que tá tirando de letra, a página vira. Eu não sei como foi com vocês, mas ninguém me contou que os primeiros meses eram tão intensos. Sim, é um amor que não acaba mais, uma descoberta maravilhosa de um novo ser, porém é um desafio constante e um trabalho sem fim. Cada hora é uma coisa diferente.

Agora, eu me descobri como uma mãe de coração partido. As meninas começaram a ficar incomodadas de uns dias para cá e não era mais cólica. Acontecia sempre depois das mamadas, especialmente quando elas tomavam o complemento. Desconfiamos de refluxo. Elas choravam, faziam cara feia e tinham dificuldade para arrotar a cada mamada. A Isabella sofria mais. Fomos no pediatra e ele passou uma ecografia para as duas, mas só consegui maracar para o fim do mês. No mesmo dia, elas pioraram. Choraram muito, Isabella vomitou duas vezes e a Maria uma vez. Foi uma madrugada intensa.

No dia seguinte, nenhuma melhora. Isabella não queria comer. Nada de peito ou mamadeira. Elas começavam a chorar muito quando chegavam perto do peito, mas não era rejeição, mas dor. E acho que, para piorar, mudamos o leite artificial delas, o médico indicou o de soja e elas não se adaptaram. As duas ficaram tão inquietas que eu e o Marco não demos conta sozinhos. Meus pais dormiram aqui em casa ontem e hoje devem fazer o mesmo. Liguei para o médico e ele passou um remédio. E depois outro. Desde então, estamos sofrendo com isso. Elas deram uma melhorada hoje, mas todo o processo é sofrível. Dá um aperto no peito ver as meninas assim. A melhor hora do dia para elas, que é o mamar, ficou difícil. Já chorei com elas, rezei e estou fazendo de tudo para que elas melhorem. E sei que isso vai passar.

O processo não acaba nunca. Primeiro veio a cólica. Resolvemos, as meninas ficaram mais aliviadas e seguimos com a nossa rotina. Eu tava achando que estava bombando na amamentação, que tinha diploma de master, aquela coisa toda, e o que acontece? Tudo muda de uma hora para outra. Há quase uma semana meu bico rachou e fez uma ferida daquelas! Saiu sangue e eu travei. Corri para internet, anunciei no facebook e consegui uma pancada de dicas.

A primeira coisa que eu tentei era obviamente errada: insisti em dar o peito ferido. Saiu tanto sangue que eu fiquei com ânsia de vômito e olha que eu não tenho a mínima frescura com essas coisas. Pobre Maria parecia uma vampira. Chorei, chorei e chorei. E já tinha sentenciado o fim da minha amamentação. Como iria conseguir alimentar as meninas sem um dos seios? O problema, ou melhor, a vantagem é que não dá para desistir tão fácil assim do negócio, o leite ainda tá ali e o peito pede para ser consumido.

Peguei todas aquelas informações que me passaram e tomei como regra as que eu achava que seriam melhor para mim. Resolvi deixar a ferida cicatrizar por 24 horas. As meninas só mamavam em um seio, 10 minutos cada, e depois tomavam a mamadeira. Foi uma loucura. Achei que elas iam querer lagar o peito depois dessa, mas não! Elas ainda estão mamando firme e forte!

Passei o óleo dersani na ferida e no outro bico para prevenir e usei a conchinha de amamentação para não abafar o seio, segundo me aconselharam. Tirei leite do seio ferido, mas mesmo assim ele ficava cheio e o bico ficou sempre úmido de leite, o que foi o melhor remédio para a ferida. O leite materno cura tudo.

No dia seguinte, usei um protetor de bico para amamentar e deu certo. Mas, o outro seio depois de ser muito usado ficou rachado também, é claro. Dei um tempo nele, mas não mais do que mamada. A Isabella não gostou muito do protetor de bico e acabei descartando. No fim, elas estavam mamando bem de novo e os seios estavam menos doloridos. Agora, eu sempre esfrego um pouco de leite depois de cada mamada e estou usando uma pomada de lanolina que uma amiga me deu. E no mais, não quero saber mais de drama na amamentação.

É isso. Estamos na luta e a saga continua. E para falar a verdade, apesar do desafio constante, não consigo mais me imaginar fazendo outra coisa a não ser ficar do lado delas. É tão bom cuidar delas. Sinto que amadureci tanto em tampouco tempo e a sensação é boa. E tenho certeza que esta fase vai passar rápido e dias melhores virão. Amanhã as duas completam 2 meses. Tudo o que eu quero é bolo, guaraná e paz.

SABADINI, Tati. A dor e a delícia de ser mãe - a saga continua. **Manual da família moderna.** Disponível em: <https://manualdafamiliamoderna.blogspot.com/2012/03/dor-e-delicia-de-ser-mae-saga-continua.html>

ANEXO III

Blog Projeto de mãe – data da postagem: 3/6/2013

Dão trabalho?

Já ouvi inúmeras vezes a pergunta: “Mas eles dão trabalho?”.

Daí que na sexta pela manhã, quando estava sozinha com a dupla, pensei que não existe melhor resposta para tal questionamento do que narrar algumas horas o nosso dia.

Na sexta, por exemplo, tudo o que eu queria era ficar na cama até um pouco mais tarde. No entanto, a Clara acordou 7h30min. Permanecemos deitadas, eu quase cochilando e ela brincando ao meu lado. Logo depois, 8h15min, o Vítor acordou. Fiz a mamadeira e enquanto ele tomava comecei a arrumar as camas com a Clara por perto. Quando ele terminou o leite, constatei que os dois estavam com as fraldas sujas. Irmãos coordenados até na hora de fazer cocô.

Tiro a roupa da Clara e verifico que o estrago foi grande. Vazou e vou ter que dar um banho na criança. Ligo o chuveiro para encher a banheira com ela meio pendurada no meu colo, cuidando para não sujar meu pijama. Acontece que a espertinha aproveita um momento de distração e faz xixi em mim.

Dou banho nela com a parte de cima do pijama molhada de xixi. Enquanto isso, o Vítor brinca na sala. Tiro a moça da banheira, a visto, coloco no berço com alguns brinquedos e preparo o banho do Vítor. Dou banho nele ouvindo o choro da Clara, impaciente.

Arrumo o Vítor e coloco um DVD para os dois se distraírem na sala. Assim, consigo tomar um banho rápido (leia-se rápido de 2 minutos).

Eu me troco e vou tomar café da manhã, obviamente com os dois ao meu redor, querendo comer tudo que pego pra mim. Nisso, olho no relógio: 10 horas. Vamos desenhar no quarto e brincar no chão. O Dexter tenta lamber a Clara, que tenta me escalar. O Vítor chora porque o papel amassou. E assim seguimos, no malabarismo materno de sempre.

Agora, tirem as próprias conclusões. Eles dão trabalho?

A única coisa que eu digo é que tem dias que não é nem meio dia ainda e eu já sonho com a hora de deitar na cama e dormir. Mãe cansada feelings.

ETGES, Ananda. Dão trabalho? **Projeto de mãe.** Disponível em: <https://projetodemae.wordpress.com/2013/06/03/dao-trabalho-2/>

ANEXO IV

MÃEZINHA, SÓ PARA AS MINHAS FILHAS!

31 DE AGOSTO DE 2016

São conhecidos os pronomes de tratamento. Já fui senhorita, hoje sou senhora, madame (em francês, senhora), dona. E, preferencialmente, **você** (contração de Vossa Mercê). Eventualmente, quando estou com minha(s) filha(s), me chamam de “mãezinha” (Isso provavelmente acontece com você também, principalmente se seu filho(a) ainda for bebê).

Para mim, vulgo “mãezinha”, pois assim como não gosto do termo “mãe em tempo integral” (como expliquei [neste](#) post), também não gosto de ser chamada de “mãezinha” por pessoas que desconhecem inclusive meu primeiro nome. Minhas filhas podem me chamar de mãe, mamãe, mãezinha, mainha e qualquer variante da palavra mãe. Agora, pessoas que mal me conhecem, por favor, não me chamem de “mãezinha”.

Minha caçula começou com tosse sexta-feira a noite, no entardecer do domingo a tosse piorou. Segunda-feira, às 08 da manhã, ligo para o pediatra informando tal situação. Seguindo as instruções do pediatra há 2 dias e sem melhoras, a levo para o pronto-socorro na quarta-feira. O pediatra mal a examina e receita: “Xarope de 8 em 8 horas, mãezinha”.

Minha filha mais velha chora para voltar para a escola depois das férias e se queixa que determinado coleguinha bate nas outras crianças. Após o retorno às aulas, minha filha volta a se queixar que o mesmo coleguinha bateu em outra criança, bateu em suas costas e a ameaça constantemente com o olhar e fazendo gestos com as mãos. Sem querer esperar pela reunião de pais e professores, envio reclamação via agenda e cobro providências. A professora responde: “Conversamos com o aluno, mãezinha”.

Sábado ensolarado, coloco a mais nova no carrinho e levo minhas filhas para o parque com o propósito de expô-las aos raios solares. Encontro muitas pessoas desconhecidas. Uma delas aproveita a ocasião e faz perguntas: “Quanto tempo ela tem?” – se referindo à caçula.

“Qual a idade dela?” – se referindo à mais velha. “E agora, não vai tentar um menino, mãezinha”?

Ao meu ver, ser chamada de “mãezinha” pelos médicos significa que não sei absolutamente nada sobre a ciência médica e que estou exagerando em relação aos sintomas da minha filha. Doutores e enfermeiros, por favor, não se enganem! Uma mãe pode reconhecer os sintomas de uma enfermidade muito mais rápido do que você, pois conhece o seu filho.

Ao meu ver, ser chamada de “mãezinha” pelos professores, significa que não entendo nada de pedagogia e que estou apenas me queixando da escola. Professores, por favor, não se enganem! Uma mãe pode conhecer as dificuldades do seu filho e reconhecer situações mais graves muito mais rápido do que você, pois conhece o seu filho.

Ao meu ver, ser chamada de “mãezinha” por pessoas que não me conhecem muitas vezes não significa empatia, mas julgamento. Ei você, que tem o costume de chamar mulheres acompanhadas de seus filhos de “mãezinhas”, por favor, não se engane! Esta mulher também tem vida própria, pode fazer e ser uma infinidade de coisas, exceto a SUA mãe.

Abraços,

MARCHESIN, Mari. Mãezinha, só para as minhas filhas. **Desafio mamãe**. Disponível em: <https://www.desafiomamae.com.br/maezinha/>